



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA – PPGB
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA – MPB**

LOURDES MARIA DOS SANTOS

**SUBSÍDIOS TEÓRICO-APLICADOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM
GLOSSÁRIO NO CONTEXTO DA EPISTEMOLOGIA
BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAL**

**RIO DE JANEIRO
2017**

LOURDES MARIA DOS SANTOS

**SUBSÍDIOS TEÓRICO-APLICADOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM
GLOSSÁRIO NO CONTEXTO DA EPISTEMOLOGIA
BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Linha de Pesquisa 2: Organização e Representação do conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

RIO DE JANEIRO
2017

S237b

Santos, Lourdes Maria dos. -

Subsídios teórico-aplicados para a elaboração de um glossário no contexto da epistemologia biblioteconômico-informacional / Lourdes Maria dos Santos. --2017.

139p.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

1. Glossário. 2. Organização do conhecimento. 2. Epistemologia biblioteconômico-informacional. 3. Terminologia. 4. Maria Nélide González de Gómez. I. Silva, Gustavo Saldanha. II. Título.

CDD 025.5

SUBSÍDIOS TEÓRICO-APLICADOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO NO CONTEXTO DA EPISTEMOLOGIA BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha - Orientador
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Profa. Dra. Maria Luiza de Almeida Campos
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. Patrícia Vargas
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Júnior
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a minha filha Tathiana, uma mulher de força e delicadeza que nutre a minha vida e está sempre ao meu lado. Ela me ensina a desenvolver a força da mulher em seus diversos campos de batalha, o quanto é importante o empoderamento feminino e o entendimento pessoal frente as diversas relações. Dedico também a três pessoas muito importantes, sem ordem de privilégios que são: Thayron Rangel, Marcia Feijão e Gustavo Saldanha. O Thayron foi responsável por me reacender o desejo pelos estudos na pós-graduação; Márcia é uma amiga ímpar e esteve e está comigo o tempo todo nesta caminhada; e, por fim, Gustavo, meu orientador amigo, que pegou na minha mão e caminhou comigo lado a lado nesta jornada do conhecimento científico, aprendi com ele a desenvolver a humildade, o gosto pelas descobertas e por simples e pequenas contribuições. Sim, eu tive apoio incondicional nas horas mais difíceis e com ternura. Gustavo, eu mudei este final onde eu reafirmo seu apoio, obrigada por tudo!

Thayron, Marcia e Gustavo, meus eternos agradecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Velho Loyola, que não se encontra mais entre nós, e a D. Deca – meus lindos pais, minha irmã Alba, minha filha Tathiana e ao meu genro Raphael por todo incentivo e paciência ao longo da minha vida acadêmica e nestes dois últimos anos. Vocês estão sempre no meu coração.

Agradeço a turma do mestrado 2015, sem vocês, os risos, as preocupações e a mureta da Urca ... nada seria igual! Cila valeu pela cópia do livro de Alain Rey. Foi essencial. Outros agradecimentos especiais a Verônica, Bernardo e Mariana. Pessoinhas maravilhosas que me ampararam em momentos diferentes quando os acontecimentos se negavam a ajudar. Vida longa, amores!

Graciele e Adriana, obrigada por dividir a minha casa, as minhas angústias e as minhas loucuras. Foi bom demais! Meninas, meu coração ferve por vocês.

Agradeço a todos os professores pelas reflexões que me provocaram novas percepções. Saibam: assombros e perguntas estão em mim também.

Agradeço a Dilza Ramos Bastos, doutoranda em Ciência da Informação do PPGCI IBICT UFRJ. Vocês contribuíram muito na etapa final deste trabalho. Queridas amigas: Monica J. Carvalho, Juliana Lopes, Ana Carolina Sade, Ana Paula Lima, Luziânia Jordão Lessa e Claudine Peralles. Vocês também entram aqui. Gratidão pela torcida!

Agradeço aos últimos 12 anos do Governo Lula, o governo mais popular e democrático que vivi; período quando os investimentos em saúde e educação primaram pela redução das diferenças em direção à transformação social. E cá estou eu, finalizando meu mestrado.

E, por fim, agradeço muito a Deus e à bela Odoyá Iemanjá que me sustentaram e me deram força para completar mais esta etapa da minha jornada.

EPÍGRAFE

“O caminho é uma coisa poderosa, tão logo começamos a mover-nos sobre ele, é como se fosse realmente vivo.” (JUNG; FOOTE, 1976, p. 377)

SANTOS, Lourdes Maria dos. **Subsídios teórico-aplicados para a elaboração de um glossário no contexto da epistemologia biblioteconômico-informacional**. 2017. 139 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia). Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo criar subsídios teórico-metodológicos para a elaboração de um glossário experimental especializado na epistemologia biblioteconômico-informacional a partir dos conceitos produzidos em seu escopo histórico-teórico. Como cenário populacional delimitado para o experimento dentro do universo epistemológico do campo, elegeu-se a produção de ideias oriundas do pensamento de Maria Nélide González de Gómez, dada sua reconhecida distinção como filósofa e epistemóloga do campo. O estudo se justifica a partir do problema da organização dos conceitos no quadro epistemológico biblioteconômico-informacional, com vistas ao acesso e à apropriação de uma produção conceitual que permitam o reconhecimento de um olhar histórico sobre as ideias tecidas em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Para a contextualização do problema de pesquisa e a realização dos objetivos, o referencial teórico recorreu a) à história do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e à trajetória inicial da pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil; b) à narrativa biobibliográfica de e sobre González de Gómez; c) aos estudos teóricos sobre fontes de referência especializadas; d) à teoria da terminologia. Reconhecendo a pesquisa como uma investigação teórico-exploratória com demonstrações empíricas, os procedimentos metodológicos foram orientados para a identificação, a seleção, a análise e a compreensão dos conceitos produzidos por González de Gómez. Para tal, foi construída a ficha de identificação de conceito, baseada na estruturação teórico-metodológica do percurso da pesquisa, ou seja, na relação entre o pensamento biblioteconômico-informacional, as propostas teóricas da biobibliografia de González de Gómez e as aproximações tecidas entre as fontes de referência especializadas e a teoria da terminologia. A pesquisa gerou 56 (cinquenta e seis) fichas e foram selecionados 8 (oito) conceitos de 4 (quatro) artigos de González de Gómez como amostra empírico-demonstrativa para a apresentação dos resultados. Os conceitos foram descritos segundo as categorias definidas pela abordagem teórico-metodológica sumarizadas na ficha de identificação de conceito. O estudo concluiu que o experimento elaborado no curso da pesquisa pode atuar como protótipo ferramental para a organização do conhecimento no contexto da reflexão epistemológica no campo biblioteconômico-informacional.

Palavras-chave: Glossário. Terminologia. Epistemologia da Biblioteconomia & Ciência da Informação. Maria Nélide González de Gómez. Conceito.

SANTOS, Lourdes Maria dos. **Theoretical-applied subsidies for the elaboration a glossary in the librarian-informational epistemology context.** 2017. 139 p. Dissertation (Librarianship Professional Master). Librarianship Graduate Program (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2017.

ABSTRACT

The research aimed to create theoretical-methodological subsidies for a epistemological Library and Information Science glossary, based on concepts produced in its historical-theoretical scope. The population delimited for the experiment is the ideas production from the Maria Nélida González de Gómez's thought, given its recognized distinction as a brazilian philosopher of the domain. The González de Gómez's work represents the most permanent theoretical productions in Latin America Librarianship and Information Science in the last thirty years. The study is justified from problem of conceptual organization in the field, mainly in the epistemological framework. The theoretical approach revises a) the Brazilian Information Institute in Science and Technology (IBICT) and the initial trajectory of the in Library p and Information Science in Brazil; B) the González de Gómez biobibliographic narrative; C) the theoretical studies on specialized reference sources; D) the terminology theory. Recognizing the research as a theoretical-exploratory research, the methodological procedures are oriented to the identification, selection, analysis and understanding of the González de Gómez concepts. To this focus, a concept identification card was designed, directly based in the theoretical-methodological structuring of the research course, that is, in the relationship between Library and Information Science thinking, as theoretical proposals of González de Gómez and as approximations woven between how specialized reference sources and terminology theory. The study generated 56 (fifty-six) records and which selected 8 (eight) concepts from 4 (four) González de Gómez' articles as a sample for results presentation. The concepts were considered as categories defined by the theoretical-methodological approach summarized in the concept identification form. The study concluded that the experiment developed in the research course can act as a social prototype for a knowledge organization in the epistemological reflection context not in the library-informational field.

Keywords: Glossary. Terminology. Library and Information Science Epistemology. Maria Nélida González de Gómez. Concept.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Teoria do conceito	34
----------	--------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Espécie de conceitos segundo a teoria do conceito de Dahlberg ...	35
Quadro 2	Traçado geral de fonte de referência - Proposta de Enildes Faulstich	39
Quadro 3	Planejamento e elaboração de fonte de referência - Proposta de Krieger & Finatto	39
Quadro 4	Critérios de avaliação de fontes de referência – Proposta Silberger e outras	40
Quadro 5	Relação entre conceitos (Fontes) – Wüster	46
Quadro 6	Modelo de ficha de identificação do termo – primeira versão	48
Quadro 7	Relação lógica entre conceitos	51
Quadro 8	Modelo de ficha de identificação de conceito – protótipo inicial	52
Quadro 9	Modelo preenchido de ficha de identificação de conceito adotada na pesquisa	53
Quadro 10	Ficha de identificação de conceito 7 – Lócus antológico do conhecimento	55
Quadro 11	Ficha de identificação de conceito 14 - Definição	57
Quadro 12	Ficha de identificação de conceito 17 – Sociedade contratual	59
Quadro 13	Ficha de identificação de conceito 20 – Lócus da informação na esfera do estado	61
Quadro 14	Ficha de identificação de conceito 32 – fluxo mundial da informação	63
Quadro 15	Ficha de identificação de conceito 34 – paradigma identitário	65

Quadro 16	Ficha de identificação de conceito 41 – Saber [filosófico]	67
Quadro 17	Ficha de identificação de conceito 44 – Artefato	69
Quadro 18	Quadro de resultados obtidos revisados a partir da proposta de Enildes Faulstich	70
Quadro 19	Quadro de planejamento de fonte de referência – proposta e decisão	71

LISTA DE SIGLAS

BCI	BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BRAPCI	BASE REFERENCIAL DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CNPq	CONSELHO NACIONAL DESENVOLVIMENTO CIENTIFICO E TECNOLÓGICO
DASP	DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO
IBICT	INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA
IFCS	INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
SIC	SERVIÇO DE INTERCÂMBIO DE CATALOGAÇÃO
TGT	TEORIA GERAL DA TERMINOLOGIA
UNESCO	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1	O IBICT E A FORMAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO INSTITUCIONAL ONDE SE CONSTITUIRÁ O PENSAMENTO DE GONZÁLEZ DE GÓMEZ PARA O CAMPO BIBLIOTECONÔMICO-INFORMACIONAL	21
2.2	NARRATIVA BIOBIBLIOGRÁFICA DE E INSTITUCIONAL SOBRE MARIA NÉLIDA GONZÁLEZ DE GÓMEZ	25
2.3	DAS FONTES DE REFERENCIA ESPECIALIZADAS AOS GLOSSÁRIOS: A CAMINHO DE UM MODO DE OBSERVAR UMA PRODUÇÃO CONCEITUAL EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	27
2.4	O USO DA TERMINOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE OBRA DE REFERÊNCIA: A CAMINHO DE UM MÉTODO	29
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1	CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	37
3.1.1	Os glossários filosóficos: análise de modelos na produção acadêmico-científica	41
3.1.2	Dos glossários filosóficos ao experimento na epistemologia biblioteconômico-Informacional: a caminho da ficha de identificação de conceito	45
4	RESULTADOS	54
4.1	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	54
4.2	DISCUSSÃO DOS DADOS	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS.....	77
	APÊNDICE - Relação de fichas de identificação de conceitos	80

1 INTRODUÇÃO

A construção do campo biblioteconômico-informacional sempre esteve diretamente relacionada ao trabalho em instituições como bibliotecas e às ênfases aplicadas no plano das práticas de organização do conhecimento. Essa relação de extrema relevância para o campo, que delineia sua trajetória e seu perfil, terminou por afastar, em dados contextos, a necessidade de uma discussão sobre os fundamentos e as correntes epistemológicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI).

No Brasil, o percurso de construção da pós-graduação no campo a partir da atuação direta de bibliotecárias como Lydia Queiroz Sambaquy, Janice Monte-Mor, frente ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), posteriormente Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi acompanhado por um processo histórico de reflexão teórica, que ganhará seu aprofundamento quanti e qualitativo a partir dos anos 1990.

A última década do século XX será marcada no campo pela intensificação do debate histórico-epistemológico. No período, sobressaem, por exemplo, os estudos de pesquisadoras como Regina Maria Marteleto, Solange Puntel Mostafa, Maria Lena Vânia Ribeiro Pinheiro e Maria Nélide González de Gómez, dentre outras, que atuarão diretamente na elaboração das abordagens histórico-teórico-metodológicas.

Apesar desse desenvolvimento, o campo, já ali com uma vasta teorização sobre as fontes de referência especializadas (parte do contexto das fontes de informação especializada) e a organização do conhecimento, pouco se dedicou a uma discussão sobre a dinâmica de tratamento dos dados de seus próprios construtos epistemológicos, ou seja, da classificação conceitual de sua metarreflexão com foco na filosofia e na epistemologia em BCI. No Brasil, apesar das tentativas desenvolvimento de instrumentos como dicionários e tesouros, não ocorreu, pois, no plano estritamente epistemológico, nos anos 1990, uma preocupação com a ordenação dos conceitos ligados à fundamentação de uma teoria do conhecimento biblioteconômico-informacional.

Iluminando essa problemática, o presente estudo identifica em González de Gómez uma das mais produtivas ações do pensamento no campo biblioteconômico-informacional no cenário conceitual, seja no diálogo com as teorias e as aplicações até ali tecidas, seja com distintas abordagens filosóficas clássicas e modernas,

discutidas e reapropriadas até os dias atuais pela teórica nascida na Argentina. Em 1982, a pesquisadora, formada em Filosofia pela Universidade Nacional de Rosário, concluiu o mestrado em Ciência da Informação com a temática voltada a reflexão sobre as bases teóricas do campo em intensa movimentação. Posteriormente, González de Gómez tornou-se pesquisadora do IBICT, concluindo seu doutorado em 1992. Ao longo de mais de 30 anos, a pesquisadora desenvolveu uma extensa produção bibliográfica que se encontra em livros, artigos, comunicações completas e resumos publicados em eventos.

O pensamento de González de Gómez se apresenta, pois, de um lado, como um (ainda que não o único) modelo para reconhecermos no contexto nacional a problemática da produção e da dispersão conceitual no plano epistemológico do campo, e, de outro, se coloca como potencial e vasto universo que possibilita amostras para experimentos em fontes de referência especializadas e organização do conhecimento com vistas ao acesso e ao aprofundamento do debate epistemológico biblioteconômico-informacional.

Diante de tal elaboração conceitual e dos dilemas epistemológicos do campo no contexto de sua organização, o seguinte problema de pesquisa se apresentou desde o início do estudo: como podemos ampliar as potencialidades de organização e de acesso à produção epistemológica em Biblioteconomia & Ciência da Informação? Identificou-se que, através da discussão teórico-metodológica no contexto das fontes especializadas e da teoria terminológica, com vistas à criação e à aplicação de uma ficha de representação do conceito, seria possível estabelecer subsídios para a elaboração de um glossário a partir dos construtos conceituais já manifestados no campo; logo, tal experimento viria se constituir como (parte da) solução para esse problema. Os conceitos se tornariam assim os “pontos de acesso” da construção do pensamento epistemológico e permitiriam conhecer e integrar uma bibliografia teórica em BCI.

Reconhece-se, aqui, pois, a importância da elaboração dos subsídios teóricos para o desenvolvimento de um glossário experimental a partir da bibliografia de Maria Nélide González de Gómez que virá promover outras possibilidades de acesso e de apropriação do pensamento da pesquisadora e da construção epistemológico-histórica do campo biblioteconômico-informacional.

A proposta estrutural dos passos do estudo, desta maneira, foi extrair os conceitos elaborados e/ou apropriados por González de Gómez; apresentar as margens de definição e as combinações lógicas e ontológicas, segundo Wüster e Dahlberg; relacionar as remissivas segundo Cesarino & Pinho. Assim, espera-se ampliar o diálogo entre o leitor e pesquisadora, ou seja, tornar os conceitos criados e/ou apropriados por González de Gómez um dos pontos de partida para a reflexão das bases epistemológicas em BCI, uma vez que seus estudos consistem, além de diferentes direções e tendências, em elaborar conceitos que permitam conhecer e validar o conhecimento produzido no campo.

O foco empírico do estudo está, assim, na elaboração do experimento de um glossário experimental, instrumento que se baseia na conjunção dos estudos de Fontes de Referência Especializadas e da Terminologia. Especificamente, nos interessa aqui os modos teórico-aplicados de subsidiar a constituição de um glossário filosófico. Esse tipo de ferramenta tem como fim tornar conhecido, divulgar e sistematizar um determinado conhecimento. Como uma fonte de referência especializada, o glossário apresenta os conceitos e reconhece os elementos que fazem parte daquele saber. Para um sistema de informação, o glossário se torna um instrumento de apoio na elaboração de tesouros e uma ferramenta bibliográfica de representação para recuperação da informação, o que coloca o estudo presente e seu produto na fronteira entre fontes especializadas, organização do conhecimento, terminologia e epistemologia.

Dada a contextualização do objeto de estudo, os seguintes objetivos fundamentam a pesquisa:

- Objetivo geral:

Construir subsídios teórico-aplicados para a elaboração de um glossário especializado no contexto da epistemologia biblioteconômico-informacional.

- Objetivos específicos:
 - Identificar os conceitos criados e/ou apropriados por Maria Nélida González de Gómez;
 - Sistematizar os conceitos apresentados nos artigos acadêmicos da pesquisadora;
 - Discutir a abordagem teórica sobre obras de referência e sua relação com os estudos terminológicos;

- Aplicar as abordagens teórico-metodológicas na elaboração de uma ficha de identificação de conceito;
- Realizar o experimento de apropriação da ficha de identificação de conceito a partir da produção conceitual em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Identificados os objetivos, para além dos elementos já mencionados, a elaboração do presente trabalho se justificou pontualmente a partir de dois movimentos sobrepostos, a saber:

1) Aproximar os alunos da pós-graduação e da graduação da produção epistemológica do campo, com foco na bibliografia conceitual de González de Gómez, ou seja, organizar e compartilhar os conceitos criados e apropriados pelo escopo epistemológico em BCI.

2) Discutir os processos teórico-aplicados de construção de obras de referência, tecnologia eminentemente bibliográfica, fruto do movimento histórico no plano da teorização sobre as fontes de referência e a organização do conhecimento.

Os principais referenciais teóricos adotados neste trabalho foram os estudos desenvolvidos por Lydia Queiroz Sambaquy, Lena Vania Ribeiro Pinheiro, José Mauro Matheus Loureiro e Nanci Oddone, que fundamentam a construção inicial da pós-graduação em BCI no Brasil e a busca pela formação da base teórica do campo.

Os estudos teóricos sobre fontes de referência especializada foram abordados aqui no contexto geral por Eduardo Wense Dias, Claire Guichat e Michael Menou. A teorização sobre os dicionários especializados e glossários filosóficos foi apresentada através das revisões e das definições de Paul Otlet, Bernadete Campello e Paulo da Terra Caldeira.

O uso da terminologia seguiu o percurso de interpretação do pensamento de Maria Luiza de Almeida Campos e Hagar Espanha Gomes que, juntas, apresentam Eugen Wüster e a Teoria Geral da Terminologia. Para a compreensão crítica da teoria terminológica, Alain Rey, Maria das Graças Krieger e Maria José Borcony Finatto também são adotados. Ingetraut Dahlberg, por sua vez, é apropriada no debate sobre a construção da Teoria do Conceito (TC) e sua aplicação nas fontes de referência especializada e na organização do conhecimento. A adoção da TC se dá aqui na procura pela relação direta entre o objeto de estudo da pesquisa, o método e a proposta empírica.

Quanto à organização do discurso de apresentação do estudo, o(a) leitor(a) encontrará, após a presente Introdução, a seção primária 2, que traz o referencial teórico do texto. O referencial está subdividido em quatro seções secundárias, que procuram reconhecer o IBICT e a formação da pós-graduação em BCI no Brasil; a narrativa biobibliográfica de Maria Néida González de Gómez; os estudos teóricos sobre fontes de referência especializadas e o uso da terminologia na construção de obras de referência. A seção primária 3 apresenta os procedimentos metodológicos resultantes da relação entre o objeto de estudo e a proposta teórica desdobrada do objeto para a elaboração do experimento. A seção primária 4 reúne os resultados do estudo, subdividindo-se nas seguintes seções secundárias: 4.1: a apresentação e análise dos conceitos reconhecidos a partir de uma amostra de fichas de identificação de conceito, que se desdobra em 4.2, ou seja, a discussão dos dados analisados. A seção primária 5 revisa o percurso do estudo, identificando as considerações finais da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para reconhecer o cenário de construção de um pensamento e o contexto teórico de manifestação dos conceitos oriundos da trajetória das ideias, o referencial que estrutura o delineamento do objeto de estudo foi dividido em quatro dimensões complementares. O foco esteve em aproximar as relações entre o pensamento de González de Gómez e as abordagens teóricas que permitem o reconhecimento de seus conceitos, a saber, os estudos sobre fontes de referência especializadas e a teoria terminológica.

Dessa maneira, as quatro dimensões abaixo foram trabalhadas:

- a) o IBICT e a formação da pós-graduação no Brasil;
- b) a narrativa biobibliográfica de-sobre González de Gómez;
- c) os estudos teóricos sobre fontes de referência especializadas; e
- d) o uso da Terminologia na construção de obras de referência, com foco nos glossários.

Como indicado, a construção do glossário experimental está diretamente relacionada à compreensão trazida pelos aportes teórico-metodológicos do estudo. Essa revisão visa, pois, estabelecer o contexto sócio-histórico de constituição das ideias manifestadas em conceitos no escopo biblioteconômico-informacional brasileiro.

2.1 O IBBD-IBICT E A FORMAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO INSTITUCIONAL ONDE SE CONSTITUIRÁ O PENSAMENTO DE GONZÁLEZ DE GÓMEZ PARA O CAMPO BIBLIOTECÔNOMICO-INFORMACIONAL

A trajetória das instituições dedicadas à organização do conhecimento no contexto do pensamento brasileiro, em suas mais diferentes áreas científicas, demarca uma relação direta com o presente objeto de estudo. Desde a origem de tais organizações, compreende-se que instrumentos como glossários estão diretamente ligados a um discurso de ordenação e de acesso aos saberes de um dado domínio.

Nesse horizonte, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) nasce em 1954—com o intuito de apoiar o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro. Como diz Lydia Queiroz Sambaquy,

Devido à dispersão e ao desamparo do trabalho intelectual em nosso País, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação reúne as funções próprias dos centros de documentação especializados e aquelas peculiares aos centros bibliográficos gerais, a fim de tornar mais fácil, não somente os trabalhos das instituições científicas, técnicas, industriais, mas, ainda, o aperfeiçoamento dos trabalhos biblioteconômicos e bibliográficos, que são de interesse básico para o desenvolvimento, no Brasil, da pesquisa científica e da educação superior. (SAMBAQUY, 1957, p. 4)

Em 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) propôs a unificação do acesso à informação científica, através de um “Centro Nacional de Bibliografia”, para todos os países sul-americanos do bloco aliado aos Estados Unidos. A organização foi responsável pela definição de programas e atividades na área da documentação com o objetivo de reunir a informação de caráter governamental e facilitar o acesso à informação científica mundial. No Brasil, a organização convidou a Fundação Getúlio Vargas para formar os profissionais deste centro.

A Fundação possuía um corpo técnico com formação em Biblioteconomia e Documentação. Deste grupo faziam parte Lydia de Queiroz Sambaquy, Célia Zaher, Laís da Boa Morte, entre outras. Com o apoio da fundação, o corpo técnico-científico do IBBB se desenvolve. A formalização jurídica do IBBB vem com o Conselho Nacional de Pesquisa (CNP), hoje Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 1951, o então CNP alterou a sua norma de criação para permitir a troca com instituições internacionais e nacionais no âmbito da documentação científica, formalizando a entrada da UNESCO. O órgão também modificou o seu próprio regulamento, com vistas a apoiar as bibliotecas e centros de documentação na gestão da documentação científica, ou seja, sustentar a criação do IBBB. Ainda em 1951, ocorreu a Conferência da UNESCO, em São Paulo, e Sambaquy participou no Comitê II, com o tema a ação interamericana para o desenvolvimento das bibliotecas públicas. Lydia aproximou ali seus ideais biblioteconômicos da formação do IBBB, do qual torna-se a bibliotecária fundadora e responsável pela gestão (SAMBAQUY, 1957).

Sambaquy fora chefe da biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), órgão ligado ao Estado Novo, no Governo Getúlio Vargas. Ali criou o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC), rede de cooperativa de bibliotecas para catalogação de livros. Sambaquy estudara na *School of Library Service* da Universidade de Columbia. Esta e muitas outras viagens aos Estados Unidos entre 1938 e 1942 frutificaram, segundo Odonne (2004, p.79-80), as propostas de transformar a biblioteca em: um "laboratório de pesquisa e estudos", um "centro de informação e recreação" e até em um local próprio para a "mobilização intelectual". Lydia instituiu a cooperação como ocorre entre as bibliotecas nos Estados Unidos, e, para tal, lança mão das atividades realizadas pelo serviço.

Lydia trouxe, em sua bagagem teórica, os estudos de Paul Otlet (em que encontramos uma das mais profundas produções de sínteses conceituais no campo biblioteconômico-informacional) com relação à Bibliografia e à Documentação, o que a fez pensar em criar o IBBD com o objetivo futuro de formar a Biblioteca Nacional de ciência e tecnologia no país. Como apontam Pinheiro & Loureiro (1995, p.11),

O Instituto (IBBD), criado em 1954, já oferecia, desde 1955, um curso de pesquisas bibliográficas em ciências médicas e em ciências agrícolas, depois Curso de Documentação Científica, hoje Curso de Especialização em Documentação e Informação, mantendo a mesma sigla.

Do ponto de vista internacional, segundo Silva (1994, p. 379), o Programa de Assistência Técnica da UNESCO avançava e

No início da década de 60, a UNESCO iniciou a tentativa de coordenação das atividades de documentação e informação em nível mundial e desenvolveu uma série de projetos que desembocaram, em 1971, na criação e desenvolvimento de um sistema mundial de informação científica que ficou conhecido como Unisist. (*United Nations International System for Information in Science and Technology*).

Do ponto de vista nacional, o Brasil, em 1964, sofreu o golpe militar e a população teve os direitos políticos suspensos. Em "virtude das novas construções teóricas que começam a ser utilizadas no contexto, parece difícil enfrentar a estruturação de um órgão como o IBBD apenas na posse de conceitos biblioteconômicos." (ODONNE, 2004, p.113). Este fato é confirmado por Pinheiro (2010, p.4), no artigo "Infraestrutura da pesquisa em Ciência da informação no Brasil".

As razões do estabelecimento de uma política científica pertencem a cinco categorias, assim estabelecidas por Freeman (1968) a) militares b) prestígio, c) econômicas d) sociais e e) de progresso da ciência pela própria ciência, os puramente científicos. (PINHEIRO, 2000, p.4).

Em 1965, Lydia deixou a presidência do IBBD a cargo das bibliotecárias Célia Zaher e Hagar Espanha Gomes. Em 1970, o IBBD cria o Curso de Pós-graduação em Ciência da Informação que prossegue juntamente com os cursos de documentação científica até a década de 80. Esse processo histórico é um marco para o início de uma reflexão teórica e a produção direta de conceitos orientados para o pensamento biblioteconômico-informacional.

Pinheiro (1995) aponta as fases dos estudos teóricos da área e diz a fase entre 1970 a 1989 é a delimitação do terreno epistemológico: princípios, metodologias e teorias próprios e influência das novas tecnologias." Portanto, percebe-se que a pesquisadora, reincidentemente, afirma que o campo precisava construir a sua própria epistemologia.

Ao longo da década de 70 e início da década de 80, o PPGCI/IBICT-UFRJ possuía como áreas de concentração "planejamento de sistemas" e "processamento técnico da informação". As disciplinas "catalogação avançada" e "técnicas de indexação e resumo" foram excluídas ao longo dos anos. Já a disciplina "organização e serviços de informação" passou a ser intitulada "organização de sistemas de informação". O escopo epistemológico, dessa maneira, até ali, não estava evidenciado formalmente, ainda que as teorias e os conceitos estivessem em debate, ou seja, a existência de uma produção reflexiva já se instaurava na pesquisa nacional.

Em 1976, ocorreu uma mudança nas linhas de pesquisa do mestrado, e as linhas passam a se chamar: "usuários, administração de sistema de informação" e "transferência de informação". Ocorreu, no mesmo ano, a alteração de nome do órgão para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995). O foco da alteração demarcava um horizonte orientado de subsídios de dados científicos para o desenvolvimento industrial do estado. Em 1980, com a mudança do órgão para Brasília, ocorre a permanência do PPGCI no Rio de Janeiro, mantendo-se o convênio com a UFRJ.

É nesse contexto histórico-teórico de mutações do Instituto que Maria Nélida González de Gómez conclui, em 1982, o mestrado em Ciência da Informação no IBICT, na gestão em convênio com a UFRJ, com a dissertação "A configuração

temática da ciência da informação no currículo dos cursos do IBICT: estudo de caso.” Os temas centrais da dissertação tratavam da organização e produção do conhecimento nos cursos oferecidos pelo próprio IBICT. A dissertação foi orientada por Ana Maria Marques Cintra, doutora em Linguística e pesquisadora no ensino da Língua Portuguesa. Percebe-se, desde o seu primeiro trabalho científico no campo, a preocupação de González de Gómez com a questão epistemológica e a produção de conceitos no campo.

Em 1992, portanto, dez anos depois, ainda no convênio IBICT-UFRJ, Nélida concluiu o Doutorado em Comunicação com a tese “Informação, inovação e democratização: a transferência de conhecimento e o movimento associativo”. A tese foi orientada por Aldo Barreto, doutor em Ciência da Informação e pesquisador no domínio do conhecimento e inovação.

Após este breve contexto histórico-institucional de construção da estrutura de pesquisa em BCI no Brasil, a proposta da seção seguinte é discutir diretamente o percurso biobibliográfico de Maria Nélida González de Gómez.

2.2 NARRATIVA BIOBIBLIOGRÁFICA DE E INSTITUCIONAL SOBRE MARIA NÉLIDA GONZÁLEZ DE GOMÉZ

Do foco na perspectiva histórica institucional, passamos ao plano do sujeito, ao olhar direto sobre a trajetória da pesquisadora e seus destinos até a apropriação e construção de conceitos no escopo epistemológico do campo. Esse percurso leva González de Gómez da graduação em Filosofia na Argentina à liderança no discurso epistemológico em BCI no território brasileiro.

González de Gómez, forma-se, em 1968, em Filosofia pela Universidade Nacional de Rosário. Nesta universidade, a pesquisadora ministra aulas de filosofia até o ano de 1978. Posteriormente, transferiu-se para a Universidade Estadual de Porto Rico e concedeu aulas na área de Filosofia e História da Cultura. Ao retornar à Argentina, González de Gómez voltou a lecionar filosofia e realizou em paralelo a avaliação de um projeto em educação. Este projeto, com os professores da Província de Santa Fé, fez com que a pesquisadora iniciasse os percursos e usos para entender a linguagem na vida cotidiana. Essa reflexão marca sua produção

teórica em sua transferência para o Brasil e na continuidade de suas pesquisas no IBICT. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012).

O desenvolvimento da autonomia do programa de pós-graduação em Ciência da Informação do IBICT teve a contribuição direta de González de Gómez. Sua dissertação de mestrado, apresentada em 1982, divulgou um estudo de caso com os principais temas de interesse dos professores de Biblioteconomia, ou seja, docentes do curso de especialização em documentação e informação. Os resultados obtidos foram centrais para a remodelação do curso de mestrado. Além disso, após a pesquisa, a partir de 1983, González de Gómez passou a integrar o quadro de pesquisadores do Instituto Brasileiro de Ciência da Informação e Tecnologia. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2017).

Em paralelo à transferência de Nélida para o Brasil e sua integração ao PPGCI do IBICT, observa-se, no período (anos 1980), a consolidação da pesquisa no campo no contexto nacional. Nessa década, surge o doutorado no campo, a partir da Universidade de São Paulo, e é criada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, a ANCIB, em 1989.

A década seguinte é reconhecida, pois, pelo rápido crescimento e multiplicação dos programas de pós-graduação, bem como do aprofundamento da produção conceitual e dos questionamentos epistemológicos do campo. É nesse contexto, como antevisto, que a pesquisadora concluirá seu doutorado, ação que estabelece objetivamente um contínuo histórico nos trilhos desse desenvolvimento epistemológico do campo, o que gerará o desenvolvimento de grupos e linhas de pesquisa, com atuação direta de Nélida do IBICT para o cenário nacional. São exemplos o nascimento do grupo de pesquisa “Teoria, Epistemologia e Interdisciplinaridade da Ciência da Informação”, de Nélida e Lena Vania Ribeiro Pinheiro, e o surgimento do grupo de trabalho 1 da ANCIB, chamado “Estudos históricos e epistemológicos em Ciência da Informação”, também projetado por ambas as pesquisadoras do IBICT.

Atualmente González de Gómez, única bolsista de produtividade em pesquisa 1A do CNPq na área da Ciência da Informação no Brasil, é professora visitante sênior da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Programa de Pós-Graduação da Ciência da Informação PPGCI/UFF e ainda compõe, como professora colaboradora, o corpo de docentes do PPGCI IBICT/UFRJ-ECO.

Até janeiro de 2017, conforme os dados autoadministrados de seu currículo cadastrado na Plataforma Lattes, a pesquisadora participa de quatro projetos de pesquisa, sendo que dois destes projetos estão em andamento, a saber: “Integridade da pesquisa, ética da ciência e da informação” e “Da validade da informação à validade dos conhecimentos: os sistemas intermediários da avaliação científica”. Os projetos têm como objetivos respectivos definir “as ações, movimentos e modelos normativos de uma ética pública que problematiza e monitora a pesquisa científica” e reconstruir “o acesso e o uso seletivo de recursos de informação com fins de monitoramento, validação e hierarquização da pesquisa, de maneira diferenciada e comparativa, numa amostragem expressiva das grandes áreas do conhecimento e da área interdisciplinar.” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2017)

Até o momento de coleta de dados da presente pesquisa, González de Gómez contava com uma produção bibliográfica de 39 (trinta e nove) artigos completos em periódicos, 18 (dezoito) capítulos de livros publicados, 28 (vinte e oito) trabalhos completos publicados em anais de congresso e 50 (cinquenta) participações de trabalho e com o total de 56 (cinquenta e seis) orientações de mestrado e doutorado e 5 (cinco) supervisões de pós-doutorado. Trata-se, pois, de uma vasta bibliografia, com natureza estruturalmente conceitual, insumo para discussões e apoio para as reflexões epistemológicas do campo, manancial para o desenvolvimento de instrumentos referenciais, ou seja, para a elaboração teórico-metodológica no contexto das fontes de referência especializadas.

2.3 DAS FONTES DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADAS AOS GLOSSÁRIOS: A CAMINHO DE UM MODO DE OBSERVAR A PRODUÇÃO CONCEITUAL EM BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Para Dias (2000) as fontes de referência promovem um tipo de resposta específica a uma consulta realizada. Existem, pois, diferentes tipos de fontes de referência com distintos recortes temáticos, sistematizados segundo uma estrutura própria. O objetivo da fonte referência é responder uma pergunta/consulta delineada em um dado domínio. Não são obras para leitura integral e, sim, leitura sistemática. O pesquisador ainda relata que na literatura corrente sobre fontes de informação o conceito “obras de referência” é abordado como equivalentes a “fontes de

referência”. Os termos *reference work* e *reference source* são os conceitos de uso corrente da comunidade científica internacional para identificar o domínio.

No plano histórico, Campello & Caldeira (2008) relatam que a concepção dos dicionários nasceu entre os monges copistas, em razão da dificuldade de compreender palavras em latim. Os monges registravam o que compreendiam sobre os textos nas margens dos manuscritos. Estas explicações, as “glossas”, passam a ser instituídas para apoiar a tradução das palavras. Este fato, na Idade Média, gerou uma lista de palavras, ou *glossae collectae*, que dá origem ao dicionário bilíngue.

Guichat & Menou (1994) abordam as fontes de referência como as primeiras obras consultadas para norteamento da pesquisa. A intenção de tais instrumentos é organizar de forma sistemática o conhecimento sobre a consulta realizada.

Dias (2000) esclarece que

Alguns glossários e terminologias, dependendo da extensão e nível do tratamento dos verbetes, podem funcionar como dicionários temáticos. Os dicionários temáticos não contém breves explicações mas vão além da definição e possuem dados como informações biográficas e históricas. Alguns dicionários temáticos vão além de fornecer simples verbetes e vão além de um dicionário e se assemelham a uma enciclopédia apresentando longas explicações para os verbetes são os dicionários enciclopédicos. (DIAS, 2000, p.202/203)

Para Guichat & Menou (1994) há variadas fontes de referência, sendo que os glossários ou obras de terminologia são classificados no grupo de fontes de referências especializadas. Os dicionários ordenam e explicam alfabeticamente um conjunto de palavras de uma mesma língua ou de diferentes línguas. Já os glossários ou obras de terminologia ficam na função de esclarecer e divulgar termos comuns a comunidades científicas ou não. No estudo de Otlet (1934, p.141) sobre dicionários, léxicos, vocabulários e glossários o pesquisador relaciona todas as formas como variações de dicionários. De maneira concisa e genérica, o documentalista belga define o glossário “como um dicionário onde se explica palavras menos conhecidas.”

O surgimento dos glossários filosóficos se dá através dos dicionários temáticos. Como visto, o glossário, desde a sua origem, tem como objetivo esclarecer o significado dos conceitos em um domínio pré-definido. Do mesmo modo, seu nascimento está diretamente relacionado ao universo lexical e aos

problemas terminológicos (entre idiomas distintos e, posteriormente, entre línguas de especialidade diferentes).

Constata-se, assim, que, na estrutura de ordenamento de verbetes de um dicionário surge a definição acerca da temática para a construção das fontes de referência especializadas orientadas para o domínio filosófico, como dicionários especializados, glossários, vocabulários, léxicos filosóficos e-ou de obras filosóficas e-ou (ainda) de filósofos. Através da abordagem terminológica, podemos, pois, compreender e estabelecer parâmetros teórico-metodológicos para a compreensão destas formas artefactuais de fontes de referência especializadas.

2.4 O USO DA TERMINOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE OBRAS DE REFERÊNCIA:

A CAMINHO DE UM MÉTODO

A terminologia é um amplo domínio de investigação da linguagem especializada. Sua abrangência perpassa a terminologia estritamente linguística (teorização desenvolvida pontualmente “dentro” da ciência Linguística) e a terminologia bibliográfica (ou documentária), no contexto da organização do conhecimento, fruto do desenvolvimento do plano epistemológico em BCI. Ambas as abordagens terminológicas – linguística e documentária - estudam as palavras e seus sentidos. A diferença estrutural (ainda que não mutuamente exclusiva) entre ambas está na relação do referente e da definição.

Para a TGT, trabalho terminológico inicia com o conceito que possui uma unidade de denominação que é o que é o termo. Um termo designa um conceito. A unificação de conceitos e termos, caracteriza a Terminologia como sendo de natureza prescritiva. Porém, a esfera do é diferente daquela do conceito. O conceito é o significado do termo. Para a Lexicografia, a unidade do trabalho é a palavra, que pode possuir conotações. Na TGT, o conceito pertence, sempre a língua especializada. (CAMPOS, 2001, p. 66)

A terminologia, diferente da Lexicografia, “trabalha no âmbito da língua artificial aqui entendida como aquela que se configura dentro de um determinado grupo de especialistas” e, por conseguinte, visa “permitir uma relação unívoca entre conceito e a denominação e se limita a situações bem definidas e não pode ser generalizada.” (CAMPOS, 2001, p. 66/67).

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) foi criada por Eugen Wüster, no início do século XX, e é considerada o marco teórico da terminologia. Wüster, engenheiro

austríaco, desenvolve a terminologia da eletrotécnica, na década de 30, e seu propósito é construir um vocabulário com termos técnicos para fortalecer a comunicação do vocabulário próprio e comum usado entre os engenheiros.

Nesta mesma época, com a teoria, a Escola de Viena, na qual Wüster fazia parte, a Academia de Ciências da Rússia dos terminólogos Drezen e Lotte e Professor Caplygin, mais a Escola de Praga, representada por Benes, Mathesius, Vachcek e Trubetzkoy muito contribuíram pela disseminação da TGT. As academias científicas entendem que o estudo terminológico é fundamental para o desenvolvimento da ciência. (CAMPOS, 2001).

A teoria se propõe sistematizar o conceito e suas relações entre conceitos. Na proposta de Wüster, no discurso de Gomes

Pode-se pensar que a Terminologia seja uma ramo da Lingüística, porque se ocupa de termos e termos são unidades lexicais. Nada mais falso. Segundo a Teoria Geral da Terminologia, a atividade terminológica trata de conceitos e sua sistematização; ela tem início no conceito e termina no termo. E termo é uma palavra ou um grupo de palavras que designa um conceito, guardando com ele uma relação unívoca. Ela incorpora, sobretudo, a realidade extralingüística. Seu objeto não é a língua, mas o conceito. Somente após este estar bem estabelecido, com seu conteúdo identificado, é que vamos nos ocupar do termo que o designa. Segundo a TGT, existe uma relação direta entre o termo e o referente, e esta relação se dá via conceito.[...]. Para Wüster os conceitos se relacionam lógica e ontologicamente. As relações lógicas se dão por abstração. As relações ontológicas são aquelas que se referem ao objeto numa realidade empírica: sua relação com outros no tempo ou no espaço. São relações lógicas as relações de superordenação/subordinação - ou genérico-específicas; as relações ontológicas englobam as relações partitivas e as relações seqüenciais (contigüidade no espaço ou no tempo). Neste aspecto, a TGT oferece bases mais seguras para o estabelecimento das chamadas relações não-hierárquicas (associativas) nos tesouros. (GOMES,19?).

Assim sendo, as contribuições de Wüster trazem para os estudos terminológicos a relação entre o objeto e as partes advinda do conhecimento adquirido pela simples observação de objetos e processos, sem que se tenha necessariamente, a comprovação científica sobre o que foi observado.

Na visão de Alain Rey (1979, p.3-4), francês, linguista e terminólogo, em sua obra, *Le terminologie: noms et notions*, a feitura do pensamento terminológico se deu mediante a

Construção do conceito de nomenclatura e a concepção do conceito terminologia. O termo e sua nomenclatura ou descrição advém da Platão que refletia sobre o problema de denominar os objetos do

mundo. Outro momento importante foi o surgimento da palavra nomenclatura, do latim "nomen" (nome) e "calare" (a chamar) que no sec. XVI, na França, foi um termo incorporado ao sentido de glossário, ou lista de nomes. O que gerava confusão com o termo dicionário que era mais adotado na Inglaterra, que em latim "dictio" significa falar. Em 1615, os ingleses criaram a expressão "tratado relativo as artes", no sentido do latim, tekné (técnica, objeto para uso) e incluíram o termo no *Dictionnaire L'abbey Prevost* em 1750. A intenção era reivindicar a criação do sentido do glossário. A França rejeitou o termo, pois acreditava ser um discurso especializado sobre regras e era necessário definir as palavras que fundamentassem este discurso. (REY, 1979, p.3-4)

A noção "terminologia" surge pela primeira vez no *Dictionnaire universel d'Antoine Furetière*, de 1690. Este dicionário trazia como definição para "terminologia" a dimensão do valor em se criar normas técnico-científicas sob uma visão "extralinguística e universal". (REY, 1979)

Este breve histórico apresentado por Rey (1979) demonstra, mais uma vez, a estreita relação dos primeiros estudos terminológicos e estudos de fontes de informação especializadas. Do mesmo modo, a partir de uma abordagem mais remota, Campello & Caldeira e Rey mencionam a criação de listas de palavras (nomes) em Latim na formação dos primeiros glossários ou dicionários. Como suplemento fundamental para a apresentação e a relação entre os termos, no século XIX, Charles Ammi Cutter apresentava as regras que demonstravam as relações lógicas por aproximação chamadas de remissivas "ver" e "ver também" utilizadas na construção do catálogo alfabético de assunto e hoje, amplamente usadas em tesouros e em ficha de conceitos para construção de fonte de referência especializada. (CESARINO; PINTO, 1978).

No desenvolvimento das pesquisas científicas no campo terminológico linguístico, percebe-se o surgimento, entre a criação da teoria, dos nos 30 até a década de 70, de críticas ao viés estritamente terminológico, apontando para os seus limites. Rey enfatiza que

Os estudos terminográficos, ao aplicar a TGT de Wüster se torna a aplicação terminológica distinta, incerta e arcaica. Distinta por utilizar de pressupostos divergentes existentes na linguística, na lexicografia, na nomenclatura e taxonomia, na análise documentária, na tradução. Cada um destes campos disciplinares influenciam a concepção da teoria terminológica. As escolas científicas se baseiam em pressupostos incertos, o que faz com que a aplicação da terminologia seja efetuada de formas diferentes e conclui que a teoria é arcaica, pois é baseada nos pressupostos divergentes oriundos da metafísica de Aristóteles, do platonismo, do racionalismo mecânico de Descartes e do pragmatismo anglo-saxônico do Século

17 e 18 que nunca não foram criticados. A teoria faz uma diferença entre a denominação e o termo é frequentemente entre uma dicotomia entre o pensamento e a linguagem. Dentro desta percepção as teorias que são mais utilizadas pela TGT formam uma construção intelectual idealista e pouco dialética. A simples observação das ambiguidades aqui mencionadas precisam ser integradas à Lógica. Rey concluiu que a filosofia da linguagem e a epistemologia a partir de filósofo Cassirer poderiam fazer algumas pontes com o neo-Kantianismo e a história das ciências. Assim, propõe um caminho para a distinção da terminologia da linguística. (REY, 1979, p.16-19).

A fala de Krieger & Finatto (2015) não se difere à abordagem de Rey. As pesquisadoras afirmam que a teoria desconsidera o funcionamento da linguagem das fontes de referência especializadas, pois não faz registro das variações conceituais e denominativas dos termos. Porém, é importante perceber que o discurso de Rey, Krieger & Finatto, críticos à TGT clássica, são inapropriados para esta pesquisa, pois são propostas direcionadas para a construção de dicionários ou glossários fundamentados na teoria da terminologia linguística.

A teoria é fortalecida e justifica o uso no âmbito da BCI quando, na década de 80, ocorre o Colóquio Internacional de Terminologia com o objetivo de resolver questionamento acerca de regras da definição e da sinonímia de conceitos e é neste evento que Dahlberg apresenta a Teoria do Conceito.

O Groupe Interdisciplinaire de Recherche Scientifique et Appliquée em Terminologie (GIRSTERM), no Canadá, realiza um Colóquio Internacional de Terminologia sob o tema “Problemas da definição e da sinonímia em terminologia, com objetivo de discutir especificidades da definição em terminologia, como por exemplo: o que definir, por que definir a sinonímia dos termos versus a sinonímia das palavras – questões que se apresentam no cotidiano dos terminólogos no exercício do trabalho. (CAMPOS, 2001, p. 83)

Dahlberg (1978) construiu a teoria do conceito a partir da visão da formação do conceito oriunda da psicologia que define que os processos cognitivos são oriundos das experiências obtidas durante a vida. Os processos cognitivos gerados a partir destas experiências estruturam a mente e conseqüentemente o conhecimento sobre o mundo. Dahlberg crê que a formação do conceito científico se dá através dos processos cognitivos desenvolvidos e suportados pelo uso da linguagem.

How does scientific concept formation take place? We may refer to what we indicated above and answer as follows:
- by selecting an item or reference

- by formulating true statements/predications about this item (these must be verifiable)
 - by summarizing or synthesizing these predications by a term/name.
- (DAHLBERG, 1978, p. 13)

Portanto, a formação do conceito ocorre a partir da atribuição de afirmações verdadeiras as características do objeto ou referente. Estas características determinam o termo (definem uma forma verbal). Até a apresentação desta teoria era feita apenas a ligação do referente (objeto) ao termo (forma verbal). Esta dupla relação não estabelecia um caráter científico à TGT, pois se institui uma relação do ponto de vista do plano verbal (entre o objeto e a forma verbal) ou simplesmente dita como definição nominal.

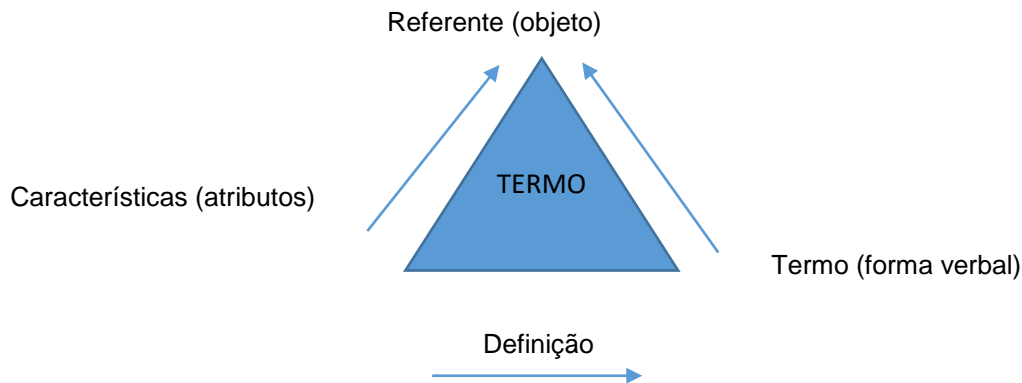
Campos (2001,p.20) aponta que desta forma, Dahlberg, através da TC," estabelece relações não mais entre uma teoria e um instrumento" conforme apresentado por Wüester, e sim, com a Teoria da Classificação facetada desenvolvida por Ranganathan. A teoria contém postulados que ajudam a definir o termo e suas relações para as tabelas de classificação como para os tesouros.

Campos (2001) corrobora com a ideia da formação do conceito de Dahlberg (1978) ao mencionar que

O homem tem a capacidade de fazer afirmações corretas sobre as coisas reais (itens empíricos) e sobre ideias que só existem em sua mente, ele pode fazer afirmações verdadeiras sobre estes itens. Se o conhecimento pode ser considerado a totalidade de preposições verdadeiras sobre o mundo, existindo, em geral, nos documentos, ou nas cabeças das pessoas, pode parecer que existe, também, em todas as afirmações verdadeiras (em todos os julgamentos) e em todas as proposições científicas que obedecem um postulado de verdade. Isto pressupõe a aceitabilidade e o reconhecimento por indivíduos de uma mesma área de interesse. (CAMPOS, 2001,p. 101-102)

Na FIGURA 1, a teoria do conceito é visualizada. A ilustração de abordagem dahlbergiana torna-se fundamental para o desenvolvimento de um glossário filosófico.

FIGURA 1 – TEORIA DO CONCEITO



Fonte: DAHLBERG, 1978.

Na teoria de Dahlberg são diferenciados os conceitos individuais e dos conceitos gerais. O objeto, quando concebido como único dentre outros objetos e não necessita de uma forma de tempo ou espaço, é classificado como conceito individual. Já os conceitos gerais precisam da forma de tempo e espaço para compor o objeto. Dahlberg menciona que

If the item of reference is something individual, say a certain person, na institution, a geographical item, e.g. a certain river, then the statements about this item are descriptions of it, including indications of place and time, and lead to a concept that may be called an “individual concept” but it is not the conception itself, only its item of reference, which is “individual”. If the item of reference is something general, a plurality of individual items, such as ‘persons’, ‘institutions’, ‘rivers in general’ or if it is something abstract, like a property, such as ‘desire’, ‘gravitation’, ‘complexity’, ‘friendship’ or a phenomenon, such as ‘energy’ then the statements about such an item will result in definitions, that is, one will refer in a statement to something known and add to it what there is to be stated in addition. In such a case, a “general concept” is involved. (DAHLBERG, 1978, 13-14)

É possível, a partir da categorização formal dos conceitos, combinar categorias e assim formar conceitos simples e compostos. As categorias são: objetos, fenômenos, processos, propriedades, relações, dimensão que possibilitam inúmeras combinações.

Todo conceito ou ideia tem uma demarcação ou limitação para se dizer do que se trata o conceito, pois ao objeto de um conceito é atribuído por intensão um conjunto de características ou atributos para formar o termo. Como o termo é o próprio conceito, estes atributos são os elementos diferenciais deste conceito para os demais conceitos. A definição diz o que é o conceito. Os conceitos individuais são

os conceitos diferenciados dos conceitos gerais por portar na locução verbal, atributos de tempo e espaço. As características, atributos ou qualidades são ampliadas de acordo com a visão de mundo de cada indivíduo, o que gera a criação de novos conceitos. Ao criar novos conceitos é necessário rever os termos sinônimos para conceitos diferentes.

QUADRO 1 – Espécie de conceitos segundo a teoria do conceito em Dahlberg

ESPECIES DE CONCEITOS SEGUNDO A TEORIA DO CONCEITO		
A	OBJETOS	Plantas, produtos, papel, etc.
B	FENÔMENOS	Crescimento, chuva, tráfego, etc.
C	PROCESSOS	Imprimir, sintetizar, etc.
D	PROPRIEDADES	Cego/cegueira, suave/suavidade, etc.
E	RELAÇÕES	Causalidade, necessidade
F	DIMENSÃO	Espaço, tempo, posição, etc.

Fonte: DAHLBERG, 1978.

Para Dahlberg(1978b,p. 6) a definição é uma espécie de

explicação do sentido de uma palavra; outros, a simples descrição de um objeto; outros têm a tendência de restringir o conceito de definição aos processos contidos nos sistemas axiomáticos da matemática e da lógica. as definições são pressupostos indispensáveis na argumentação e nas comunicações verbais e que constituem elementos necessários na construção de sistemas científicos. A importância das definições evidencia-se também quando se tem em vista a comunicação internacional do conhecimento. E pelo domínio perfeito das estruturas dos conceitos que será possível obter também perfeita equivalência verbal. (DAHLBERG, 1978b,p.6)

A equivalência verbal apresentada por Dahlberg é apontada por Campos (2001, p. 101) como a relação entre o termo e o conceito. O definiendum (termo) estabelece uma relação de igualdade com definiens (as características de um referente) e

Assim, a definição não é mais colocada em segundo plano, como um recurso auxiliar para minimizar dúvidas que, por acaso, possam vir a ocorrer no uso do termo; lá é inserida no tesouro como um tipo denota de aplicação e colocada como um recurso para estabelece as fronteiras da intenção do conceito. A definição possibilita, além da fixação do conceito, seu posicionamento no próprio Sistema de Conceito (CAMPOS, 2001,p. 101).

Dahlberg(1978b,7) afirma que

podemos então definir a definição da seguinte maneira: definição — df delimitação ou fixação do conteúdo de um conceito (conteúdo do conceito = intensão, ou conjunto de características ou atributos). A delimitação não exclui a fixação ou vice-versa e ambas se exigem mutuamente. [...] Só os conceitos gerais propriamente necessitam de definições. Só eles necessitam ser bem distinguidos dos demais conceitos a fim de que apareça com clareza a quais objetos se referem. Os conceitos individuais têm os próprios objetos bem determinados em virtude da presença das formas do tempo e do espaço. (DAHLBERG, 1978b,7)

E, portanto, ao falar a respeito das espécies de definições, Dahlberg menciona que

A primeira distinção que se costuma fazer é a separação entre definições nominais e definições reais. Mas existem outros tipos de definições. A *definição nominal* tem por fim a fixação do sentido de uma *palavra*, enquanto que a definição real procura delimitar a intensão de determinado conceito distinguindo-o de outros com idênticas características. A definição nominal relaciona-se com o conhecimento contido na linguagem. Ex.: opacidade = df não permeabilidade à luz (DAHLBERG, 1978b, p. 7)

As definições reais usam o *definiendum* e o *definiens* apresentados por Dahlberg (1978b, p.7b) menciona ainda que ambos os tipos de definições reais apresentam no *definiens* um conceito amplo “que está contido no *definiendum*, seguido de uma característica chamada diferença específica ou característica especificadora. Ex.: homem = df mamífero bípede”. As definições reais complexas adotam a diferença específica adicionada de suplementos.

Ex.: inflamação = df processo de reação dos tecidos do corpo causado pela luta contra ferimentos produzidos por elementos químicos, físicos ou outros, e caracterizada pela presença de líquido proveniente das veias e de células brancas do sangue. Termo genérico com suplementos: Processo de reação dos tecidos do corpo diferenças específicas: luta contra ferimentos produzidos por elementos químicos, físicos e outros líquido proveniente das veias células brancas do sangue. Percebe-se que as definições dependem do conhecimento que se tem dos respectivos assuntos. (DAHLBERG, 1978, p.7)

As contribuições de Gomes, Campos, Rey, Krieger & Finatto e Cesarino & Pinto e Dahlberg reúnem aqui olhares e interpretações sobre a terminologia e as fontes de referência especializadas com o intuito de refletir sobre a teoria terminológica para apresentar os subsídios para a construção de um glossário filosófico. Na próxima seção são apresentados os procedimentos metodológicos, que explicitam o modo como foi elaborado o experimento do glossário, a partir do diálogo com o referencial teórico-metodológico discutido até o momento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como um estudo exploratório, com vistas à definição de um potencial instrumento para uso no plano do reconhecimento de conceitos na epistemologia biblioteconômico-informacional, o estudo percorreu, como vislumbrado até aqui, o reconhecimento de um conjunto de ideias a partir de seu contexto de manifestação.

Para a definição do corpus, buscou-se compreender a fase inicial da maturidade do pensamento de González de Gómez, reconhecida aqui no período pós-conclusão da tese de doutorado, nos anos 1990.

O critério de seleção da amostra esteve relacionado aos primeiros artigos científicos publicados pela pesquisadora no início de sua trajetória como doutora. Tal critério foi baseado na assertiva de que, ali, tanto o contexto (o desenvolvimento histórico do IBBD-IBICT, bem como do campo biblioteconômico-informacional no país) como a pesquisadora experimentavam um processo de maturidade da pesquisa e da produção-circulação de ideias, projetando diretamente o percurso de construção de uma epistemologia em BCI, ou seja, de sua autorreflexividade.

Nesse sentido, para a demonstração do corpus, foram apresentados 8 (oito) conceitos oriundos de 4 (quatro) artigos de González de Gómez no início dos anos 1990, a saber, “A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas”, publicado na Revista Ciência da Informação, em 1993; “Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação”, publicada na Revista do Serviço Público, em 1994; *America Latina Y Los Espejos de La Información*, publicada na Revista *Ciencias de la Information*, em 1994 e “Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas?”, publicado na Revista de Biblioteconomia de Brasília, em 1995.

3.1 CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Os procedimentos metodológicos ocorreram em três etapas, sendo as duas primeiras preliminares, com foco na compreensão teórico-empírica do objeto de estudo; a terceira, com foco na elaboração do instrumento. Pontualmente, a primeira

etapa intencionou a exploração teórico-metodológica propriamente dita, ou seja, a compreensão da teoria da terminologia e sua possibilidade de aplicação na elaboração de glossários. A segunda etapa desenvolveu o trabalho de cotejamento empírico, com vistas à compreensão dos resultados e dos possíveis diálogos entre teoria e prática na apresentação de dados em instrumentos terminológicos, como os glossários filosóficos já existentes. A terceira e última etapa se orientou para os processos de construção propriamente da ficha de identificação de conceito.

Para a primeira etapa consultamos os a) anais do “Segundo Simpósio Latino Americano de Terminologia” e “Primeiro Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica”, ambos realizados em Brasília, em 1990; b) o livro de Maria Luiza de Almeida Campos, intitulado “Linguagem documentária, teorias que fundamentam sua elaboração” contém um capítulo dedicado aos estudos terminológicos de Wüster; c) a obra “Introdução à Terminologia”, de Maria da Graça Krieger e Maria José Bocorny Finatto. A segunda etapa, empírica, realizou a avaliação de glossários filosóficos na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, comparando os modos de feitura e de apresentação dos dados terminológicos no plano da descrição conceitual dentro da filosofia.

No âmbito da bibliografia terminológica de fundamentação teórico-metodológica, selecionamos o artigo “Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina” de Enildes Leite de Jesus Faulstich, e o planejamento do trabalho apresentado por Krieger e Finatto, no livro “Introdução à Terminologia”. Ambos foram apropriados como base para a definição de critérios para planejamento, coleta de dados, análise e apresentação dos dados. É acrescentado o livro “Obras de referência: subsídios para uma avaliação criteriosa” de Kathryn Silberger. Esta obra com uma visão sobre fontes de informação sobre o ponto de vista da Biblioteconomia e Ciência da Informação, se propõe a criar critérios para avaliar obras de referência.

A partir da teoria faulstichiana, o essencial para o desenvolvimento de uma fonte de referência especializada é: conhecer o perfil do leitor para a fonte de referência especializada proposta; consultar o especialista da área para validar os termos selecionados; definir a demarcação da bibliografia e do seu respectivo período de publicação. A proposta, segundo a presente pesquisa, pode ser assim sintetizada:

QUADRO 2 - Traçado geral de fonte de referência - A partir de critérios citados por Enildes Faulstich (1995)

TRAÇADO DO DESENVOLVIMENTO	DEMARCAÇÃO
Perfil do leitor	Graduação e pós-graduação em BCI.
Validação dos termos selecionados	Pesquisador leitor de González de Gómez ou, de preferência, a própria pesquisadora.
Demarcação da bibliografia/ano	Artigos do período de 1993 a 1995.
Seleção de termos	Para cada conceito uma Definição

Fonte: Autora a partir de Enildes Faulstich (1995)

O planejamento do trabalho apresentado por Krieger e Finatto (2015, p. 127/128) relaciona as etapas de organização da fonte de referência especializada. As pesquisadoras sugerem a elaboração de um piloto ou simplesmente de um glossário experimental para analisar e permitir ajustes na construção do experimento, ou seja, a base da presente pesquisa aqui apresentada. Para elas, o planejamento estrutural de um glossário experimental é o momento de reflexão e determinação de como e o que incluir na obra de referência.

Assim, no planejamento do glossário compete definir: a inclusão ou não das partes introdutórias e anexos; a ordenação de tarefas de pesquisa, o registro e a revisão; o modo de armazenamento dos termos coletados juntamente com as características dos verbetes, a partir da leitura e análise dos textos-fonte em fichas e os critérios para o registro dos conceitos simples ou compostos.

QUADRO 3 – Planejamento e elaboração de fonte de referência – Proposta Krieger & Finatto (2015)

PLANEJAMENTO DO TRABALHO	DECISÃO
Inclusão de partes introdutórias e anexas	Sim, não e como?
Determinação das tarefas de pesquisa, registro e revisão	Como e quando?
Conceitos e definições	Como armazenar? Que características coletar?
Conceito simples ou composto	Como definir a escolha?

Fonte: Krieger & Finatto (2015)

Silberger, Sousa, Brighenti e Bohn (1990) descrevem pontos essenciais para avaliação de fontes de referência. Os aspectos oferecem maior assertividade ao processo de avaliação de fontes de referência. Os aspectos intrínsecos, ligados ao

conteúdo e os aspectos extrínsecos, ligados a forma da obra norteiam a análise como é demonstrado no quadro 4.

QUADRO 4 – Critérios de avaliação de fontes de referência em Silberger e outras

ASPECTOS INTRÍNSECOS LIGADOS AO CONTEUDO	DETALHAMENTO DOS TÓPICOS
Caracterização	Identificação do item (referência bibliográfica) Público a quem se destina Objetivo/motivação
Alcance/cobertura	Assuntos abarcados pela obra Áreas geográficas da obra Idiomas incluídos Editoras/Autoridade Período coberto pela obra Material incluído seletivo, exaustivo Profundidade da informação Considerações de tamanho dos registros ou verbetes Limitações ou exclusão de categorias de informação
Arranjo	Alfabético Sistemático Geográfico Cronológico Outros
Informações dadas	Nome de pessoas Definições Referências bibliográficas Anotações/Resumos Número de classificação, de Número de registro Descritores Ilustrações
Acesso	Sumário Índices Remissivas
Frequência/periodicidade de atualização da obra	Regular- Irregular
Versões digitais	CD-Rom Acesso online
Outras características	Anexos, apêndices Introdução. Apresentação. Organização da obra Instruções de uso aos leitores Bibliografias Páginas prefaciais (idiomas) Lista de abreviaturas e siglas Glossário Outras informações
ASPECTOS EXTRÍNSECOS LIGADOS A FORMA	DETALHAMENTO DOS TÓPICOS
Caracterização	Número de páginas, volumes Dimensão ou tamanho dos volumes Tipo de encadernação Qualidade do papel Tipo de impressão Disposição do texto Margens Ilustrações

Fonte: Silberger (1990)

Além dos critérios mencionados, as autoras advertem que é necessário considerar, em constante análise, junto as fontes de referência identificar, as seguintes questões: ao se avaliar fontes de referência, observar e apontar particularidades positivas ou negativas encontradas; ter como hábito, ler as páginas prefaciais antes de iniciar a análise, pesar durante a análise mais os aspectos intrínsecos do que os aspectos extrínsecos; observar se a coleção é subutilizada através de relatórios de quantificação e qualificação da coleção e divulgar a coleção de referência através de serviços de alertas.

Enquanto Faulstich, Krieger e Finatto retrataram uma forma de concepção de uma fonte de referência sob o ponto de vista de estudos terminológicos linguísticos, Silberger e outras mencionaram o critério de avaliação de uma fonte de referência. A presente pesquisa adotou como problemática de observação empírica tais critérios como um roteiro estrutural de estudo de fontes de referência a analisar durante a segunda visita ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ.

Como dito, a segunda etapa se pautou na avaliação empírica de fontes de referência especializadas. Esta etapa ocorreu em dois diferentes momentos, na Biblioteca do IFCS da UFRJ. O instituto foi escolhido por ser reconhecidamente uma das mais completas bibliotecas em filosofia do Estado do Rio de Janeiro.

3.1.1 Os glossários filosóficos: análise de modelos na produção acadêmico-científica

A partir de um conjunto de designações, os estudos sobre obras de referência especializadas no discurso filosófico são constituídos por glossários, léxicos, vocabulários filosóficos, ou de filósofos ou, ainda, de obras filosóficas. A etapa empírica nos permitiu conhecer objetivamente os modos de produção (quando explicitados) e de apresentação dos dados terminológicos no domínio da Filosofia.

A biblioteca da antiga Faculdade Nacional de Filosofia e Ciência Política foi absorvida pelo instituto e segundo o Sistema de Bibliotecas e Informação, órgão gestor das bibliotecas da UFRJ, o instituto contém cerca de 114 mil publicações entre livros, periódicos, teses e monografias. No IFCS foi encontrado um grande volume de obras de referências para análise, dentre eles: dicionários filosóficos, léxicos, glossários, etc.

As visitas à biblioteca do instituto tiveram como foco central a análise empírica dos glossários existentes, com vistas à compreensão do modo de construção e de apresentação conceitual. Na primeira visita, o material bibliográfico foi pesquisado pelo termo “glossário filosófico”, intencionando a correção entre a “conceito-instrumental” “glossário” e sua aplicação. Foram encontrados 3 glossários filosóficos e um glossário etimológico. Os glossários, à exceção do glossário etimológico, possuíam uma ampla descrição sobre cada conceito arrolado. Além disto, parte das obras apresentavam referências bibliográficas das fontes consultadas para a elaboração dos verbetes.

A segunda fase do levantamento empírico trouxe um amplo panorama sobre o material a ser avaliado. Como foi mencionado anteriormente, alguns aspectos intrínsecos ligados ao conteúdo das fontes de referência propostos por Silberger e outras foram identificados: quanto a existência ou não e quanto à forma pelo qual é apresentado. Os critérios analisados e utilizados nesta pesquisa foram, quanto ao arranjo, informações dadas, acesso e outras características. Estes critérios pautaram a seleção de fontes de referência na segunda visita ao IFCS, como base de avaliação empírica do que seria considerado uma fonte de referência e seus vários aspectos.

Partindo dos critérios citados, os seguintes trabalhos foram reconhecidos e analisados, propondo-se a extensão e a exaustividade da descrição:

- Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais de Mario Ferreira dos Santos;
- Dicionário Hegel de Michael Inwood;
- Dicionário de ética e filosofia moral de Monique Canto Sperber;
- Dicionário de obras filosóficas de Denis Huisman.

O “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais” de Mario Ferreira dos Santos teve como intenção apresentar os termos imprescindíveis ao leitor brasileiro não familiarizado com uma fonte de referência no domínio filosófico. Neste dicionário há, também, para os termos filosóficos principais, os termos equivalentes em outras línguas. O objetivo é contribuir com o entendimento do leitor brasileiro que lê em outras línguas. O conceito é apresentado segundo o seu significado ou entendimento, em ordem alfabética, no contexto filosófico-cultural.

O “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais” contém em suas páginas iniciais o plano da obra, ou roteiro de elaboração. O autor tem como critério tornar a

obra de fácil manuseio e de interesse ao leitor. Outra proposta prevista na elaboração deste dicionário é apresentar os conceitos ali relacionados em outros idiomas e assim facilitar a recuperação do leitor caso queira ampliar sua leitura em âmbito internacional sobre a temática do conceito escolhido. O autor busca importantes dicionaristas e diz realizar leituras cuidadosas de textos filosóficos. Todavia, Santos sente-se à vontade para apresentar suas divergências em alguns conceitos listados, quando oportuno.

Quanto ao arranjo, destaca-se a lista de as abreviaturas mais usadas ao longo de seus 4 volumes. Essas abreviaturas indicam o sentido no qual cada conceito será apresentado ou nos vários sentidos nos quais é apresentado o conceito. Não são adotadas as remissivas “ver” e “ver também”. Porém há o emprego do sinal de “igualdade” para identificar conceitos idênticos em idiomas diferentes. O uso do “vide” é recorrente e tem como intenção remeter o conceito a outros conceitos. Ao longo dos volumes são incluídas fotos de filósofos e lugares históricos que não remetem a nenhuma parte do texto ou conceitos ali relacionados.

A segunda fonte analisada foi o “Dicionário Hegel” de Michael Inwood. Nesta obra a preocupação do autor é reunir cada verbete com o termo associado em alemão, em grego ou termos latinos e assim apresentar as ideias de Hegel. Segundo o roteiro de uso do dicionário, não é definida uma regra para o agrupamento dos termos. Termos com conceitos opostos são apresentados e explicados juntos, pois assim (segundo a visão do dicionarista) o próprio Hegel esclarece os conceitos através de seus contrários.

O dicionário lista a bibliografia de Hegel e de outros autores que citam o pensamento hegeliano, atribuindo a cada título uma abreviação de cada primeira letra das palavras que compõem o título em português. Cada abreviação contém o título em português e alemão. E é por este motivo que esta ampla bibliografia está agrupada como abreviações que serão incluídas em cada verbete. O autor faz uso da remissiva “ver” como um termo semelhante para seguir as correntes linguísticas de traduções alternativas. O autor toma, assim, a liberdade de criar o seu próprio sistema de remissivas. Muitos conceitos são apresentados no “modo versalete” (maiúscula pequena) e asterisco e assim o autor indica que há uma variação do conceito em outro conceito. O asterisco indica a consulta ao índice remissivo geral. Para Inwood, neste formato se faz uma interconexão entre o pensamento e o vocábulo de Hegel. Se o leitor não acessar a introdução à obra, torna-se

incompreensível o entendimento do verbete. Ao final, o livro apresenta a bibliografia de traduções de Hegel, agrupada por grandes assuntos e o índice de termos em língua estrangeira.

Em seguida foi analisado o “Dicionário de ética e filosofia moral” de Monique Canto Sperber. A obra tem como intenção promover o acesso a conceitos filosóficos que dão sustentação teórica à vida ética na cultura contemporânea. O dicionário contém prefácios da primeira, segunda e terceira edição. A seguir apresenta o índice alfabético de entradas da obra que é o conjunto de conceitos que formam o dicionário. Em seguida, na página de advertência ao leitor é mencionado como a obra foi construída para facilitar seu manuseio. Os conceitos são tratados como artigos. Quando estes conceitos são traduções de outros idiomas, ao conceito original é acrescentar a forma do conceito traduzido.

O conceito traz em seu verbete a subdivisão de verbete – os subverbetes, os subverbetes são mantidos dentro do verbete original. A diferença entre verbetes e subverbetes se dá por meio do uso do versalete. O verbete original e suas subdivisões podem conter citação bibliográfica. Identifica-se a preocupação do autor com relação aos conceitos simples e compostos. O autor chama o conceito composto de “expressão ou fórmula”.

Para definir a ordem alfabética de conceitos compostos a obra opta por indicar o conceito determinante, a exemplo: no caso de “lei natural, argumento do duplo efeito, ética da discussão”, ele ordena os conceitos em “lei, duplo efeito e discussão”. O autor acredita, com o recurso, evitar as “falsas entradas” e permitir diferentes entradas para tornar recuperável o conceito. Ao fim do verbete, são incluídas as referências bibliográficas e, abaixo, mais conceitos relacionados ao conceito em análise, estabelecendo, assim, a remissiva do “ver” entre conceitos. Um exemplo para o caso é “Amor em si”, relacionado ao conjunto termos “amor, dignidade, egoísmo, moralistas franceses, sentimentos”. Há índice remissivo para conceitos compostos nos idiomas inglês, francês, latim, grego, alemão, italiano, árabe, chinês ou sânscrito. Há índices para doutrinas, correntes e movimentos de pensamentos. Além de índice de autores, contém data de nascimento e morte e nota bibliográfica.

Por fim, foi analisado o “Dicionário de obras filosóficas” de Denis Huisman. Cada verbete é ordenado pelos títulos de obras filosóficas. Nas páginas introdutórias da obra, é apresentado um quadro que esclarece como é pensado cada campo do

verbetes. De imediato, o dicionário esclarece que desconsidera, ao ordenar alfabeticamente os títulos para adaptá-los a verbete; os artigos definidos, indefinidos e as preposições que constam no início dos títulos. Dois outros aspectos relevantes com relação ao ordenamento alfabético são: para títulos iguais o ordenamento se dará pelos nomes dos autores alfabetados e para títulos que são conhecidos por variados títulos são colocados a remissiva “ver”. A indicação de um círculo no indicativo da data indica um ano presumível e traz o resumo do assunto do livro.

Cada verbete recebe, segundo o quadro explicativo, a seguinte “arquitetura” de visualização de dados: título, em português, em caixa alta e em negrito. Na linha inferior, o nome do título na língua original acrescido do ano da primeira publicação do título filosófico referenciado. Na próxima linha, o nome do autor e data de nascimento e falecimento, caso tenha ocorrido. Na linha seguinte, a descrição do verbete ou, como é denominado, “análise da obra”. A descrição retrata a temática de cada livro e caso o verbete mencionar algum título de obra com asterisco, isto indica que a mesma é estudada no dicionário. Na penúltima linha, apresenta-se a edição da obra mais acessível. Logo abaixo, é apresentado o artigo científico que aponta a obra, o autor ou um aspecto da doutrina ligado ao verbete.

A averiguação empírica foi fundamental para a compreensão geral dos modos de feitura e de apresentação dos glossários, com vistas ao diálogo entre as abordagens teórico-metodológicas da terminologia e das fontes de referência especializada e o experimento em curso na pesquisa. Em outros termos, essa etapa da pesquisa nos permitiu “um olhar” crítico-visual sobre a experiência de realização de um glossário no campo filosófico, compreendendo as dinâmicas específicas do domínio.

3.1.2 Dos glossários filosóficos ao experimento na epistemologia biblioteconômico-informacional: a caminho da ficha de identificação de conceito

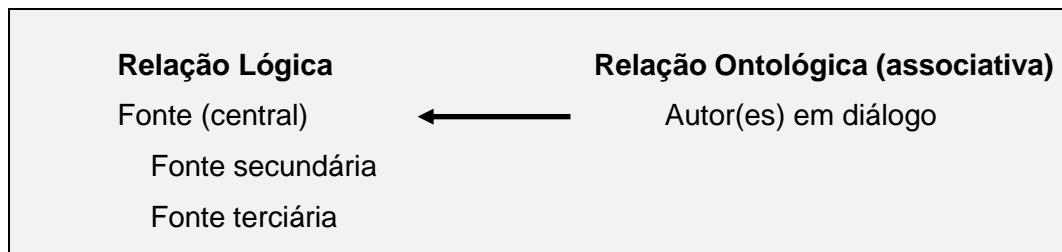
Após a experiência de contato com a produção do conhecimento em glossários conceituais no contexto da Filosofia, a pesquisa seguiu para a terceira etapa metodológica, a saber, a construção do próprio instrumento de coleta e de análise, especificamente, a ficha de identificação de conceito. Para a elaboração do experimento, foram adotados Wüster e Cesarino & Pinto do ponto de vista dos estudos da terminologia e de formação de índices temáticos para contribuir

respectivamente na elaboração do instrumento. Para a compreensão do todo da proposta, a base do pensamento dahlbergiano sobre o conceito foi adotada.

Segue-se na descrição metodológica do processo de construção das categorias adotadas da ficha de identificação de conceito, o resultado do experimento. Diferentes etapas, de tese, avaliação e reelaboração foram necessárias para o desenvolvimento da chamada “ficha final”, que viria permitir as relações lógicas conforme é apresentado por Dahlberg.

Na construção da primeira versão da ficha de identificação foi estabelecido entre as “fontes” e a categoria “autor em diálogo” uma relação ontológica associativa. A categoria “autor em diálogo” aparenta estabelecer uma relação inicialmente partitiva. Pois a categoria “autor em diálogo”, conforme é visto no quadro 5, não está disposta em relação hierárquica com as fontes. A seta indica a ideia de que “fonte em diálogo” tem um elo indireto com as fontes, de acordo com a primeira versão do experimento, ou seja, estabeleceu uma relação partitiva entre as categorias “fontes” e a categoria “ator(es) em diálogo”.

QUADRO 5- Relação entre conceitos (Fontes) – Wüster segundo Hagar Espanha Gomes



Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Gomes ([19?]) declara que na TGT de Wüster,

as relações ontológicas englobam as relações partitivas e as relações seqüenciais (contigüidade no espaço ou no tempo). Neste aspecto, a TGT oferece bases mais seguras para o estabelecimento das chamadas relações não-hierárquicas (associativas) [...] Wüster foi além: com as relações ontológicas ofereceu base para relações entre classes de diferente natureza (GOMES, 19[?])

Porém o discurso de Gomes esclarece que segundo Wüster, uma relação ontológica só ocorre quando os conceitos em relação pertencem a “classes de diferentes naturezas”. Acontece que a categoria “ator em diálogo” sob o ponto de vista da TGT de Wüster, não evidencia ser diferente da natureza das categorias “fontes” pois as fontes e o autor em diálogo são categorias que se hierarquizam

entre si, pois giram em torno de González de Gomez, onde autor em diálogo é quem a pesquisadora lê e cita em seus artigos, a fonte central é o próprio artigo lido e analisado para a pesquisa, a fonte secundária, conceitos que continuam a ser apresentados pela pesquisadora após a fonte central e a fonte terciária são os pesquisadores-leitores de González de Gómez. O que acontece de fato é uma não associação do ponto de vista da linguagem da categoria “ator em dialogo” em relação as demais categorias “fontes”. Tal fato convida a repensar o termo “ator em diálogo.” E aponta que não é possível estabelecer uma relação ontológica entre as categorias. O que anula a contribuição conceitual de Wüster a pesquisa.

No plano macro-teórico-metodológico do instrumento, definimos, como antevisto, a “ficha” como “ficha de identificação de conceito”, tendo como aporte central a revisão do pensamento de Dahlberg. Conforme a Teoria do Conceito há uma relação entre o objeto (referente), a forma verbal (termo) e as características que descrevem o objeto que formam o conceito. A estrutura teórico-metodológica da ficha é, pois, inspirada nas grandes categorizações da teoria dahlbergiana, a saber: o “conceito individual ou geral”, a “definição”, as “fontes” que estabelecem as “relações lógicas conceituais”. Conforme proposto pelo enunciados de Dahlberg (1978b,p.102), os conceitos individual e geral são apoiados nas:

linguagens naturais é possível formular enunciados a respeito tanto dos conceitos individuais como dos conceitos gerais. É em base a tais enunciados que elaboramos os conceitos relativos aos diversos objetos. Cada enunciado verdadeiro representa um elemento do conceito. Suponhamos o objeto individual chamado IBICT (Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia). Sobre ele podemos formular os seguintes enunciados: é uma instituição; situada no Rio de Janeiro; relacionada com a coordenação dos sistemas de informação no Brasil e possui cerca de 60 funcionários, etc[... enquanto] os elementos contidos nos conceitos gerais encontram-se também nos conceitos individuais, sendo, portanto, possível reduzir os conceitos individuais aos gerais e ordená-los de acordo com os conceitos gerais. (DAHLBERG, 1978b, p.102).

Já a definição, segundo Dahlberg, explica a intensão do conceito, como

a soma total das suas características. É também a soma total dos respectivos conceitos genéricos e das diferenças específicas ou características especificadoras na representação da intensão do conceito.[...] A definição é, de certo modo, uma *limitação*, ou seja, uma colocação de limites. Trata-se de determinar ou fixar os limites de um conceito ou ideia. Equipara-se algo ainda não conhecido (o elemento colocado à direita). Podemos então definir a definição da seguinte maneira: definição — de delimitação ou fixação do conteúdo de um conceito (conteúdo do conceito = intensão, ou conjunto de características ou atributos). (DAHLBERG, 1978p, p.107).

E, para fechar o conceitual utilizado na pesquisa advindo da pesquisadora é apresentado a visão de Dalhberg (1978b,p.104) perante as relações hierárquicas de gênero e espécie.

Se dois conceitos diferentes possuem características idênticas e um deles possui uma característica a mais do que o outro, então entre eles se estabelece a relação hierárquica ou relação de gênero e espécie. Pode-se então falar de conceitos mais amplos ou mais restritos. Pode-se também falar de conceito superior e inferior. O conceito superior é o mais genérico e o inferior é o mais específico. Se falamos de *macieira* temos como conceito mais amplo ou superior o conceito de *árvore frutífera* e mais genérico ainda o conceito de *árvore*. Teremos então a seguinte hierarquia: *Árvore/ árvore frutífera/macieira* (DAHLBERG, 1978b,p.104)

Tal fundamentação inclui, ainda, segundo os olhares de Cesarino & Pinto, a linguagem das “remissivas”, a partir das quais foi identificada a potencialidade de indicar a intensão de uma outra possibilidade similar ao conceito, um quase sinônimo, ou um termo semelhante (mas não idêntico). As categorias “fontes” (central, secundária e terciária) foram elaboradas a partir da identificação dos autores e das referências bibliográficas (processos) possibilitadas pela análise de cada conceito.

Os movimentos iniciais de elaboração da ficha geraram a versão estrutural abaixo.

QUADRO 6 – Modelo de ficha de identificação do termo – primeira versão

TERMO	
Campos	Conteúdos
Denominação:	“Dar o nome a”
Fonte central:	Apresentar a referência bibliográfica do texto fonte na qual o termo é apresentado.
Fonte(s) secundária(s):	Apresentar a(s) referência(s) bibliográfica(s) do termo do texto-fonte criado e usado por Nélida em outras fontes, além da fonte original.
Fonte(s) terciária(s):	Apresentar os pesquisadores que utilizaram o conceito criado ou usado por Nélida.
Autores em diálogo:	Refere-se a quem Nélida lê
Ver também:	Ficha aberta a possibilidade de remissivas para esclarecer e até reunir conceitos visando a sistematização

Fonte: Elaborado pela autora – 2016

Mediante às primeiras análises e testes, a ficha de identificação de conceito (anteriormente “termo”, com demonstrado no Quadro 5 acima) sofreu acréscimos e alterações nos campos apresentados anteriormente. Conseqüentemente, a visualização da ficha foi alterada. A mudança inicial vai ao encontro da troca do termo “campos” para “categorias” da ficha de identificação. Percebeu-se que os dados extraídos dos artigos eram dados sujeitos à modificação, durante e após a pesquisa. Cada categoria gera conteúdo sobre si mesma e é inclusa a “nota formal” que é uma espécie de nota sobre a variável, com a função de esclarecer e aprofundar a precisão do conteúdo do conceito. As categorias previstas na ficha deram abertura para constantes revisões e análises do experimento.

Outra alteração diz respeito ao nome da categoria “denominação” para “definição”. Ao longo da primeira testagem foram identificadas duas questões problemáticas (uma direta, outra indireta) ao se adotar a categoria “denominação”. O aspecto direto estava ligado ao seu significado, “dar nome a”, segundo a teoria de Wüster. Isto significa que, dentre suas possíveis interpretações, uma delas responde pela intenção desta categoria em demarcar a nomenclatura do conceito. Acontece que os conceitos elaborados e apropriados por González de Gómez concebem uma pré-existência do ponto de vista do glossógrafo, do observador, já sendo manifestados em seu termo. Reconhecemos, como nas Considerações Finais é apontado, que o ato de desenvolvimento do glossário é, ao final, conforme o olhar wüsteriano, também parte de um processo de “construção” do conceito via o ato de denominação. Mas optamos, no curso da reflexão sobre a empiria, reavaliar a questão, uma vez que o foco central do glossário experimental estava em identificar e sistematizar os conceitos. O outro aspecto, indireto, estava ainda em Wüster, ao usar o conceito correto para repensar do que se trata – denotação. Este conceito estabelece apenas uma relação direta entre o referente (objeto) e o termo (forma verbal). Nesta sentença direta predomina apenas a linguagem e não a ideia sobre o referente em conexão com o mundo, isto é, o conceito, focou no nosso glossário.

Dahlberg diz que:

hoje mais do que em qualquer outra época necessário fazer todos os esforços a fim de obter definições corretas dos conceitos, tanto mais que o contínuo desenvolvimento do conhecimento e da linguagem conduz-nos à utilização de sempre novos termos conceitos cujo domínio nem sempre é fácil manter. A importância das definições evidencia-se também quando se tem em vista a comunicação internacional do conhecimento. E pelo domínio perfeito das estruturas

dos conceitos que será possível se obter a perfeita equivalência verbal. (DAHLBERG,1978, p. 106)

Além disto, para relembrar o diálogo já tecido entre a pesquisa e Dahlberg (p.36), com a intenção de dizer o que é uma definição e diferenciar as suas espécies, temos que

As definições “equivalem a uma ‘equação de sentido’, de um lado (a esquerda) encontramos o que deve ser definido [o definiendum] e de outro (à direita) aquilo pela qual a coisa é definida [o definiens]. A *definição nominal* tem por fim a fixação do sentido de uma *palavra*, enquanto que a definição real procura delimitar a intensão de determinado conceito distinguindo-o de outros com idênticas características. A definição nominal relaciona-se com o conhecimento contido na linguagem. A *definição real* relaciona-se com o conhecimento do objeto. São mencionadas as características essenciais, e também as características acidentais muitas vezes, no definiens. (DAHLBERG,1978b, p. 106)

Na ficha, pois, a proposta foi adotar a definição nominal para firmar "o sentido de uma palavra¹" e assim, consolidar o emprego do conceito criado ou usado por González de Gómez. Para fortalecer a definição do conceito, a categoria “definição” foi subdividida ainda em “definição conceitual”, que demonstra o conceito manifesto de González de Gómez com intervenções no contexto, para dar clareza ao texto original para o leitor e a definição contextual, que relata o discurso integral da pesquisadora.

A ficha é acrescida da categoria “fonte genética”, que é fonte de onde González de Gómez retira o conceito de forma explícita ou implícita, ou seja, a pesquisadora usa exatamente o conceito ou faz uso da ideia do conceito, porém atribui nome ao conceito do qual pretende revelar juntamente. Nesta categoria foi incluída a referência bibliográfica da obra lida pela pesquisadora, fato que não ocorria na categoria “atores em diálogo”. Esta categoria foi excluída da ficha de identificação de conceito.

A categoria fonte central, por sua vez, foi alterada para fonte primária. Assim se estabeleceu a relação lógica entre conceito e fontes, a saber, genética, primária, secundária e terciária.

¹ DAHLBERG,1978b, p. 106

QUADRO 7 - Relação lógica entre conceitos e fontes

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

As relações lógicas conceituais foram acrescentadas na ficha de identificação de conceito, pois percebeu-se a existência de conceitos criados ou usados por González de Gómez que podiam ser sistematizados em um ou diferentes artigos, e de forma distinta. Nesse sentido, a questão nos levou à inclusão das categorias: termo geral, específico e termo associado.

Cesarino & Pinto demonstram ainda a importância da inclusão da categoria “remissivas: ver e ver também” criada por Cutter e apresentada no referencial teórico dos catálogos alfabético de assunto e muito utilizada em dicionários e glossários, como observado, em alguns casos, na análise realizada na Biblioteca do IFCS.

Por fim, a ficha trouxe a categoria “notas conceituais” que representou o diálogo desta pesquisa com o conceito manifesto de González de Gómez. Como o experimento tem a intenção de ser uma ferramenta mediadora do discurso epistemológico em BCI, o que importa de fato é dizer de que se trata o conceito ao leitor, ou seja, apresentar o conceito elaborado e apropriado por González de Gómez a partir da definição prescrita recortada dos artigos da pesquisadora, para o leitor.

As categorias definições e conceitos são apresentados como propostas a pesquisa. Com a apresentação e as considerações feitas com relação à ficha de identificação de conceito, a pesquisa definiu o modelo como protótipo inicial.

QUADRO 8 - Modelo de ficha de identificação de conceito – protótipo inicial

Conceito simples ou composto		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição conceitual	Demonstrar o conceito manifesto de González de Gómez com intervenções no contexto, para dar clareza ao texto original para o leitor	
Definição contextual	Relatar o discurso integral de González de Gómez	
Fonte genética	Apresentar a referência bibliográfica do conceito do qual foi criado o conceito usado pela pesquisadora. Refere-se a quem Nélide lê	
Fonte primária	Apresentar a referência bibliográfica do texto fonte na qual o conceito é apresentado.	
Fonte secundária	Apresentar a(s) referência(s) bibliográfica(s) do termo do texto-fonte criado e usado por Nélide em outras fontes, além da fonte original.	
Fonte terciária	Apresentar a(s) referência(s) bibliográfica(s) dos textos de pesquisadores que utilizaram o conceito criado ou usado por Nélide.	
Ver	Atribuir conceitos quase sinônimo com o ver também	
Ver também	Atribuir conceitos quase sinônimo com o ver	
Termo geral	Conceito geral	
Termo específico	Conceito mais específico em relação ao conceito geral	
Termo associado	Conceito relacionado ao conceito usado ou criado por González de Gómez	
Notas conceituais	Informações complementares aos conceitos para atribuir mais informação.	

Fonte: Elaborada pela autora, 2017.

Para identificar as fontes para a categoria “fontes terciárias” foram adotadas:

- Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) mantida pela Universidade Federal do Paraná;
- Repertório de Produção Periódica Brasileira da Ciência da Informação desenvolvido no Laboratório de Estudos Métricos da Informação na Web – Lab iMetrics criado a partir de um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas;
- Sistema de busca eletrônico do Google Acadêmico (*Google Scholar*).

Optou-se por utilizar a Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI e o *Google Scholar* - devido ao volume de resultados

pertinentes ao campo fontes terciárias. O último traz como resultados: a referência bibliográfica do artigo solicitado, a referência bibliográfica de quem cita o conceito e/ou o artigo solicitado, uma nota em três linhas sobre como o conceito foi apresentado pelo pesquisador que cita González de Gómez e, por fim, traz o artigo em extensão pdf do citante e do citado. Além disso, o buscador traz pesquisadores que citaram também González de Gómez em dissertações e teses no Brasil e no exterior.

Mediante as mudanças realizadas, segue abaixo a versão projetada da ficha adotada ao longo da pesquisa.

QUADRO 9 – Modelo preenchido de ficha de identificação de conceito adotada na pesquisa

Representação do conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“Representação [do conhecimento]” não se estabelece na relação de [reconhecimento do homem com o mundo] e sim, dentro das relações [socioculturais de um grupo social ou entre grupos sociais ou] “de uns homens com outros homens.”	
Definição contextual	“Representação não consiste em uma dimensão necessária da relação gnosiológica do homem com o mundo, mas em um constructo sócio-cultural constituído de relações de uns homens com outros homens.”	
Fonte genética	-	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p.218	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Estudos de organização e representação do conhecimento	
Notas conceituais	O conceito se apresenta em um diálogo com as condições paradigmáticas culturais do Ocidente, ou seja, a autora relaciona os a recuperação da informação com o contexto social e cultural. O modo como a sociedade se conecta com as ações culturais e sociais entre si.	

Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

Feitos estes esclarecimentos sobre os procedimentos, passamos à demarcação da amostra, ou seja, dos quatro artigos analisados, fruto das 56 fichas de conceitos construídas, ou, ainda, seguimos agora para os Resultados do estudo.

4 RESULTADOS

A amostra total do estudo foi composta por 56 (cinquenta e seis) fichas de identificação de conceito, estabelecidas a partir da análise de 4 (quatro) artigos de González de Gómez. Cabe alertar que a amostra visou criar subsídios para a construção do glossário experimental, representando, pois, a apresentação geral do experimento (e não uma estrutura definitiva de dados para um glossário da epistemologia biblioteconômico-informacional).

A seguir apresentamos e analisamos a amostra demonstrativa de fichas de identificação do conceito composta de termos do campo de estudos filosóficos, sociais e informacionais. Na seção secundária 4.2 realizamos a discussão em torno das fichas apresentadas e analisadas a partir da fundamentação teórico-metodológica da pesquisa.

4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A amostra demonstrativa foi gerada a partir de um critério aleatório, representando dados dos quatro artigos selecionados para o corpus, com foco na visualização sumarizada do resultado de reconhecimento conceitual a partir das ideias de González de Gómez. Os conceitos destacados para apresentação dessa amostra foram:

- a) “Locus ontológico do conhecimento”
- b) “Definição”
- c) “Sociedade contratual”
- d) “Lócus da informação na Esfera do Estado”
- e) “Fluxo mundial da informação”
- f) “Paradigma identitário”
- g) “Saber filosófico”
- h) “Artefato”

A partir da lista de conceitos indicada, apresentamos as fichas e suas análises. Na sequência da análise direta (apreensão pormenorizada de cada

categorização realizada) passamos à análise indireta, ou seja, a avaliação panorâmica da experiência, segundo os passos da abordagem teórico-metodológica.

- Análise direta das fichas de identificação de conceito

a) “Locus ontológico do conhecimento”:

QUADRO 10 - Ficha de identificação de conceito 7 - Locus ontológico do conhecimento

Locus Ontológico do Conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O locus ontológico do conhecimento é objeto de] “apresentação do real. O intelecto que intui (nous), em frente do qual o entendimento argumentativo (dianóia) possui um caráter derivativo. “O saber não vem da competência lógica ou da receptividade transparente das faculdades de representar mas da passiva abertura do ser. Trata-se de remeter sempre aquilo que aparece e que parece ser enquanto derivado àquilo que, enquanto originário, estabelece-se como modelo.”	
Definição contextual	“Assim, o locus de apresentação do real é o intelecto que intui (nous), em frente do qual o entendimento argumentativo (dianóia) possui um caráter derivativo. A dignidade e excelência do saber não vem da competência lógica ou da receptividade transparente das faculdades de representar mas da passiva abertura do ser. Trata-se de remeter sempre aquilo que aparece e que parece ser enquanto derivado àquilo que, enquanto originário, estabelece-se como modelo.”	
Fonte genética 1	PLATON. <i>La República</i> . Bs. As. EUDEBA s/d.	Platão - conceito de “Plano dos Dois Mundos”
Fonte genética 2	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, 1964, 388p.	Aristóteles e o conceito do pensamento com o real= logos com locus da verdade
Fonte genética 3	HEIDEGGER, M. <i>La pregunta por la cosa</i> . BS. As., SUR, 1964.	Heidegger, e o conceito do Logos como síntese = “permitir ver algo como algo”.
Fonte genética 4	DELEUZE, G. <i>Diferença e Repetição</i> . Rio de Janeiro: Graal, 1988, 499p.	Deleuze e o conceito da diferença entre cópia e simulacro
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci. Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 218	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. <i>Pesq. Bras. Ci. Inf.</i> , Brasília, v.2, n.1, p.115-134, jan./dez. 2009. p. 115-117	
Fonte terciária	---	
Ver		
Ver também	Ontologia [do conhecimento]	
Notas conceituais	O conceito se apresenta como um dos locus (local) do conhecimento na sociedade ocidental. O Locus antológico ou simplesmente Ontologia do conhecimento se faz entender pelas mãos de Platão através do conceito do “Plano dos Dois Mundos”. Este tem como significa a submissão de idéias ou formas sob o princípio de verdade e da realidade nos objetos dispostos no cotidiano da experiência. Aristóteles reformula o conceito e define o solo do conhecimento está no “logos” – verbo escrito ou falado que torna a idéia verdade. E assim, se estabelece a relação do homem com relação ao mundo palpável.	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “Locus Ontológico do Conhecimento” foi extraído na íntegra do artigo. O conceito é simples pois o confronto entre definições conceitual e contextual diz que “locus Ontológico do Conhecimento” é “um objeto de apresentação do real. Para apresentar o conceito “locus Ontológico do Conhecimento”, González de Gómez lê: a “Republica” de Platão, de onde extrai o conceito do “plano dos dois mundos”; “Metafísica” de Aristóteles, de onde extrai o conceito do “pensamento com o real”; A “Pergunta pela Coisa” de Heidegger de onde extrai o conceito de “verdade como síntese” e “Diferença e Repetição” de Deleuze de onde extrai o conceito de “diferença entre cópia e simulacro”. A remissiva admite uma relação quase sinônima com o conceito e por isto pode-se admitir que o conceito “Locus Ontológico do Conhecimento” pode ser reduzido em sua forma verbal para simples “ontologia do conhecimento” ou simplesmente “ontologia”. Em “notas conceituais” é apresentada a visão da pesquisa frente ao conceito apresentado pela pesquisadora.

b) “Definição”

QUADRO 11 - Ficha de identificação de conceito 14 - Definição

Definição		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Percebe-se o conceito Definição com os] sintomas de uma incipiente mudança nos critérios de relevância: da ênfase nos sistemas e nas leituras estruturadas à ênfase nos atores sociais e suas ações de comunicação/informação.	
Definição contextual	Hoje, percebem-se sintomas de uma incipiente mudança nos critérios de relevância: da ênfase nos sistemas e nas leituras estruturadas à ênfase nos atores sociais e suas ações de comunicação/informação, colocando-se em um novo escopo a questão da Definição.	
Fonte genética 1	HABERMAS, J. Sobre a crítica da teoria do significado. In.: <i>Pensamento Pós-Metafísico Estudos Filosóficos</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.p. 105-150.	Habermas e a Teoria da ação comunicativa
Fonte genética 2	WITTGENSTEIN, L. Tratado Lógico-Filosófico, Investigações Filosóficas. Lisboa: Fund. Calouste Gulbekian, 1983	Wittgenstein e o conceito dos Jogos de Linguagem
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 222	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária 1	FERNANDES, Geni Chaves; SALDANHA, Gustavo Silva. Contribuições de Marteleto e González de Gómez ao entendimento do informacional: diálogos com três aportes de informação. <i>Ponto de Acesso</i> , Salvador, v.6, n.1, p.2-31, Abr. 2012.	O artigo da fonte terciária 1 trata dentre outros conceitos o conceito de Definição. Acontece que a fonte primária acerca do conceito de Definição não é citada entre as referências bibliográficas da fonte terciária 1.
Fonte terciária 2	FRANCELIN, Marivalde Moacir. Espaços de Definição. <i>Ponto de Acesso</i> , Salvador, BA, v.6, n., p. 75-91, abr. 2012.	O artigo da fonte terciária 2 trata entre outros conceitos o conceito de Definição. Acontece que a fonte primária acerca do conceito de Definição não é citada entre as referências bibliográficas da fonte terciária 2.
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito declara que na fase contemporânea dos estudos de informação, a informação produzida pelos atores sociais e culturais são a base de compreensão do que representar para recuperar a informação ao contrário do modelo anterior versado em refletir sobre a produção documentária dos atores sociais e em tecnologias para promover a recuperação.	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “Definição” é um conceito simples e dá a intenção de processo. No confronto entre definições conceitual e contextual identifica-se que a “Definição” é a reação entre os atores sociais e as medidas de relevância de suas ações de informação. González de Gómez lê: “Sobre a crítica da teoria do significado” de Habermas em que estuda a “Teoria da ação comunicativa” e do “Tratado Lógico-Filosófico, Investigações Filosóficas” de Wittgenstein, do qual apreende o conceito de “Jogos de linguagem”. Em notas conceituais é apresentado a visão da pesquisa frente ao conceito apresentado pela pesquisadora.

c) “Sociedade contratual”

QUADRO 12 - Ficha de identificação de conceito 17 – Sociedade contratual

Sociedade contratual		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Sociedade contratual é] “uma rede constante de produção e registro de informação. [Mantém] num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. [O] mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso [são as instituições que integram da sociedade contratual]. [..Estas instituições legitimariam] os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Definição contextual	“Uma rede constante de produção e registro de informação manteria num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. Organizam os planos de integração da sociedade moderna: o mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso. [...] legitimavam os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 144	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. <i>Dgz</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 6, p. Dez. 2000.	
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n.1, p. 27-40, Jan./Abr. 2002.	Este artigo não menciona a fonte primária desta ficha, porém, o conceito cidadania aliado a informação é desenvolvido ao longo do texto, razão pela qual foi incluso.
Fonte terciária	---	
Ver		
Ver também 1	Contrato de cidadania	
Ver também 2	Cidadania informacional	
Notas conceituais	O conceito diz como seria a articulação da rede e entre cidadãos e legitimaria o direito ao acesso a informação. Mas como diz o artigo em fonte primaria, foi apenas proposta inicial.	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “Sociedade contratual” é extraído na íntegra do artigo. O conceito é composto da união entre sociedade (objeto)+contratual (relação). O confronto entre definições conceitual e contextual demonstra que “sociedade contratual” é “uma rede constante de produção e registro de informação(objeto). Estabelecer uma relação entre “testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. [O] mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso [são as instituições que integram da sociedade contratual]. O artigo “Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação” é de onde é extraído o conceito. Este artigo é o primeiro artigo no qual González de Gómez apresenta o conceito, ou seja, a fonte primária do conceito. A pesquisadora amplia a apresentação do conceito nos artigos seguintes: Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação, de 2000 e Novos cenários políticos, de 2002, fontes secundárias ao conceito “sociedade contratual”. É relevante explicar que o conceito “sociedade contratual” apresenta equivalência conceitual registradas nas remissivas “ver também 1 e 2” nos conceitos “contrato de cidadania” e “cidadania informacional”. Baseando-se no conceito “cidadania informacional” são identificados no artigo “Novos cenários políticos” (fonte secundária 2), os conceitos “cidadania” e “informação” que equivalem a idéia de “cidadania informacional” e por esta razão o artigo foi incluso na ficha. Em notas conceituais é apresentada a visão da pesquisa frente ao conceito apresentado pela pesquisadora.

d) “Locus da informação na Esfera do Estado”

QUADRO 13 - Ficha de identificação de conceito 20 – Locus da informação na esfera do estado

Locus da informação na Esfera do Estado		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O conceito traz um] aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais.”	
Definição contextual	“Um aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais.”	Este conceito tem relação direta com a primeira fase do Governo Vargas e a criação do DASP e modernização do Estado.
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 145	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também 1	Locus político da informação	Com a criação do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq o conceito apresentado no cabeçalho da ficha é alterado para Locus político da informação pois é acrescida gradativamente ao contexto político informacional, a informação científica e tecnológica. (Década de 50)
Ver também 2	Locus para a questão da informação na esfera das políticas públicas	Com a constituinte de 1988 a abertura para a Democracia e como consequência onde o Estado torna-se duplamente responsável pela gestão da informação do governo e por permitir o direito à informação aos cidadãos brasileiros.
Notas conceituais	O conceito iniciou com a intenção de desenvolvimento administrativo e educativo as esferas governamentais carentes de informação e conhecimento sobre si e sua atuação frente as ações sociais. Com o início da pesquisa científica no Brasil e a criação de instituições de apoio a política de segurança e desenvolvimento, o conceito foi ampliado para absorver o conhecimento científico e tecnológico.	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “Lócus da informação na Esfera do Estado” é extraído na íntegra do artigo. O conceito é composto pois no confronto entre definições conceitual e contextual diz que “Lócus da informação na Esfera do Estado” é uma combinação de informação (objeto)+Estado(local)+um tempo não implícito no conceito e sim nas Notas da Definição contextual onde menciona que o conceito possui relação direta com a primeira fase do Governo Vargas e a criação do DASP e modernização do Estado. Mais uma vez, as Notas relacionadas a categoria “remissivas” relacionam Locus político da informação e Locus para questão da informação na esfera das políticas públicas a quase um sinônimo para “lócus da informação na Esfera do Estado”. O conceito “Locus político da informação” está relacionado a criação do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq e a preocupação do Estado em desenvolver a informação científica e tecnológica, na Década de 50. Já o conceito “Locus para a questão da informação na esfera das políticas públicas” se estabelece com a abertura democrática, na constituinte de 1988, e declara o Estado responsável pela gestão da informação pública e também, pela responsabilidade pelo direito à informação aos cidadãos brasileiros. Em notas conceituais é apresentada a visão da pesquisa frente ao conceito apresentado pela pesquisadora.

e) “Fluxo mundial da informação”

QUADRO 14 - Ficha de identificação de conceito 32 – Fluxo mundial da informação

Fluxo mundial da informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A mundialização da informação [é] a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macro-imagem” de uma “informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais) [e também] a definição monopólica de seus valores e conteúdos por centros mercadológicos e estratégicos, sucederia que cada vez mais que do outro centro [o patrimonialista.]. Uma vez interrompido os vínculos espontâneos de uma sociedade tradicional, somente os processos socializadores e técnicos de transferência de informação poderiam regenerar muitas memórias coletivas e atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.”	
Definição contextual	A mundialização da informação, a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macro-imagem” de uma “informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais). Se a globalização das esferas da informação adiciona-se a definição monopólica de seus valores e conteúdos por centros mercadológicos e estratégicos, sucederia que cada vez mais que [...] do outro: investigações realizadas em universidades e centros de pesquisas europeus e norte-americanos, imagens geradas em agências de um único país transnacional. Uma vez interrompido os vínculos espontâneos de uma sociedade tradicional, somente os processos socializadores e técnicos de transferência de informação poderiam regenerar muitas memórias coletivas e atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.”	
Fonte genética		
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. America Latina Y Los Espejos de La Información. <i>Ciencias dela Information</i> , Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110,1994. p.	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Espejos da informação	
Notas conceituais	O conceito aborda os novos vínculos de subordinação estabelecidos as culturas regionais (grupos étnicos, de classe, regionais) a partir da imposição de uma informação “única ou real ou macro imagem” advinda da cultura mercadológica ocidental por meio da expansão das novas tecnologias com a Globalização. A reversão deste processo ocorreria com a retomada dos estudos acerca de memórias coletivas a fim de atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “fluxo mundial da informação” foi extraído na íntegra do artigo. O conceito é composto pelo confronto entre as definições conceitual e contextual e traz a idéia de uma composição dos conceitos: fluxo (fenômeno) + mundial (dimensão) + informação(objeto) confirmado pela Definição conceitual de uma “a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macro-imagem” de uma “informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais.”. O conceito “fluxo mundial da informação” estabelece uma relação remissiva de “ver também” com o conceito “espelhos da informação”. Em notas conceituais é apresentado a visão da pesquisa frente ao conceito apresentado pela pesquisadora.

f) “Paradigma Identitário”

QUADRO 15 - Ficha de identificação de conceito 34 – Paradigma identitário

Paradigma identitário		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O paradigma identitário é apresentado por] Hegel [que] dizia: “o homem é a representação” no estado falado somente da fragilidade ontológica do homem, se oferecer uma das chaves da modernidade ocidental, na qual se inaugura um novo jogo de espelhos: cada vez que o homem moderno tenta saber sobre o mundo, só encontra a si mesmo. Logo a potência e a fragilidade, coloca o conhecimento em um ponto axial do processo civilizador, o homem europeu coloca suas experiências, representações, sua obra, como possibilidade referencial e meta de toda realização humana. No paradigma identitário [ou identidade define que] cada vez [mais] o homem europeu vê o homem americano, percebe unicamente que a diferença [dele sobre o homem americano de é inexistente ou culpa por parte do homem americano. Portanto, estes desafios de] relações com o ocidente se define em um campo bipolar que seus extremos tem ações pedagógicas e ações de guerra.”	
Definição contextual	“Quando Hegel dizia:” o homem é a representação no estado falado somente da fragilidade ontológica do homem, se oferecer uma das chaves da modernidade ocidental, na qual se inaugura um novo jogo de espelhos: cada vez que o homem moderno tenta saber sobre o mundo, só encontra a si mesmo. Logo a potência e a fragilidade, coloca o conhecimento em um ponto axial do processo civilizador, o homem europeu coloca suas experiências, representações, sua obra, como possibilidade referencial e meta de toda realização humana. No paradigma identitário dos espelhos cada vez que o homem europeu vê o homem americano percebe unicamente que a diferença como perda ou culpa. Suas relações com o ocidente se define em um campo bipolar que seus extremos tem ações pedagógicas e ações de guerra.”	
Fonte genética	HEGEL. [...]	Gonzalez de Gómez faz citação direta a Hegel, porém não inclui a referência bibliográfica correspondente a citação na bibliografia do artigo.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110.1994. p. 107	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. <i>Liinc Rev</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 16-37. Mar.2005.	
Fonte terciária	---	
Ver	-	
Ver também	Identidade	
Notas conceituais	---	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “Paradigma Identitário” é um conceito composto e dá uma ideia da combinação implícita de um objeto (paradigma + identitário) e explícita de espaço (um olhar sobre o homem vivente na Europa e na América Latina) como é visto na fala de Hegel. González de Gómez parte, pois, do olhar hegeliano. Em 2005, a pesquisadora reapresenta o conceito no artigo “A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve” e esta informação registrada em fonte secundária. A remissiva “ver também: identidade” admite uma relação quase sinônima com o conceito “paradigma identitário”.

g) “Saber filosófico”

QUADRO 16 - Ficha de identificação de conceito 41 – Saber [filosófico]

Saber [filosófico]		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A filosofia apresenta-se, no [processo conhecimento humano], como o primeiro perguntar que faz um retorno sobre a forma e direção do saber, como um saber que só pode ir além quando não perde de vista em direção a que desde onde teve seu ponto de partida como saber.”	O saber é a base da filosofia.
Definição contextual	“A filosofia apresenta-se, na história do pensamento, como o primeiro perguntar que faz um retorno sobre a forma e direção do saber, como um saber que só pode ir além quando não perde de vista em direção a que desde onde teve seu ponto de partida como saber.”	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação e conhecimento. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v.13, n.2, p. 107-114, jul./dez. 1984.	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p.257-258	Este é o artigo em análise direta nesta pesquisa.
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Da organização do conhecimento às políticas de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.2, n.2, p.58-66, jul./dez. 1996.	
Fonte secundária 3	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. O caráter seletivo das ações de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.2, p.7-31, jul./dez. 1999.	Artigo inscrito após a participação da pesquisadora como coordenadora do projeto integrado de pesquisa, com apoio do CNP, Organização do Conhecimento e Políticas de Informação findo em março de 2000.
Fonte terciária	---	
Ver		
Ver também	Filosofia	
Notas conceituais	Este conceito aproxima o saber e a filosofia como está no texto. A pesquisa uniu os conceitos para evidenciar a aproximação e dar sentido as relações lógicas e antológica apresentada no artigo.	

Fonte: Elaborada pela autora - 2016

Análise: O conceito “Saber filosófico” foi extraído na íntegra do artigo. O conceito é composto pelo confronto entre definições conceitual e contextual que diz que o “Saber filosófico” é um “processo + conhecimento filosófico”. González de Gómez lê a “Metafísica” de Aristóteles e extrai o conceito “busca do mais saber”. O artigo lido para a pesquisa não é a fonte primária de onde o conceito foi extraído e sim, a fonte secundária inicial. O conceito foi apresentado no artigo “Informação e conhecimento”. Artigo que resume a sua dissertação de mestrado. O conceito “saber filosófico” foi duas vezes mais reapresentado pela pesquisadora após o artigo “Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas?” (Fonte secundária 1), que são artigos: “Da organização do conhecimento às políticas de informação”, publicado em 1996 e “O caráter seletivo das ações de informação.”, publicado em 1999.

O artigo fonte secundária 1 é escrito como resultado da participação de González de Gómez como coordenadora do Projeto Organização do Conhecimento e Políticas de Informação, apoiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa, findado em 2000. A remissiva “ver também” admite uma relação quase sinônima da com o conceito “filosofia”.

h) “Artefato”

QUADRO 17 - Ficha de identificação de conceito 44 – Artefato

Artefato		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[Techné tem um fim ou resultado advindo de uma idéia] de um saber fazer orientado por regras. Saber dos meios contingenciados pela exterioridade do fim”	
Definição contextual	“Aristóteles define Filosofia como a busca do mais do saber. Por sua direção, aponta sempre como fim a sua própria realização. Independente da imposição externa de fins ou resultados a diferença das artes (texne), saber fazer orientado por regras, saber dos meios contingenciados pela exterioridade do fim.”	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p.258	Este é o artigo em análise direta nesta pesquisa.
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A mudança de regimes de informação e as variações tecnológicas. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. <i>Anais ...</i> São Paulo: Enancib, 2008.	
Fonte terciária	---	
Ver	Techné	
Ver também	Estado da arte	
Notas conceituais	Techné remete a ideia de saber construir um artefato a partir do saber, ou seja, a partir da combinação de conhecimento, prática e experimentação. Por este motivo este é o radical de muitas palavras que remetem est idéia como técnica, tecnologia. O conceito artefato não está no artigo, porém é identificado e nomeado pela pesquisadora no artigo que encontra-se registrado em fonte secundária.	

Fonte: Elaborada pela autora – 2016

Análise: O conceito “Artefato” é um conceito simples. O confronto entre definições conceitual e contextual dá idéia que “artefato” é “um objeto que processa algo, ou seja, algo que é “um fim ou resultado advindo de uma idéia] de um saber fazer orientado por regras.” Para apresentar o conceito “artefato”, González de Gómez lê: a “Metafísica” de Aristóteles, do qual extrai o conceito do “techné”. A remissiva “ver também” admite uma relação quase sinônima entre os conceitos “artefato”, “techné” e “estado da arte”. Em notas conceituais são apresentados a visão da pesquisa frente ao conceito apresentado pela pesquisadora.

- Análise panorâmica do experimento

Dando sequência à análise da amostra, passando do processo analítico direto para o indireto, ou seja, a avaliação panorâmica da experiência, é importante para subsidiar a construção do glossário experimental na relação entre o que foi proposto e de fato realizado ou previsto no traçado de desenvolvimento do glossário experimental, como apontado em Faulstich (1995).

QUADRO 18 - Quadro dos resultados obtidos revisados a partir da proposta de Enildes Faulstich

TRAÇADO DE DESENVOLVIMENTO	PROPOSTO	PREVISTO/REALIZADO
Perfil do leitor	Graduação e pós-graduação da BCI	Além Graduação e pós-graduação da BCI e passível de aceitação demais áreas das ciências sociais
Validação dos conceitos selecionados	Pesquisador- leitor de González de Gómez	Validação não ocorrida devido ao tempo – atividades de construção e testagem da ficha, pesquisas, registros estenderam-se além do tempo previsto.
Demarcação do contexto sob análise	Bibliografia	Artigos (4 artigos publicados, em sequência, após a conclusão do doutorado.)
Seleção de conceitos	Para cada conceito definir uma Definição	As categorias Definição contextual e Definição conceitual se apoiam na escolha final de uma única definição para um conceito, com as atividades de revisão da ficha e validação do conceito.

Fonte: A autora – a partir de Faulstich -1995

Segundo os passos do traçado de desenvolvimento, percebemos que as etapas de delimitação do perfil do leitor, definição de demarcação do contexto e de seleção de conceitos estão claramente demarcadas no estudo. No entanto, encontramos o limite da validação, não formalizada no curso da pesquisa.

Conjugado a proposta de Faulstich (1995) com o planejamento do trabalho de elaboração do glossário experimental, ou seja, a estrutura de seu conteúdo, segundo de Krieger e Finatto (2015). As pesquisadoras definem quatro itens propostos para a tomada decisão, que são: inclusão ou não de partes introdutórias ao glossário e como foi realizado; definição de como e quando foram realizadas as tarefas de pesquisa, registro e revisão; como foi armazenado os conceitos e definições e que características levaram a coletar e como foi definido os conceitos simples ou compostos.

Silberger e as demais autoras trazem aspectos relevantes para análise intrínseca e extrínseca de fontes de referência. Como se trata de um glossário experimental, em construção, acredita-se que os aspectos relacionados no quadro 4, devam ser levados em conta paralelamente a fase de planejamento da fonte de referência.

QUADRO 19 - Quadro de planejamento de fonte de referência- proposta e decisão

PLANEJAMENTO DO TRABALHO	PROPOSTA	DECISÃO
Inclusão de partes introdutórias e anexas	Sim, não e como?	Sim, decisão em aberto até que se conclua a análise de todos os conceitos da bibliografia.
Definição das tarefas de pesquisa, registro e revisão	Como e quando?	O ideal é a instituição de um comitê para realização da atividade para todo o processo.
Conceitos e definições	Como armazenar? Que características coletar?	Conceitos identificados, registrados e arquivados por artigo. A definição nominal é a definição adotada para com que inicialmente, o conceito tenha uso consolidado na comunidade científica.
Conceitos simples ou compostos	Como definir a escolha?	A decisão quanto composição de conceito é baseado na combinação de objetos, fenômenos, processos, propriedades, relações, dimensão.

Fonte: A autora, a partir de Krieger e Finatto (2015)

Os quadros indicam que a proposta do traçado de desenvolvimento do glossário experimental em conjunto com o planejamento da atividade estão relativamente definidos, porém não concluídos. A partir dessa constatação e do diálogo com a fundamentação teórico-metodológico do trabalho, seguimos para a etapa de discussão.

4.2 DISCUSSÃO DOS DADOS

Retomando a trajetória institucional e teórica do IBICT, da pós-graduação em BCI no país e a trajetória de González de Gómez, os dados demonstram uma fase de consolidação do pensamento epistemológico do campo, com a maturidade refletida na produção conceitual, sendo o glossário experimental um espelho desse processo histórico.

Quando reencontramos a discussão apresentada por Pinheiro (1995), referente à frágil delimitação do terreno epistemológico da CI em relação as novas tecnologias no período de 1970 a 1989, percebemos que os dados demonstram a transformação intensa pós-1990 no escopo teórico do campo. Segundo Pinheiro, eram necessários estudos que realizassem a distinção entre os conhecimentos da BCI. Com o glossário, através dos movimentos do nomear, do reconhecer e do conhecer, acreditamos que essa distinção pode ser ali percebida no contexto dos anos 1990.

Ao refletir sobre a elaboração de um futuro glossário usando como corpus geral a bibliografia de González de Gómez, a pesquisa reflete que a pesquisadora elabora e se apropria de conceitos (nomear), ações, processos, instrumentos de âmbito da BCI. O glossário amplia a identificação do objeto, segundo o nome atribuído por González de Gómez, entre os pares (reconhecer). Ao finalizar o glossário, e este sendo incluso na biblioteca, passará a ser um instrumento para além das fronteiras da BCI, pois haverá mais chances de ser percebido e seus conceitos introduzidos entre outros conhecimentos e até nas práticas sociais (Conhecer).

Os dados também dialogam pontualmente com as abordagens teórica e empírica reconhecidas no referencial teórico e na etapa “de campo” da pesquisa. Os resultados obtidos estabelecem elo com a visita à Biblioteca do IFCS e os teóricos das fontes de informação especializadas. Nesse sentido, os dados obtidos a partir das fichas de identificação de conceito são importantes quando da consulta individual a cada ficha.

Os resultados demonstram, ainda, que os olhares de Krieger & Finatto (2015) e Rey (1979), críticos aos estudos terminológicos de Wüster, devem ser considerados criticamente para o desenvolvimento do glossário. Estes

pesquisadores pensam os estudos terminológicos linguísticos segundo a abordagem semasiológica, que partem do objeto(léxico) e suas variações para as definições possíveis. A própria pesquisa partiu da leitura e extração de conceitos que são apresentados nos artigos. Percebeu-se, pois, o conceito a partir dos atributos ou características indicadas por González de Gómez na ligação linguagem – pensamento – realidade no contexto dos artigos.

A última percepção a apresentar nesta discussão é referente ao emprego de espécie de definição segundo Dahlberg (1978). A pesquisa adota a definição nominal e não a definição real. Percebe-se que desta forma foi possível clarificar muitos detalhes implícitos entre o discurso de González de Gómez e divulgados nas intervenções feitas pela pesquisa, em seu discurso. Neste primeiro momento, o intuito deste experimento é consolidar os conceitos criados ou reutilizados por González de Gómez e aproximar o leitor do conceito dentro do contexto no qual aparece. Esta “intimidade” entre o artigo e o conceito foi a primeira intenção que justificou a escolha pelo emprego da definição nominal, o que, em nossa consideração, resultou em uma descrição coerente da produção de ideias em González de Gómez.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de definir subsídios para a elaboração de um glossário experimental de âmbito da epistemologia biblioteconômico-informacional, projetado a partir da extração de conceitos apresentados e apropriados por Maria Nélide González de Gómez em artigos científicos publicados a partir de 1993.

Para fundamentar a pesquisa do ponto de vista do referencial teórico, a pesquisa inter-relacionou quatro dimensões histórico-teóricas, a saber: a) O IBICT e a formação da pós-graduação no Brasil desenvolvidos por Lydia Queiroz Sambaquy, Lena Vânia Pinheiro, José Mauro Matheus Loureiro e Nanci Oddone; b) a narrativa biobibliográfica sobre Maria Nélide González de Gómez; c) os estudos teóricos sobre fontes de referência especializadas; e, por fim, d) o debate sobre a teoria da terminologia.

Nos procedimentos metodológicos, foram apresentados os modos de construção teórica e aplicada da ficha de identificação de conceito, principal ferramenta elaborada e aplicada no curso do processo de pesquisa. O estudo gerou 56 fichas a partir do reconhecimento dos conceitos de quatro artigos de González de Gómez reconhecidos na produção de ideias da pesquisadora após a conclusão de seu doutorado, no início dos anos 1990. Deste montante, foram apresentadas e analisadas as fichas referentes aos conceitos reconhecidos. Os dados completos obtidos foram alocados no apêndice da pesquisa.

O objetivo geral foi traçado com foco na construção de subsídios teórico-aplicados para a elaboração de um glossário especializado no contexto da epistemologia biblioteconômico-informacional, foi objetivado nesse estudo através do experimento, com vistas a ampliar os potenciais de reunião, organização, definição e compreensão das fontes epistemológicas em BCI. Retomando, esse objetivo geral foi alicerçado pelos seguintes objetivos específicos: identificar os conceitos criados e apropriados por Maria Nélide González de Gómez; sistematizar os conceitos apresentados nos artigos acadêmicos da pesquisadora; discutir a abordagem teórica sobre obras de referência e sua relação com os estudos terminológicos; aplicar as abordagens teórico-metodológicas na elaboração de uma ficha de identificação de conceito; realizar o experimento de apropriação da ficha de

identificação de conceito a partir da produção conceitual em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Os específicos foram realizados, estando o produto integral de seu percurso relacionado e disposto no apêndice da pesquisa. Os conceitos foram reconhecidos a partir de 4 artigos de González de Gómez. Eles foram identificados, registrados e sistematizados segundo a proposta da ficha de identificação de conceito. Cada ficha foi numerada e organizada na sequência que o conceito é encontrado no artigo científico. Procuramos discutir a abordagem teórica sobre as fontes de referência e suas relações com os estudos terminológicos, o que foi realizado através das abordagens de Campello & Caldeira, sob o ponto de vista dos estudos de fontes de referência especializadas e de Rey e dos estudos terminológicos. Tecemos ainda a elaboração da ficha de identificação de conceito para a construção do glossário experimental. O intuito foi alcançado e trouxe a inferência, para essa pesquisa, de que a ficha é o elemento essencial para apresentar os conceitos, as relações conceituais. Os elos entre fichas foram estabelecidos por intermédio dos conceitos dispostos nas categorias das relações lógicas, antológicas e remissivas.

O procedimento metodológico central adotado esteve focado na construção da ficha de identificação de conceito, pois essa revelou a condição terminológica dos conceitos que foram levantados para a construção de glossário experimental. Durante a definição da ficha e o planejamento das atividades de emprego da ficha ocorreram algumas questões que poderiam prejudicar a condução da pesquisa, que foram: a definição das categorias da ficha de identificação de conceito e o desenvolvimento das atividades de levantamento, registro e validação das fichas.

Foi comprovado na fase de desenvolvimento das atividades de levantamento, registro e validação das fichas que o desenvolvimento desta etapa requer a composição de uma equipe para se dividir entre as atividades de levantamento de conceitos, registro e validação. Isso prejudicou a exaustividade do experimento, ou seja, a ampliação do número de artigos consultáveis. Muitas vezes o conceito admite relações entre outros conceitos que podem ser encontrados em artigos posteriores ao artigo pesquisado. A relação integrada entre as atividades com as contribuições da equipe certamente enriquecerá e evitará releituras de artigos e até dissolverá dúvidas quanto à definição e o estabelecimento das relações conceituais.

Por fim, a pesquisa demonstrou a importância das fontes de referência especializadas, ou seja, dicionários e glossários filosóficos, para a organização do

conhecimento epistemológico biblioteconômico-informacional. As fontes de referência especializadas são os tijolos que preenchem o saber sobre um determinado conhecimento teórico, no contexto de uma língua de especialidade. A fonte esclarece conceitos, preenche o tecido informacional sobre um determinado conhecimento e se torna um objeto de estudo para a atual e as próximas gerações. Portanto, a pesquisa sugere, mediante a identificação dos subsídios para elaboração do glossário experimental, que tais fontes possam se desenvolver no plano epistemológico do campo.

Reconhecendo que a identificação, a seleção, a extração e a categorização de conceitos é uma atividade subjetiva e requer revisão permanente, concluímos que o exercício de produção de um glossário representa um processo metaconceitual, ou seja, trata-se, em grande medida, de uma espécie de nova construção do conceito. Essa conclusão aponta para a necessária cadeia de reavaliação constante das teorias, dos métodos e dos resultados da produção terminológica, como forma crítica de aprofundamento de tais construtos subjetivos. Sabemos, pois que, o protótipo aqui desenvolvido, bem como os conceitos extraídos, carecem ainda de avaliação crítica e validação por parte da comunidade especializada.

REFERÊNCIAS

- CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra (Orgs.). **Introdução às fontes de informação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói, RJ: EdUFF. 2001.
- CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; PINTO, Maria Cristina Mello Ferreira. Cabeçalho de assunto como linguagem de indexação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 268-288, 1978.
- DAHLBERG, Ingetraut. **Ontical structures and universal classification**. Bangalore: Sarada Ranganathan endowment for Library Science, 1978(a).
- _____. Teoria do conceito. **Ci. Inf.**, Brasília, v.7, n.2, 1978. Disponível em: <<https://doi.org/10.18225/ci.inf..v7i2.115>>. Acesso em: 5 ago. 2017.(b)
- DIAS, Eduardo Wense. Obras de referência. In.: CAMPELLO, Bernadete Santos; CEDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.p. 199-216
- FAULSTICH, Enildes. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 24, n.3, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/486>>. Acesso em: 8 jan. 2016.
- GOMES, Hagar Espanha. Classificação, tesouro e terminologia. Rio de Janeiro: BITI, [19?]. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bititertulia/tertulia.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2017.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. **RSP**, Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 143
- _____. America Latina Y Los Espejos de La Information. **Ciencias de la Information**, La Habana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107
- _____. **Currículo da plataforma Lattes**. Brasília, CNPq, 08 jan. 2017. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3087665610359216>>. Acesso em: 19 jan. 2017.
- _____. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? **R. Bibliotecon. Brasília**, v.19, n.2, p. 257-9268, jul./dez. 1995. p.257.
- _____. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ci Inf.**, Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 217

_____. **Maria Nélida González de Gómez**: depoimento [s/d.]. Entrevistadores: Solange Puntel Mostafa de Luciana Gracioso. São Paulo: INCID, 2012. Entrevista concedida a sessão de entrevista da revista. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42377>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas de informação e documentação**. 2. ed. Brasília: FBB:IBICT, 1994. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1007>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

HUISMAN, Denis. **Dicionário de obras filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JUNG, Carl Gustav; FOOTE, Mary. **The visions seminars**. Zurich: Spring Publications, 1976

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Borcony. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2015.

ODONNE, Nanci Elisabeth. **Ciência da informação em perspectiva histórica**: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (1930, 1970). 2004. 161f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: < <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/691>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

OTLET, Paul. **Traité de Documentation**: Le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Palais Mondial Mundaneum, 1934.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Ciência da informação desdobramentos disciplinares e transdisciplinaridade. **Ci.Inf.**, Brasília, v. 24, n.1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/531>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

_____. Infra-estrutura em Ciência da Informação no Brasil. **DataGramZero**, v.1, n.6, p.4, 2000.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ci.Inf.**, Brasília, v. 24, n.1, 1995. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

REY, Alain. **La terminologie**: noms et notions. Paris: Puf, 1979. (Collection que sais je? n. 1780)

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. **O IBBD e os serviços que se propõe a prestar**. Rio de Janeiro: IBBD, 1957. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/100>>. Acesso em: 22 maio 2015.

SANTOS, Mario Ferreira dos. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. São Paulo: Matese, 1963.

SILBERGER, Kathryn Kernn et al. Obras de referência: subsídios para uma avaliação criteriosa. Florianópolis: Ed. UFCS, 1990.

SILVA, Luiz Antônio Gonçalves da. Políticas e programas de informação e documentação da Unesco e fontes para estudo. **Inf&Soc.**, João Pessoa, v.4, n.1, p. 68-84, jan./dez. 1994.

SIMPOSIO LATINO AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2.; ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TECNICO-CIENTIFICA, 1., set. 1990, Brasília. **Anais...** Brasília: IBICT; Paris: União Latina, 1992. 436p. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/992>>. Acesso em 9 jan. 2016.

SPERBER, Monique Canto. 21. ed. **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

APÊNDICE - RELAÇÃO DE FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITO

Ficha de identificação de conceito 1

Estudos informacionais		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Os] “estudos referentes à informação” [são] “caracterizados pela centralidade da função cognitiva e sua dualização em tendências conflitivas, tais como as tendências à globalização e à segmentação.”	A autora opta por estabelecer uma expressão ampla (“estudos referentes à informação”), reconhecida no campo como “estudos informacionais”, em diferentes autores.
Definição contextual 1	“Os estudos referentes à informação constituem-se, no contexto do paradigma cultural do ocidente, caracterizados pela centralidade da função cognitiva e sua dualização em tendências conflitivas, tais como as tendências à globalização e à segmentação.” ²	Esta citação descrita na categoria “Designação textual 1” pertence ao artigo: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci. Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 217
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação e conhecimento. <i>Ci. Inf.</i> , Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 107-114, jul./dez. 1984. p. 107-108, 111.	Artigo desenvolvido a partir da revisão da literatura da dissertação da pesquisadora apresentada no Curso de Mestrado em Ciência da Informação, IBICT/UFRJ, no 1982.
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci. Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 217	Primeiro trabalho da autora publicado após a tese. Os conceitos centrais manipulados pela autora são “organização do conhecimento” e “transferência da informação”
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. <i>Transinformação</i> , Campinas, SP, v.8, n.3, p.44-56, set./dez., 1996.	
Fonte secundária 3	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. <i>Perspect. Ci. Inf.</i> , Belo Horizonte, MG, v.6, n.1, p. 5-18, jan./jun., 2001.	
Fonte terciária 1	FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. <i>Perspect. Ci. Inf.</i> , Belo Horizonte, MG, v.11, n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006. p. 15	
Fonte terciária 2	SALDANHA, Gustavo Silva. Imago e vivência: uma reflexão filosófica o essencialismo e o pragmatismo na Ciência da Informação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, n.9, 2008,São Paulo. <i>Anais...</i> São Paulo: ENANCIB, 2008. Disponível em:< http://repositorios.questoeseemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1025 >. Acesso em: 14 dez. 2016. p. 2,5,6,7,10.	
Fonte terciária 3	SALDANHA, Gustavo Silva. Entre o silêncio e o alarido: Wittgenstein na Ciência da Informação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, n.9, 2008,São Paulo. <i>Anais...</i> São Paulo: ENANCIB, 2008. Disponível em:< http://repositorios.questoeseemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1020/Entre.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 14 dez. 2016.p. 67, 68, 72,73,81.	

Fonte terciária 4	SALDANHA, Gustavo Silva. Tradições epistemológicas nos estudos da organização dos saberes uma leitura histórica-epistêmica a partir da filosofia da linguagem. <i>Liinc Rev.</i> , Brasília, DF, v.6, n.2, 2010.p. 300,302,303,305,309.	
Fonte terciária 5	SALDANHA, Gustavo Silva. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. <i>InCID</i> , Ribeirão Preto, SP, v.2, n.1, p. 47-67, jan./jun. 2011. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42334/46005 >. Acesso em: 14 dez. 2016.p. 47,48,59,61.	
Fonte terciária 6	SALDANHA, Gustavo Silva. Ipásia e a Ciência da Informação no território das Humanidades: a virada linguística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas. <i>Dgz</i> , v.12, n.2, abr. 2011. Disponível em: < http://www.V?brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/16274 >. Acesso em: 14 dez. 2016. p.3,6.	
Fonte terciária 7	BICALHO, Lucinéia; OLIVEIRA, Marlene. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. <i>Perspect Ci</i> , Belo Horizonte, MG, v.16, n. 13, p. 47-74, jul./set. 2011.p. 67.	
Fonte terciária 8	SALDANHA, Gustavo da Silva. Imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. <i>Anais ...</i> Florianópolis: Enancib, 2011. Disponível em: < http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1167/O%20imperativo%20-%20Saldanha.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 14 dez. 2016.p. 56,57, 68, 69.	
Fonte terciária 9	SALDANHA, Gustavo Silva. Transgramáticas: Filosofia da Ciência da Informação, linguagem e realidade simbólica. <i>Tpbci</i> , Brasília, DF, v.6, n.1, 2013. Disponível em: < http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/98 >. Acesso em: 14/12/2016.p. 2,17.	
Fonte terciária 10	WEISS, Leila Cristina; BRÄSCHER, Marisa. Pragmática na organização do conhecimento. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. <i>Anais ...</i> Belo Horizonte: Enancib, 2014. Disponível em: < http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2585/Weiss%3bBrascher.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 14 dez. 2016.p. 694.	
Ver	---	
Ver também	Estudos referentes à informação	
Notas conceituais	O conceito se apresenta em um diálogo com as condições paradigmáticas culturais do Ocidente, ou seja, a autora relaciona os estudos informacionais com o contexto sócio histórico, principalmente a globalização. Gonzáles de Gómez menciona a relação estreita existente entre a ciência e a filosofia para refletir os estudos informacionais.	

Ficha de identificação de conceito 2

Transferência da informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[...] conjunto de ações sociais com que os grupos e as instituições organizam e implementam a comunicação da informação, através de procedimentos seletivos que regulam sua geração, distribuição e uso.”	
Definição contextual	“Sumariamente, denominamos transferência de informação a um conjunto de ações sociais com que os grupos e as instituições organizam e implementam a comunicação da informação, através de procedimentos seletivos que regulam sua geração, distribuição e uso.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 217.	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A informação: dos estoques às redes. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 24, n.1, p.77-83, 1995. p.79,	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	A autora toma o conceito de “transferência de informação” como um, dentre muitos, como recuperação da informação e disseminação da informação, contidos dentro dos #estudos informacionais# (e também tecnológicos).	

Ficha de identificação de conceito 3

Estudos referentes à Informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Os] “estudos referentes à informação” [são] “caracterizados pela centralidade da função cognitiva e sua dualização em tendências conflitivas, tais como as tendências à globalização e à segmentação.”	A autora opta por estabelecer uma expressão ampla (“estudos referentes à informação”), reconhecida no campo como “estudos informacionais”, em diferentes autores.
Definição contextual	“Os estudos referentes à informação constituem-se, no contexto do paradigma cultural do ocidente, caracterizados pela centralidade da função cognitiva e sua dualização em tendências conflitivas, tais como as tendências à globalização e à segmentação.” ³	Esta citação descrita na categoria “Designação textual 1” pertence ao artigo: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 217
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 217	
Fonte secundária	-	
Fonte terciária	-	
Ver	Estudos informacionais	
Ver também		
Notas conceituais		

Ficha de identificação de conceito 4

Representação do conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“Representação [do conhecimento]” não se estabelece na relação de [reconhecimento do homem com o mundo] e sim, dentro das relações [socioculturais de um grupo social ou entre grupos sociais ou] “de uns homens com outros homens.”	
Definição contextual	“Representação não consiste em uma dimensão necessária da relação gnosiológica do homem com o mundo, mas em um constructo sócio-cultural constituído de relações de uns homens com outros homens.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p.218	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Estudos de organização e representação do conhecimento	
Notas conceituais	O conceito se apresenta em um diálogo com as condições paradigmáticas culturais do Ocidente, ou seja, a autora relaciona os a recuperação da informação com o contexto social e cultural. O modo como a sociedade se conecta com as ações culturais e sociais entre si.	

Ficha de identificação de conceito 5

Estudos de Organização e Representação do conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“Representação [do conhecimento]” não se estabelece na relação de [reconhecimento do homem com o mundo] e sim, dentro das relações [socioculturais de um grupo social ou entre grupos sociais ou] “de uns homens com outros homens.”	
Definição contextual	“Representação não consiste em uma dimensão necessária da relação gnosiológica do homem com o mundo, mas em um constructo sócio-cultural constituído de relações de uns homens com outros homens.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 218	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Representação do Conhecimento	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito se apresenta em um diálogo com as condições paradigmáticas culturais do Ocidente, ou seja, a autora relaciona a recuperação da informação com o contexto social e cultural, ou seja, o modo como a sociedade se conecta com as informações culturais e sociais entre os grupos sociais.	

Ficha de identificação de conceito 6

Locus do Conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	<p>“[Locus do] conhecimento” [é] a relação do pensamento com o real. [Este conceito muda de lugar] três vezes [...] no quadro da cultura ocidental. O primeiro momento, [...] conhecer não passa pelo representar. O solo do conhecimento é ontológico; [...] o olhar] do homem [sobre] o mundo, da ordem do ser, precede e legitima [...] a ordem do juízo. Em segundo momento, conhecer é representar, e o mundo só é enquanto é representado. O solo do conhecimento é a consciência. Em um terceiro momento, o representado, produto do conhecimento em sua investidura semiótica, manifesta-se como autônomo, independente do sujeito e do objeto do conhecimento. Neste momento, o solo do conhecimento é a linguagem, sistema de significados ou matéria sinalética. [A informação, conhecimento e o saber] são substituídos pela questão da fatum da linguagem e pela reflexão acerca de suas condições de interpretação.”</p>	
Definição contextual	<p>“O conhecimento, enquanto relação do pensamento com o real, muda três vezes de lugar no quadro da cultura ocidental. O primeiro momento, a excelência do conhecer não passa pelo representar. O solo do conhecimento é ontológico; a vizinhança do homem com o mundo, da ordem do ser, precede e legitima toda a vinculação predicativa, na ordem do juízo. Em segundo momento, conhecer é representar, e o mundo só é enquanto é representado. O solo do conhecimento é a consciência. Em um terceiro momento, o representado, produto do conhecimento em sua investidura semiótica, manifesta-se como autônomo, independente do sujeito e do objeto do conhecimento. Neste momento, o solo do conhecimento é a linguagem, sistema de significados ou matéria sinalética. A questão do acesso aos objetos e à reflexão acerca das condições da experiência são substituídos pela questão da fatum da linguagem e pela reflexão acerca de suas condições de interpretação.”</p>	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 218	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	----	
Ver também	----	
Notas conceituais	O conceito apresentado faz relação direta com mundo no seu contexto global e segmentado. O locus do conhecimento propõe reconstruções analíticas acerca das modernas formações sociais e compõe os estudos da organização do conhecimento um meio para conhecimento e representação.	

Ficha de identificação de conceito 7

Locus Ontológico do Conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O locus ontológico do conhecimento é a] “apresentação do real. O intelecto que intui (nous), em frente do qual o entendimento argumentativo (dianóia) possui um carácter derivativo. “O saber não vem da competência lógica ou da receptividade transparente das faculdades de representar mas da passiva abertura do ser. Trata-se de remeter sempre aquilo que aparece e que parece ser enquanto derivado àquilo que, enquanto originário, estabelece-se como modelo.”	
Definição contextual	“Assim, o locus de apresentação do real é o intelecto que intui (nous), em frente do qual o entendimento argumentativo (dianóia) possui um carácter derivativo. A dignidade e excelência do saber não vem da competência lógica ou da receptividade transparente das faculdades de representar mas da passiva abertura do ser. Trata-se de remeter sempre aquilo que aparece e que parece ser enquanto derivado àquilo que, enquanto originário, estabelece-se como modelo.”	
Fonte genética 1	PLATON. <i>La República</i> . Bs. As. EUDEBA s/d.	Platão - conceito de “Plano dos Dois Mundos”
Fonte genética 2	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, 1964, 388p.	Aristóteles e o conceito do pensamento com o real= logos com locus da verdade
Fonte genética 3	HEIDEGGER, M. <i>La pregunta por la cosa</i> . BS. As., SUR, 1964.	Heidegger, e o conceito do Logos como síntese = “permitir ver algo como algo”.
Fonte genética 4	DELEUZE, G. <i>Diferença e Repetição</i> . Rio de Janeiro: Graal, 1988, 499p.	Deleuze e o conceito da diferença entre cópia e simulacro
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci. Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 218.	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. <i>Pesq. Bras. Ci. Inf.</i> , Brasília, v.2, n.1, p.115-134, jan./dez. 2009. p. 115-117	
Fonte terciária	---	
Ver		
Ver também	Ontologia do conhecimento	
Notas conceituais	O conceito se apresenta como um dos locus (local) do conhecimento na sociedade ocidental. O Locus antológico ou simplesmente Ontologia do conhecimento se faz entender pelas mãos de Platão através do conceito do “Plano dos Dois Mundos”. Este tem como significa a submissão de idéias ou formas sob o princípio de verdade e da realidade nos objetos dispostos no cotidiano da experiência. Aristóteles reformula o conceito e define o solo do conhecimento está no “logos” – verbo escrito ou falado que torna a idéia verdade. E assim, se estabelece a relação do homem com relação ao mundo palpável.	

Ficha de identificação de conceito 8

Ontologia [do Conhecimento]		
Categories	Contents	Notes
Definição terminológica		
Definição contextual		
Fonte genética 1	PLATON. <i>La República</i> . Bs. As. EUDEBA s/d.	"Plano dos Dois Mundos"
Fonte genética 2	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, 1964, 388p.	Pensamento com o real= logos com locus da verdade
Fonte genética 3	HEIDEGGER, M. <i>La pregunta por la cosa</i> . BS. As., SUR, 1964.	Logos como síntese = "permitir ver algo como algo".
Fonte genética 4	DELEUZE, G. <i>Diferença e Repetição</i> . Rio de Janeiro: Graal, 1988, 499p.	Diferença entre cópia e simulacro
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 218	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial. <i>Pesq. Bras. Ci. Inf.</i> , Brasília, v.2, n.1, p.115-134, jan./dez. 2009. p. 115-117	
Fonte terciária	---	
Ver	Locus ontológico do conhecimento	
Ver também		
Notas conceituais		

Ficha de identificação de conceito 9

Locus Gnosiológico do Conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[Locus gnosiológico do conhecimento é a solo do representar] a construção experimental e documentária da prova. Conhecer é representar. No “eu penso” do individualismo gnosiológico cartesiano, juntam-se o sujeito da vontade eficaz e a representação com seu exercício de eficácia racional, pois a consciência do conhecer como representar é a expressão de uma experiência organizada e organizadora que lança sobre o mundo as malhas reguladoras de suas idéias-significados.”	
Definição contextual	“A unidade orgânica do homem com o mundo, a intuição, a presença das coisas elas mesmas, o saber da testemunha, irão sendo substituídos pela unidade da consciência, a representação e a construção experimental e documentária da prova. Sumariamente, e a partir deste momento, conhecer é representar. No “eu penso” do individualismo gnosiológico cartesiano, juntam-se o sujeito da vontade eficaz e a representação com seu exercício de eficácia racional, pois a consciência do conhecer como representar é a expressão de uma experiência organizada e organizadora que lança sobre o mundo as malhas reguladoras de suas idéias-significados [através do signo que em conexão entre as idéias e objeto é comunicada ao mundo pela linguagem”	Conceito é desenvolvido nas correntes epistemológicas do: Empirismo e do Racionalismo que ocorrem na Idade Moderna entre os séculos: XV e início do século XIX.
Fonte genética 1	LOCKE, J. <i>Ensayo sobre el entendimiento humano</i> . México: FCE, 1956.	Locke traz a abordagem epistemológica da semântica. A abordagem diz que há uma estreita conexão entre idéias e palavras e é a linguagem a ligação entre a representação de idéias e a sua comunicação.
Fonte genética 2	KANT, I. <i>Crítica de la Razón Pura</i> . BR. As. Losada, 1961.	Kant vê a representação em construção e o conhecimento como um ato de conhecer. Segundo Kant: “a representação não é conhecimento, mas o conhecimento pressupõe sempre a representação.”
Fonte genética 3	KANT, I. <i>Lógica</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.	Nesta fase, Kant apresenta o conflito da representação perfeita. Nisto, buscou-se a perfeição lógica do entendimento e não a perfeição estética da sensibilidade. O entendimento opera por conceitos ou categorias atribuídas de forma discursiva e sintética sobre o objeto.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 219-220	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da Informação. <i>Perspect. Cienc. Inf.</i> , Belo Horizonte, MG, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun.2001.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Gnosilogia do conhecimento	
Notas conceituais	O conceito entra em diálogo com o conceito de representar. Representa-se o que se conhece. E este conhecer se dá através de atribuições de categorias ou conceitos que surgem no ato da síntese ao objeto ou seja, o olhar discursivo e unívoco sobre o objeto. O nominalismo, ou seja, atribuir idéias-significados a partir das experiências vividas e relatadas através da semântica ou simplesmente linguagem.	

Ficha de identificação de conceito 10

Gnosiologia [do Conhecimento]		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[Locus gnosiológico do conhecimento é a solo do representar] a construção experimental e documentária da prova. Conhecer é representar. No “eu penso” do individualismo gnosiológico cartesiano, juntam-se o sujeito da vontade eficaz e a representação com seu exercício de eficácia racional, pois a consciência do conhecer como representar é a expressão de uma experiência organizada e organizadora que lança sobre o mundo as malhas reguladoras de suas idéias-significados.”	
Definição contextual	“A unidade orgânica do homem com o mundo, a intuição, a presença das coisas elas mesmas, o saber da testemunha, irão sendo substituídos pela unidade da consciência, a representação e a construção experimental e documentária da prova. Sumariamente, e a partir deste momento, conhecer é representar. No “eu penso” do individualismo gnosiológico cartesiano, juntam-se o sujeito da vontade eficaz e a representação com seu exercício de eficácia racional, pois a consciência do conhecer como representar é a expressão de uma experiência organizada e organizadora que lança sobre o mundo as malhas reguladoras de suas idéias-significados [através do signo que em conexão entre as idéias e objeto é comunicada ao mundo pela linguagem”	Conceito é desenvolvido nas correntes epistemológicas do: Empirismo e do Racionalismo que ocorrem na Idade Moderna entre os séculos: XV e início do século XIX.
Fonte genética 1	LOCKE, J. <i>Ensayo sobre el entendimiento humano</i> . México: FCE, 1956.	Locke traz a abordagem epistemológica da semântica. A abordagem diz que há uma estreita conexão entre idéias e palavras e é a linguagem a ligação entre a representação de idéias e a sua comunicação.
Fonte genética 2	KANT, I. <i>Crítica de la Razón Pura</i> . BR. As. Losada, 1961.	Kant vê a representação em construção e o conhecimento como um ato de conhecer. Segundo Kant: “a representação não é conhecimento, mas o conhecimento pressupõe sempre a representação”
Fonte genética 3	KANT, I. <i>Lógica</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.	Nesta fase, Kant apresenta o conflito da representação perfeita. Nisto, buscou-se a perfeição lógica do entendimento e não a perfeição estética da sensibilidade. O entendimento opera por conceitos ou categorias atribuídas de forma discursiva e sintética sobre o objeto.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 219-220	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da Informação. <i>Perspect. Cienc. Inf.</i> , Belo Horizonte, MG, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun.2001.	
Fonte terciária	---	
Ver	Locus gnosiológico do conhecimento	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito entra em diálogo com o conceito de representar. Representa-se o que se conhece. E este conhecer se dá através de atribuições de categorias ou conceitos que surgem no ato da síntese ao objeto ou seja, o olhar discursivo e unívoco sobre o objeto. O nominalismo, ou seja, atribuir idéias-significados a partir das experiências vividas e relatadas através da semântica ou simplesmente linguagem.	

Ficha de identificação de conceito 11

Locus semiótico do conhecimento		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O locus semiótico do conhecimento ou semiótica apresenta] a simbólica da representação homologaria todas as tradições disciplinares e técnicas em torno da representação de (conhecimentos, informações, dados) e seus suportes e registros. [...] desenha-se, em torno da questão da representação um campo interdisciplinar que reúne, ao menos, as ciências do conhecimento, da linguagem, da informação e suas interfaces com as novas tecnologias."	
Definição contextual	"A nova interpretação semiótica ou simbólica da representação homologaria todas as tradições disciplinares e técnicas em torno da representação de conhecimentos, informações, dados) e seus suportes e registros. Por outro lado, desenha-se, em torno da questão da representação um campo interdisciplinar que reúne, ao menos, as ciências do conhecimento, da linguagem, da informação e suas interfaces com as novas tecnologias."	O conceito Semiótica é desenvolvido através da corrente Estruturalista, século XIX.
Fonte genética 1	BICCA, L. A. Subjetividade moderna: impasse e perspectivas. <i>Síntese Nova Fase</i> , v.20, n. 60, p.9-34, 1993.	Cita Peirce: "A comunicação e conhecimento são acontecimentos no interior do signo."
Fonte genética 2	BORDIEU, P. Esforço de uma teoria da Práxis. In: <i>Sociologia</i> . São Paulo: Ática, 1983.	Cita Saussure: "o médium verdadeiro da comunicação entre dois sujeitos não é o discurso enquanto dado imediato considerado em sua materialidade observável, mas a língua enquanto estrutura de relações objetivas que torna possível a produção do discurso e sua decifração."
Fonte genética 3	PEIRCE, Ch.S. <i>Semiótica</i> . São Paulo: Perspectiva, 1977.	---
Fonte genética 4	POPPER, K. R. <i>Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária</i> . Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Univ. de São Paulo, 1975.	"O conhecimento em sentido objetivo é conhecimento sem conhecedor, é conhecimento sem sujeito que conheça"
Fonte genética 5	SAUSSURE, F. de et al. As palavras sobre as Palavras. In: Sausurre, F. de et all. <i>Textos Selecionados</i> . São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).	---
Fonte genética 6	VICKERY, B.C. Knowledge Representation; a brief review. <i>Journal of Documentation</i> , n.42, 1986	"A representação do conhecimento na forma simbólica é uma questão que preocupou o mundo da documentação desde sua origem. [...] A estrutura de dados nos programas de computador; a estrutura sintática e semântica da linguagem natural; a representação do conhecimento em inteligência artificial; os modelos de memória humana: em todos estes campos é necessário decidir como o conhecimento pode ser representado de forma que as representações possam ser manipuladas."
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 220-221	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária 1	AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. <i>TransInformação</i> , Campinas, v. 20, n.1, p. 47-58, jan./abr.2008	
Fonte terciária 2	KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação da informação. <i>Dgz.</i> , v.8, n.6, dez. 2007. Art.1	
Fonte terciária 3	SALDANHA, Gustavo Silva. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. InCID,	

	Ribeirão Preto, v.2, n.1, jan./jun. p.47-67,	
Ver	---	
Ver também	Semiótica do conhecimento	
Notas conceituais	O conceito apresenta a relação simbólica de representação de diferentes artefatos de informação (sejam eles: livro, documento, o computador, base de dado, etc.) que visam a recuperação da informação em meio as novas tecnologias. Sendo que os códigos das interpretações representacionais são semelhantes, agregados e referenciados uns aos outros.	

Ficha de identificação de conceito 12

Semiótica		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O locus semiótico do conhecimento ou semiótica apresenta] a simbólica da representação homologaria todas as tradições disciplinares e técnicas em torno da representação de (conhecimentos, informações, dados) e seus suportes e registros. [...] desenha-se, em torno da questão da representação um campo interdisciplinar que reúne, ao menos, as ciências do conhecimento, da linguagem, da informação e suas interfaces com as novas tecnologias."	
Definição contextual	"A nova interpretação semiótica ou simbólica da representação homologaria todas as tradições disciplinares e técnicas em torno da representação de conhecimentos, informações, dados) e seus suportes e registros. Por outro lado, desenha-se, em torno da questão da representação um campo interdisciplinar que reúne, ao menos, as ciências do conhecimento, da linguagem, da informação e suas interfaces com as novas tecnologias."	O conceito Semiótica é desenvolvido através da corrente Estruturalista, século XIX.
Fonte genética 1	BICCA, L. A. Subjetividade moderna: impasse e perspectivas. <i>Síntese Nova Fase</i> , v.20, n. 60, p.9-34, 1993.	Cita Peirce: "A comunicação e conhecimento são acontecimentos no interior do signo."
Fonte genética 2	BORDIEU, P. Esforço de uma teoria da Práxis. In: <i>Sociologia</i> . São Paulo: Ática, 1983.	Cita Saussure: "o médium verdadeiro da comunicação entre dois sujeitos não é o discurso enquanto dado imediato considerado em sua materialidade observável, mas a língua enquanto estrutura de relações objetivas que torna possível a produção do discurso e sua decifração."
Fonte genética 3	PEIRCE, Ch.S. <i>Semiótica</i> . São Paulo: Perspectiva, 1977.	---
Fonte genética 4	POPPER, K. R. <i>Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária</i> . Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Univ. de São Paulo, 1975.	"O conhecimento em sentido objetivo é conhecimento sem conhecedor, é conhecimento sem sujeito que conheça"
Fonte genética 5	SAUSSURE, F. de. As palavras sobre as Palavras. In: Sausurre, F. de et all. <i>Textos Selecionados</i> . São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).	---
Fonte genética 6	VICKERY, B.C. Knowledge Representation; a brief review. <i>Journal of Documentation</i> , n.42, 1986	"A representação do conhecimento na forma simbólica é uma questão que preocupou o mundo da documentação desde sua origem. [...] A estrutura de dados nos programas de computador; a estrutura sintática e semântica da linguagem natural; a representação do conhecimento em inteligência artificial; os modelos de memória humana: em todos estes campos é necessário decidir como o conhecimento pode ser representado de forma que as representações possam ser manipuladas."
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 220-221	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária 1	AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. <i>TransInformação</i> , Campinas, v. 20, n.1, p. 47-58, jan./abr.2008	
Fonte terciária 2	KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação da informação. <i>Dgz.</i> , v.8, n.6, dez. 2007. Art.1	
Fonte terciária 3	SALDANHA, Gustavo Silva. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. InCID,	

	Ribeirão Preto, v.2, n.1, jan./jun. p.47-67,	
Ver	Locus semiótico do conhecimento	
Ver também		
Notas conceituais	O conceito apresenta a relação simbólica de representação de diferentes artefatos de informação (sejam eles: livro, documento, o computador, base de dado, etc.) que visam a recuperação da informação em meio as novas tecnologias. Sendo que os códigos das interpretações representacionais são semelhantes, agregados e referenciados uns aos outros.	

Ficha de identificação de conceito 13

Teoria Semântica da Informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	---	
Definição contextual	“A redução da semântica à semântica formal ou das condições de verdade projetou sérias restrições ao estudo da relação significado-informação. Assim, a informação lógico-semântica, sustentada por um significado invariável estipularia na fonte, era concebida como independente das interpretações subjetivas de seus decodificadores e alheia à diversidade dos contextos em que estiveram situados emissor e receptor.”	
Fonte genética	BAR-HILLEL, Y; CARNAP R. Semantic Information. <i>Brit J. Philos, Sci</i> , v.9, n.89, p. 12-27, 1954.	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 221	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 14

Designação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[...] ênfase nos sistemas e nas leituras estruturadas à ênfase nos atores sociais e suas ações de comunicação/informação, colocando-se em um novo escopo a questão [ou seja definindo] Designação.”	
Definição contextual	Hoje, percebem-se sintomas de uma incipiente mudança nos critérios de relevância: da ênfase nos sistemas e nas leituras estruturadas à ênfase nos atores sociais e suas ações de comunicação/informação, colocando-se em um novo escopo a questão da Designação.	
Fonte genética 1	WITTGENSTEIN, L. <i>Tratado Lógico-Filosófico, Investigações Filosóficas</i> . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.	Jogos de linguagem
Fonte genética 2	HABERMAS, J. Sobre a crítica da teoria do significado. In.: <i>Pensamento Pós-Metafísico Estudos Filosóficos</i> . RJ: Tempo Brasileiro, 1990. P. 105 -150.	Teoria da ação comunicativa
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993. p. 222	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária 1	FERNANDES, Geni Chaves; SALDANHA, Gustavo Silva. Contribuições de Marteleto e González de Gómez ao entendimento do informacional: diálogos com três aportes de informação. <i>Ponto de Acesso</i> , Salvador, v.6, n.1, p.2-31, Abr. 2012.	O artigo da fonte terciária 1 trata entre outros conceitos o conceito de Designação. Acontece que a fonte primária acerca do conceito de Designação não é citada entre as referências bibliográficas da fonte terciária 1.
Fonte terciária 2	FRANCELIN, Marivalde Moacir. Espaços de Designação. <i>Ponto de Acesso</i> , Salvador, BA, v.6, n., p. 75-91, abr. 2012.	O artigo da fonte terciária 2 trata entre outros conceitos o conceito de Designação. Acontece que a fonte primária acerca do conceito de Designação não é citada entre as referências bibliográficas da fonte terciária 2.
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito declara que na fase contemporânea dos estudos de informação, a informação produzida pelos atores sociais e culturais são a base de compreensão do que representar para recuperar a informação ao contrário do modelo anterior versado em refletir sobre a produção documentária dos atores sociais e em tecnologias para promover a recuperação.	

Ficha de identificação de conceito 15

Paradigma societário moderno		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O conceito é caracterizado] pela centralidade da função cognitiva e pela natureza inclusiva de suas instituições. Institui o valor da informação como fator de racionalidade administrativa e de atualização das relações contratuais entre cidadãos e Estado. Tratava-se de incorporar a todos e a cada um dos indivíduos [como consumidores.]. [O] <i>quantum</i> mínimo de informação deveria circular entre todos os indivíduos, e em todos os contextos sociais, mantendo unidos em um bloco todas as posições na pirâmide distributiva do poder. [Na] base, [...] um <i>minimum</i> lógico e ético, responsável por um consenso <i>minimum</i> , que garantisse a comensurabilidade de todas as esferas formalizadas do discurso social.”	Em seus inícios, o paradigma societário dos estados modernos
Definição contextual	“Institui o valor da informação como fator de racionalidade administrativa e de atualização das relações contratuais entre cidadãos e Estado. Em seus inícios, o paradigma societário dos estados modernos caracterizou-se pela centralidade da função cognitiva e pela natureza inclusiva de suas instituições. Tratava-se de incorporar a todos e a cada um dos indivíduos em formas coordenadas de ação (ora como produtores, ora como eleitores, enfim, como consumidores.) para isto, um <i>quantum</i> mínimo de informação deveria circular entre todos os indivíduos, e em todos os contextos sociais, mantendo unidos em um bloco todas as posições na pirâmide distributiva do poder. Como base, podia pressupor-se um <i>minimum</i> lógico e ético, responsável por um consenso <i>minimum</i> , que garantisse a comensurabilidade de todas as esferas formalizadas do discurso social.”	Como identificado pela pesquisadora, o conceito advém do institucionalidade a informação na Década de 90, com o avanço do Neoliberalismo.
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 143	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Habana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Paradigma societário dos estados modernos	
Notas conceituais	O conceito menciona o pensamento inicial do Estado em distribuir formalmente e igualmente um mínimo de informação lógica, ética e responsável a toda sociedade, sem exceção.	

Ficha de identificação de conceito 16

Paradigma societário dos estados modernos		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O conceito é caracterizado] pela centralidade da função cognitiva e pela natureza inclusiva de suas instituições. Institui o valor da informação como fator de racionalidade administrativa e de atualização das relações contratuais entre cidadãos e Estado. Tratava-se de incorporar a todos e a cada um dos indivíduos [como consumidores.]. [O] <i>quantum</i> mínimo de informação deveria circular entre todos os indivíduos, e em todos os contextos sociais, mantendo unidos em um bloco todas as posições na pirâmide distributiva do poder. [Na] base, [...] um <i>minimum</i> lógico e ético, responsável por um consenso <i>minimum</i> , que garantisse a comensurabilidade de todas as esferas formalizadas do discurso social.”	Em seus inícios, o paradigma societário dos estados modernos
Definição contextual	“Institui o valor da informação como fator de racionalidade administrativa e de atualização das relações contratuais entre cidadãos e Estado. Em seus inícios, o paradigma societário dos estados modernos caracterizou-se pela centralidade da função cognitiva e pela natureza inclusiva de suas instituições. Tratava-se de incorporar a todos e a cada um dos indivíduos em formas coordenadas de ação (ora como produtores, ora como eleitores, enfim, como consumidores.) para isto, um <i>quantum</i> mínimo de informação deveria circular entre todos os indivíduos, e em todos os contextos sociais, mantendo unidos em um bloco todas as posições na pirâmide distributiva do poder. Como base, podia pressupor-se um <i>minimum</i> lógico e ético, responsável por um consenso <i>minimum</i> , que garantisse a comensurabilidade de todas as esferas formalizadas do discurso social.”	Como identificado pela pesquisadora, o conceito advém do institucionalidade a informação na Década de 90, com o avanço do Neoliberalismo.
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 143	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Habana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte terciária	---	
Ver	Paradigma societário moderno	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito menciona o pensamento inicial do Estado em distribuir formalmente e igualmente um mínimo de informação lógica, ética e responsável a toda sociedade, sem exceção.	

Ficha de identificação de conceito 17

Sociedade contratual		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Sociedade contratual é] “uma rede constante de produção e registro de informação. [Mantém] num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. [O] mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso [são as instituições que integram da sociedade contratual]. [...Estas instituições legitimariam] os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Definição contextual	“Uma rede constante de produção e registro de informação manteria num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. Organizam os planos de integração da sociedade moderna: o mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso. [...] legitimavam os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 144	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. <i>Dgz</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 6, p. Dez. 2000.	
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n.1, p. 27-40, Jan./Abr. 2002.	Este artigo não menciona a fonte primária desta ficha, porém, o conceito cidadania aliado a informação é desenvolvido ao longo do texto, razão pela qual foi incluso.
Fonte terciária	---	
Ver		
Ver também 1	Contrato de cidadania	
Ver também 2	Cidadania informacional	
Notas conceituais	O conceito diz como seria a articulação da rede e entre cidadãos e legitimaria o direito ao acesso a informação. Mas como diz o artigo em fonte primaria, foi apenas proposta inicial.	

Ficha de identificação de conceito 18

Contrato de cidadania		
categorias	conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Sociedade contratual é] “uma rede constante de produção e registro de informação. [Mantém] num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. [O] mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso [são as instituições que integram da sociedade contratual]. [...Estas instituições legitimariam] os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Definição contextual	“Uma rede constante de produção e registro de informação manteria num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. Organizam os planos de integração da sociedade moderna: o mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso. [...] legitimavam os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 144	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. <i>Dgz</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 6, p. Dez. 2000.	
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n.1, p. 27-40, Jan./Abr. 2002.	Este artigo não menciona a fonte primária desta ficha, porém, o conceito cidadania aliado a informação é desenvolvido ao longo do texto, razão pela qual foi incluso.
Fonte terciária	---	
Ver	Sociedade contratual	
Ver também	Cidadania informacional	
Notas conceituais	O conceito diz como seria a articulação da rede e entre cidadãos e legitimaria o direito ao acesso a informação. Mas como diz o artigo em fonte primária, foi apenas proposta inicial.	

Ficha de identificação de conceito 19

Cidadania informacional		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	[Sociedade contratual é] “uma rede constante de produção e registro de informação. [Mantém] num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. [O] mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso [são as instituições que integram da sociedade contratual]. [...Estas instituições legitimariam] os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Definição contextual	“Uma rede constante de produção e registro de informação manteria num mesmo tecido as testemunhas das relações contratuais entre o Estado e os cidadãos e dos cidadãos entre si. Organizam os planos de integração da sociedade moderna: o mercado, o parlamento, a opinião pública, a formação discursiva do consenso. [...] legitimavam os direitos de acesso à informação da cidadania, mas também deveriam estruturar os processos de produção, organização e circulação de informação do governo e suas organizações.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 144	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. <i>Dgz</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 6, p. Dez. 2000.	
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n.1, p. 27-40, Jan./Abr. 2002.	Este artigo não menciona a fonte primária desta ficha, porém, o conceito cidadania aliado a informação é desenvolvido ao longo do texto, razão pela qual foi incluso.
Fonte terciária	---	
Ver	Sociedade contratual	
Ver também 1		
Notas conceituais	O conceito diz como seria a articulação da rede e entre cidadãos e legitimaria o direito ao acesso a informação. Mas como diz o artigo em fonte primária, foi apenas proposta inicial.	

Ficha de identificação de conceito 20

Locus da informação na Esfera do Estado		
categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O conceito traz um] aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais."	
Definição contextual	"Um aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais."	Este conceito tem relação direta com a primeira fase do Governo Vargas e a criação do DASP e modernização do Estado.
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 145	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também 1	Locus político da informação	Com a criação do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq o conceito apresentado no cabeçalho da ficha é alterado para Locus político da informação pois é acrescida gradativamente ao contexto político informacional, a informação científica e tecnológica. (Década de 50)
Ver também 2	Locus para a questão da informação na esfera das políticas públicas	Com a constituinte de 1988 a abertura para a Democracia e como consequência onde o Estado torna-se duplamente responsável pela gestão da informação do governo e por permitir o direito à informação aos cidadãos brasileiros.
Notas conceituais	O conceito iniciou com a intenção de desenvolvimento administrativo e educativo as esferas governamentais carentes de informação e conhecimento sobre si e sua atuação frente as ações sociais. Com o início da pesquisa científica no Brasil e a criação de instituições de apoio a política de segurança e desenvolvimento, o conceito foi ampliado para absorver o conhecimento científico e tecnológico.	

Ficha de identificação de conceito 21

Locus político da informação		
categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O conceito traz um] aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais."	
Definição contextual	"Um aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais."	Este conceito tem relação direta com a primeira fase do Governo Vargas e a criação do DASP e modernização do Estado.
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 145	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Locus da informação na Esfera do Estado	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito iniciou com a intenção de desenvolvimento administrativo e educativo as esferas governamentais carentes de informação e conhecimento sobre si e sua atuação frente as ações sociais. Com o início da pesquisa científica no Brasil e a criação de instituições de apoio a política de segurança e desenvolvimento, o conceito foi ampliado para absorver o conhecimento científico e tecnológico.	

Ficha de identificação de conceito 22

Locus para a questão de informação na esfera das políticas públicas		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O conceito traz um] aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais."	
Definição contextual	"Um aparente paradoxo das esferas das políticas de informação latino americanas onde temos ao mesmo tempo um Estado centralizador, com forte intervenção no setor, e uma institucionalização fraca e descontinua das ações de informação, em todos os planos organizacionais."	Este conceito tem relação direta com a primeira fase do Governo Vargas e a criação do DASP e modernização do Estado.
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 146	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	--	
Ver	Locus da informação na Esfera do Estado	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito iniciou com a intenção de desenvolvimento administrativo e educativo as esferas governamentais carentes de informação e conhecimento sobre si e sua atuação frente as ações sociais. Com o início da pesquisa científica no Brasil e a criação de instituições de apoio a política de segurança e desenvolvimento, o conceito foi ampliado para absorver o conhecimento científico e tecnológico.	

Ficha de identificação de conceito 23

Informação documentaria		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"Informação documentária é mais bem uma esfera da idealização modernizadora do Estado e de ensinamento da doutrina administrativa, antes que um espelho onde se corporalizam as ações do Estado. [Pois o Estado por ser centralizado mais enrijece do que promove avanços no acesso a informação.]"	
Definição contextual	"Informação documentária é mais bem uma esfera da idealização modernizadora do Estado e de ensinamento da doutrina administrativa, antes que um espelho onde se corporalizam as ações do Estado."	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 144	
Fonte secundária 1	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	Este conceito está atrelado as ações informacionais do Estado Novo que por interesse próprios quanto ao controle e centralização criam mecanismo para exercer o poder sobrea informação pública.	

Ficha de identificação de conceito 24

Comunicação pública da informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A comunicação pública da informação é um dos mais densos e importantes domínios dos estudos de informação [pois é composto de] projetos distributivistas [que] quando colocados em ação, promovem a intervenção do Estado para ampliar os fluxos e a circulação da informação dirigidos à sociedade. Tais as iniciativas de Mário de Andrade e outros intelectuais – como Borba de Moraes – que dão início à experiência de bibliotecas populares em São Paulo, na década de 20, ou projetos como o INEP ou INL, na década de 30, que serão reformulados nos projetos educacionais do nacional-desenvolvimento.	
Definição contextual	“Os projetos distributivistas, quando colocados em ação, promovem a intervenção do Estado para ampliar os fluxos e a circulação da informação dirigidos à sociedade. Tais as iniciativas de Mário de Andrade e outros intelectuais – como Borba de Moraes – que dão início à experiência de bibliotecas populares em São Paulo, na década de 20, ou projetos como o INEP ou INL, na década de 30, que serão reformulados nos projetos educacionais do nacional-desenvolvimento. A comunicação pública da informação é um dos mais densos e importantes domínios dos estudos de informação.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 145/146	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	O conceito filosófico relacionado ao contexto histórico traz o olhar desenvolvimentista das Décadas de 20/30 para fortalecimento do Estado cidadão através de ações públicas no fortalecimento de bibliotecas e ensino público. Ação entra em declínio na década de 60 com o estabelecimento do Estado de exceção entre as décadas de 60 e 80.	

Ficha de identificação de conceito 25

Controle e acesso à informação na sociedade contemporânea		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"Tratar-se-á da passagem da Gestão Institucional da Informação, com um papel forte do Estado, a novas formas de Geração e Circulação da Informação reguladas pelos mecanismos de um mercado monopólico ou organizado. As atividades ditas de informação passarão de fato, após as primeiras décadas do século XX, de serem função secundária ou instrumental de outras atividades fim, a ser função primária, ganhando autonomia e configurando um novo setor institucional."	
Definição contextual	"Tratar-se-á da passagem da Gestão Institucional da Informação, com um papel forte do Estado, a novas formas de Geração e Circulação da Informação reguladas pelos mecanismos de um mercado monopólico ou organizado. As atividades ditas de informação passarão de fato, após as primeiras décadas do século XX, de serem função secundária ou instrumental de outras atividades fim, a ser função primária, ganhando autonomia e configurando um novo setor institucional."	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 146	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	Com a mudança de status das atividades de informação que passa a ter um valor secundário, abre-se novas formas de uso e apropriação da informação como a "mercadorização" da informação e das atividades técnicas e administrativas a partir da década de 60.	

Ficha de identificação de conceito 26

Modelo de decisão política no mecanismo da comunicação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[os modelos de decisão política da comunicação] são compostos pelas] figuras patrimonialistas, estratégicas e distributivas, centradas no Estado e que o projeto neoliberal remete ao passado, opõe-se hoje a figura globalizadora de um mercado além do Estado [- figura mercadológica]. [Ambas] produzem efeitos semelhantes através de mecanismos comunicacionais diversos."	
Definição contextual	"As figuras patrimonialistas, estratégicas e distributivas, centradas no Estado e que o projeto neoliberal remete ao passado, opõe-se hoje a figura globalizadora de um mercado além do Estado. Nos extremos de uma linha imaginária onde se inscrevem os modelos de decisão política, a figura patrimonialista centrada no Estado e a figura mercadológica, centrada no mercado, produzem efeitos semelhantes através de mecanismos comunicacionais diversos."	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 147	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 27-40. Jan./abr. 2002.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 27

Figura patrimonialista		
Categories	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"A figura patrimonialista [é] no contexto de governos autoritários [...] a ausência de políticas de informação explícitas e contínuas: nesses governos os grupos que detém o poder arbitram ações de informação não sujeitas a processos de legitimação nem a critérios formulados em contextos públicos e deliberativos."	
Definição contextual	"A figura patrimonialista, no contexto de governos autoritários, pode explicar a ausência de políticas de informação explícitas e contínuas: nesses governos os grupos que detém o poder arbitram ações de informação não sujeitas a processos de legitimação nem a critérios formulados em contextos públicos e deliberativos."	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151, 1994, p. 147	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 27-40. Jan./abr. 2002.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 28

Figura mercadológica		
categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"Centrada na idealização neoliberal das lógicas competitivas, e na expansão globalizadora das tecnologias de comunicação e informação, [a figura mercadológica] desenvolve-se cada vez com mais ênfase uma figura [de] trocas de informação."	
Definição contextual	"Centrada na idealização neoliberal das lógicas competitivas, e na expansão globalizadora das tecnologias de comunicação e informação, desenvolve-se cada vez com mais ênfase uma figura mercadológica das trocas de informação."	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 147	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 27-40. Jan./abr. 2002.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 29

Sociedade civil		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"O conceito de sociedade civil, retomado hoje além de sua origem como cerne dos sistemas ocidentais de estado jurídico-representativo, oferece novos ângulos de reflexão em sentido teórico e prático".	
Definição contextual	"O conceito de sociedade civil, retomado hoje além de sua origem como cerne dos sistemas ocidentais de estado jurídico-representativo, oferece novos ângulos de reflexão em sentido teórico e prático".	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 148	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	A pesquisadora traz este conceito social para refletir a sociedade e suas relações com o Estado e o Mercado, já que é a sociedade civil quem efetivamente sofrerá a ação de informação oriundas das figuras patrimonialista e mercadológica.	

Ficha de identificação de conceito 30

Conceito prático [da sociedade civil]		
Categories	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O] conceito prático ou gnoseologia política, [caracteriza-se por] um espaço de definição e organização das relações sociais a partir da ação e o empreendimento dos próprios atores locais, em seus mundos de vida habituais e nas circunstâncias atuais. Nesta figura da sociedade civil, como ponto ideal onde "as subjetividades individuais misturam-se aos grupos e às instituições; os atores sociais podem desenvolver formas de autoconstrução desde onde lidar com as ofertas reguladoras e compulsórias do Estado e do mercado."	
Definição contextual	"Como conceito prático ou de uma gnoseologia política, caracteriza um espaço de definição e organização das relações sociais a partir da ação e o empreendimento dos próprios atores locais, em seus mundos de vida habituais e nas circunstâncias atuais. Nesta figura da sociedade civil, como ponto ideal onde "as subjetividades individuais misturam-se aos grupos e às instituições; os atores sociais podem desenvolver formas de autoconstrução desde onde lidar com as ofertas reguladoras e compulsórias do Estado e do mercado."	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 148	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 31

Conceito analítico [da sociedade civil]		
Categories	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“Como conceito analítico, propõe uma reconstrução diferenciada das formas organizacionais das sociedades complexas, em oposição às formulas de fusão: fusão da sociedade no Estado(Hegel), fusão do Estado na sociedade (Marx), fusão da sociedade no mercado(neoliberalismo).”	
Definição contextual	“Como conceito analítico, propõe uma reconstrução diferenciada das formas organizacionais das sociedades complexas, em oposição às formulas de fusão: fusão da sociedade no Estado(Hegel), fusão do Estado na sociedade (Marx), fusão da sociedade no mercado(neoliberalismo).”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalidade da informação. <i>RSP</i> , Brasília, DF, v. 45, n. 3, p. 143-151. 1994. p. 148	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 32

Fluxo mundial da informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A mundialização da informação [é] a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macro-imagem” de uma” informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais) [e também] a definição monopólica de seus valores e conteúdos por centros mercadológicos e estratégicos, sucederia que cada vez mais que do outro centro [o patrimonialista.]. Uma vez interrompido os vínculos espontâneos de uma sociedade tradicional, somente os processos socializadores e técnicos de transferência de informação poderiam regenerar muitas memórias coletivas e atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.”	
Definição contextual	A mundialização da informação, a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macroimagem” de uma” informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais). Se a globalização das esferas da informação adiciona-se a definição monopólica de seus valores e conteúdos por centros mercadológicos e estratégicos, sucederia que cada vez mais que [...] do outro: investigações realizadas em universidades e centros de pesquisas europeus e norte-americanos, imagens geradas em agências de um único país transnacional. Uma vez interrompido os vínculos espontâneos de uma sociedade tradicional, somente os processos socializadores e técnicos de transferência de informação poderiam regenerar muitas memórias coletivas e atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, María Néida. America Latina Y Los Espejos de La Información. <i>Ciencias dela Information</i> , Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110,1994. p. 106	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Espelhos da informação	
Notas conceituais	O conceito aborda os novos vínculos de subordinação estabelecidos as culturas regionais (grupos étnicos, de classe, regionais) a partir da imposição de uma informação “única ou real ou macro imagem” advinda da cultura mercadológica ocidental por meio da expansão das novas tecnologias com a Globalização. A reversão deste processo ocorreria com a retomada dos estudos acerca de memórias coletivas a fim de atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.	

Ficha de identificação de conceito 33

Espelhos da informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	<p>“A mundialização da informação [é] a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macro-imagem” de uma” informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais) [e também] a definição monopólica de seus valores e conteúdos por centros mercadológicos e estratégicos, sucederia que cada vez mais que do outro centro [o patrimonialista.]. Uma vez interrompido os vínculos espontâneos de uma sociedade tradicional, somente os processos socializadores e técnicos de transferência de informação poderiam regenerar muitas memórias coletivas e atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.”</p>	
Definição contextual	<p>A mundialização da informação, a expansão das redes telemáticas globalizadora, terminariam por impor uma “macroimagem” de uma” informação real” a qual seriam subordinadas as construções culturais das nações, das comunidades locais, dos coletivos categoriais (grupos étnicos, de classe, regionais). Se a globalização das esferas da informação adiciona-se a definição monopólica de seus valores e conteúdos por centros mercadológicos e estratégicos, sucederia que cada vez mais que [...] do outro: investigações realizadas em universidades e centros de pesquisas europeus e norte-americanos, imagens geradas em agências de um único país transnacional. Uma vez interrompido os vínculos espontâneos de uma sociedade tradicional, somente os processos socializadores e técnicos de transferência de informação poderiam regenerar muitas memórias coletivas e atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.”</p>	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, María Néida. America Latina Y Los Espejos de La Información. <i>Ciencias dela Information</i> , Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110,1994. p. 106	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Fluxo mundial da informação	
Ver também	---	
Notas conceituais	<p>O conceito aborda os novos vínculos de subordinação estabelecidos as culturas regionais (grupos étnicos, de classe, regionais) a partir da imposição de uma informação “única ou real ou macro imagem” advinda da cultura mercadológica ocidental por meio da expansão das novas tecnologias com a Globalização. A reversão deste processo ocorreria com a retomada dos estudos acerca de memórias coletivas a fim de atualizar as reservas culturais de práticas e conhecimentos.</p>	

Ficha de identificação de conceito 34

Paradigma identitário		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	<p>“[O paradigma identitário é apresentado por] Hegel [que] dizia: “o homem é a representação” no estado falado somente da fragilidade ontológica do homem, se oferecer uma das chaves da modernidade ocidental, na qual se inaugura um novo jogo de espelhos: cada vez que o homem moderno tenta saber sobre o mundo, só encontra a si mesmo. Logo a potência e a fragilidade, coloca o conhecimento em um ponto axial do processo civilizador, o homem europeu coloca suas experiências, representações, sua obra, como possibilidade referencial e meta de toda realização humana. No paradigma identitário [ou identidade define que] cada vez [mais] o homem europeu vê o homem americano, percebe unicamente que a diferença [dele sobre o homem americano de é inexistente ou culpa por parte do homem americano. Portanto, estes desafios de] relações com o ocidente se define em um campo bipolar que seus extremos tem ações pedagógicas e ações de guerra.”</p>	
Definição contextual	<p>“Quando Hegel dizia:” o homem é a representação no estado falado somente da fragilidade ontológica do homem, se oferecer uma das chaves da modernidade ocidental, na qual se inaugura um novo jogo de espelhos: cada vez que o homem moderno tenta saber sobre o mundo, só encontra a si mesmo. Logo a potência e a fragilidade, coloca o conhecimento em um ponto axial do processo civilizador, o homem europeu coloca suas experiências, representações, sua obra, como possibilidade referencial e meta de toda realização humana. No paradigma identitário dos espelhos cada vez que o homem europeu vê o homem americano percebe unicamente que a diferença como perdida ou culpa. Suas relações com o ocidente se define em um campo bipolar que seus extremos tem ações pedagógicas e ações de guerra.”</p>	
Fonte genética	HEGEL.[...]	Gonzalez de Gómez faz citação direta a Hegel, porém não inclui a referência bibliográfica correspondente a citação na bibliografia do artigo.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. <i>Liinc Rev.</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 16-37. Mar.2005.	
Fonte terciária	---	
Ver	-	
Ver também	Identidade	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 35

Identidade		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	<p>“[O paradigma identitário é apresentado por] Hegel [que] dizia: “o homem é a representação” no estado falado somente da fragilidade ontológica do homem, se oferecer uma das chaves da modernidade ocidental, na qual se inaugura um novo jogo de espelhos: cada vez que o homem moderno tenta saber sobre o mundo, só encontra a si mesmo. Logo a potência e a fragilidade, coloca o conhecimento em um ponto axial do processo civilizador, o homem europeu coloca suas experiências, representações, sua obra, como possibilidade referencial e meta de toda realização humana. No paradigma identitário [ou identidade define que] cada vez [mais] o homem europeu vê o homem americano, percebe unicamente que a diferença [dele sobre o homem americano de é inexistente ou culpa por parte do homem americano. Portanto, estes desafios de] relações com o ocidente se define em um campo bipolar que seus extremos tem ações pedagógicas e ações de guerra.”</p>	
Definição contextual	<p>“Quando Hegel dizia:” o homem é a representação no estado falado somente da fragilidade ontológica do homem, se oferecer uma das chaves da modernidade ocidental, na qual se inaugura um novo jogo de espelhos: cada vez que o homem moderno tenta saber sobre o mundo, só encontra a si mesmo. Logo a potência e a fragilidade, coloca o conhecimento em um ponto axial do processo civilizador, o homem europeu coloca suas experiências, representações, sua obra, como possibilidade referencial e meta de toda realização humana. No paradigma identitário dos espelhos cada vez que o homem europeu vê o homem americano percebe unicamente que a diferença como perdida ou culpa. Suas relações com o ocidente se define em um campo bipolar que seus extremos tem ações pedagógicas e ações de guerra.”</p>	
Fonte genética	HEGEL.[...]	Gonzalez de Gómez faz citação direta a Hegel, porém não inclui a referência bibliográfica correspondente a citação na bibliografia do artigo.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. <i>Liinc Rev.</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 16-37. Mar.2005.	
Fonte terciária	---	
Ver	Paradigma identitário	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 36

Modelos de ação racional		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[A] institucionalização de modelos de ação racional constituiria uma condição para a generalização de um nova ordem econômica e política, além de ser o primeiro conteúdo burguês, europeu, urbano. A razão, como um constante antropológico, estabelece a condição formal da equivalência entre indivíduos; sua estrutura e operação assegura a comensurabilidade dos discursos e as práticas em que se baseiam os pactos, a governabilidade e o consenso.	
Definição contextual	"Em institucionalização dos modelos de ação racional constituiria uma condição para a generalização de um nova ordem econômica e política, além de ser o primeiro conteúdo burguês, europeu, urbano. A razão, como um constante antropológico, estabelece a condição formal da equivalência entre indivíduos; sua estrutura e operação assegura a comensurabilidade dos discursos e as práticas em que se baseiam os pactos, a governabilidade e o consenso.	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. <i>Liinc Rev.</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 16-37. Mar.2005.	
Fonte terciária	-	
Ver	-	
Ver também	Razão	
Notas conceituais	A proposta do conceito é diferenciar e especializar as esferas culturais e assim, criar segmentos emancipados nos campos da ciência, da arte e do direito no fluxo mundial da informação	

Ficha de identificação de conceito 37

Modelos de ação racional		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[A] institucionalização de modelos de ação racional constituiria uma condição para a generalização de um nova ordem econômica e política, além de ser o primeiro conteúdo burguês, europeu, urbano. A razão, como um constante antropológico, estabelece a condição formal da equivalência entre indivíduos; sua estrutura e operação assegura a comensurabilidade dos discursos e as práticas em que se baseiam os pactos, a governabilidade e o consenso.	
Definição contextual	“Em institucionalização dos modelos de ação racional constituiria uma condição para a generalização de um nova ordem econômica e política, além de ser o primeiro conteúdo burguês, europeu, urbano. A razão, como um constante antropológico, estabelece a condição formal da equivalência entre indivíduos; sua estrutura e operação assegura a comensurabilidade dos discursos e as práticas em que se baseiam os pactos, a governabilidade e o consenso.	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. <i>Liinc Rev.</i> , Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 16-37. Mar.2005.	
Fonte terciária	-	
Ver	-	
Ver também	Razão	
Notas conceituais	A proposta do conceito é diferenciar as esferas ou possibilidades culturais e assim, criar segmentos para serem reconhecidos, pactuados socialmente e politicamente perante fluxo mundial da informação	

Ficha de identificação de conceito 38

Instituições universais		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“O processo acarretaria a formação da reformulação de três instituições as quais – junto com a educação – corresponderia a princípio a manutenção ativa do fluxo do quantum de informação que atualizaria o contrato societário moderno; a biblioteca, o arquivo e o museu. As três instituições, universalistas por seu objetivo e valores, corresponderia a formar e manter os “depósitos de informação” que permitem o exercício público do consenso e da formação discursiva das identidades.”	
Definição contextual	“O processo acarretaria a formação da reformulação de três instituições as quais – junto com a educação – corresponderia a princípio a manutenção ativa do fluxo do quantum de informação que atualizaria o contrato societário moderno; a biblioteca, o arquivo e o museu. As três instituições, universalistas por seu objetivo e valores, corresponderia a formar e manter os “depósitos de informação” que permitem o exercício público do consenso e da formação discursiva das identidades.”	
Fonte genética	GRAMSCI, A. <i>Os intelectuais e a organização da cultura</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 244p.	Conceito de hegemonia. Percebe as desigualdades provocadas pelas posições de poder e as oportunidades efetivas possíveis em instituições universais ou seja, é um tipo de dominação de uma classe social sobre a outra. Onde se desenvolve a função de memória institucional e se reduz a função de comunicação pública da ciência, da comunicação social da memória e da comunicação do estado aos cidadãos.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 107	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. <i>Perspectivas Cl.</i> , Belo Horizonte, MG, v.6, n.1, p.5-18, 2001.	
Fonte terciária 1	LIMA, Márcia H.T. de Figueiredo. Contributo para entender a ciência da informação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. <i>Anais ...</i> Florianópolis: Enancib, 2005.	O artigo referenciado na fonte terciária 1 cita a fonte secundária desta Ficha de identificação de conceito.
Fonte terciária 2	ODDONE, Nanci Elisabeth; MENEZES, Vinícios Souza. Situando a epistemologia social no contexto da ciência Contemporânea. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. <i>Anais ...</i> Rio de Janeiro: Enancib, 2010.	O artigo referenciado na fonte terciária 2 cita a fonte secundária desta Ficha de identificação de conceito.
Ver	---	
Ver também	Instituições sociais	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 39

Instituições sociais		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“O processo acarretaria a formação da reformulação de três instituições as quais – junto com a educação – corresponderia a princípio a manutenção ativa do fluxo do quantum de informação que atualizaria o contrato societário moderno; a biblioteca, o arquivo e o museu. As três instituições, universalistas por seu objetivo e valores, corresponderia a formar e manter os “depósitos de informação” que permitem o exercício público do consenso e da formação discursiva das identidades.”	
Definição contextual	“O processo acarretaria a formação da reformulação de três instituições as quais – junto com a educação – corresponderia a princípio a manutenção ativa do fluxo do quantum de informação que atualizaria o contrato societário moderno; a biblioteca, o arquivo e o museu. As três instituições, universalistas por seu objetivo e valores, corresponderia a formar e manter os “depósitos de informação” que permitem o exercício público do consenso e da formação discursiva das identidades.”	
Fonte genética	GRAMSCI, A. <i>Os intelectuais e a organização da cultura</i> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 244p.	Conceito de hegemonia. Percebe as desigualdades provocadas pelas posições de poder e as oportunidades efetivas possíveis em instituições universais ou seja, é um tipo de dominação de uma classe social sobre a outra. Onde se desenvolve a função de memória institucional e se reduz a função de comunicação pública da ciência, da comunicação social da memória e da comunicação do estado aos cidadãos.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 108	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. <i>Perspectivas Cl.</i> , Belo Horizonte, MG, v.6, n.1, p.5-18, 2001.	
Fonte terciária 1	LIMA, Márcia H.T. de Figueiredo. Contributo para entender a ciência da informação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. <i>Anais ...</i> Florianópolis: Enancib, 2005.	O artigo referenciado na fonte terciária 1 cita a fonte secundária desta Ficha de identificação de conceito.
Fonte terciária 2	ODDONE, Nanci Elisabeth; MENEZES, Vinícios Souza. Situando a epistemologia social no contexto da ciência Contemporânea. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. <i>Anais ...</i> Rio de Janeiro: Enancib, 2010.	O artigo referenciado na fonte terciária 2 cita a fonte secundária desta Ficha de identificação de conceito.
Ver	Instituições universais	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 40

Mimesis		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“O espelho [é também a] mimesis, [a] representação, [o] simulacro. Trata-se de um jogo onde o que está em jogo é, no caso, a experiência inaugural do sentido. Metáfora para a pergunta pelo ponto de partida a ausência da figura do fundamento. Além do mais, as metáforas, são necessárias para propor novas experiências de sentido, orientar as relações nos outros e os outros em novas matrizes institucionais capazes de articular as fórmulas de equivalência com novas diferenças.”	
Definição contextual	“O espelho nem sempre é a metáfora de Narciso. Sua duplicidade se desdobra na mimesis, na representação, no simulacro. Trata-se de um jogo onde o que está em jogo é, no caso, a experiência inaugural do sentido. Metáfora para a pergunta pelo ponto de partida a ausência da figura do fundamento. Além do mais, as metáforas, são necessárias para propor novas experiências de sentido, orientar as relações nos outros e os outros em novas matrizes institucionais capazes de articular as fórmulas de equivalência com novas diferenças.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A America Latina Y Los Espejos de La Information. <i>Ciencias de la Information</i> , La Havana, Cuba, v. 25, n. 3, p. 106-110. 1994. p. 109	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária 1	SALDANHA, Gustavo da Silva. Imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. <i>Anais ... Florianópolis</i> : Enancib, 2011.	O artigo em fonte terciária 1 fala do conceito mimesis, mas não a partir da fonte primária aqui registrada.
Fonte terciária 2	SALDANHA, Gustavo da Silva. Transgramáticas: filosofia da ciência da informação, linguagem e realidade simbólica. <i>Tpbcj</i> , Brasília, DF, v. 6, n.1, 2013.	O artigo em fonte terciária 2 fala do conceito mimesis, mas não cita nenhum artigo de González de Gómez.
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 41

Saber [filosófico]		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A filosofia apresenta-se, no [processo conhecimento humano], como o primeiro perguntar que faz um retorno sobre a forma e direção do saber, como um saber que só pode ir além quando não perde de vista em direção a que desde onde teve seu ponto de partida como saber.”	O saber é a base da filosofia.
Definição contextual	“A filosofia apresenta-se, na história do pensamento, como o primeiro perguntar que faz um retorno sobre a forma e direção do saber, como um saber que só pode ir além quando não perde de vista em direção a que desde onde teve seu ponto de partida como saber.”	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	“Busca do mais saber.”
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação e conhecimento. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v.13, n.2, p. 107-114, jul./dez. 1984.	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p.257-258	Este é o artigo em análise direta nesta pesquisa.
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Da organização do conhecimento às políticas de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.2, n.2, p.58-66, jul./dez. 1996.	
	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.2, p.7-31, jul./dez. 1999.	Artigo inscrito após a participação da pesquisadora como coordenadora do projeto integrado de pesquisa, com apoio do CNP, Organização do Conhecimento e Políticas de Informação findo em março de 2000.
Fonte terciária	---	
Ver		
Ver também	Filosofia	
Notas conceituais	Este conceito aproxima o saber e a filosofia como está no texto. A pesquisa uniu os conceitos para evidenciar a aproximação e dar sentido as relações lógicas e antológica apresentada no artigo.	

Ficha de identificação de conceito 42

Filosofia		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A filosofia apresenta-se, no [processo conhecimento humano], como o primeiro perguntar que faz um retorno sobre a forma e direção do saber, como um saber que só pode ir além quando não perde de vista em direção a que desde onde teve seu ponto de partida como saber.”	O saber é a base da filosofia.
Definição contextual	“A filosofia apresenta-se, na história do pensamento, como o primeiro perguntar que faz um retorno sobre a forma e direção do saber, como um saber que só pode ir além quando não perde de vista em direção a que desde onde teve seu ponto de partida como saber.”	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	Aristóteles e o conceito “Busca do mais saber”.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação e conhecimento. <i>Ci Inf.</i> , Brasília, DF, v.13, n.2, p. 107-114, jul./dez. 1984.	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 257-258.	Este é o artigo em análise direta nesta pesquisa.
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Da organização do conhecimento às políticas de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.2, n.2, p.58-66, jul./dez. 1996.	
	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.2, p.7-31, jul./dez. 1999.	Artigo inscrito após a participação da pesquisadora como coordenadora do projeto integrado de pesquisa, com apoio do CNP, Organização do Conhecimento e Políticas de Informação findo em março de 2000.
Fonte terciária	---	
Ver também	---	
Termo geral	Produção do conhecimento	
Notas conceituais	Este conceito aproxima o saber e a filosofia como está no texto. A pesquisa uniu os conceitos para evidenciar a aproximação e dar sentido as relações lógicas e antológica apresentada no artigo.	

Ficha de identificação de conceito 43

Techné		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[Techné tem um fim ou resultado advindo de uma idéia] de um saber fazer orientado por regras."	
Definição contextual	"Aristóteles define Filosofia como a busca do mais do saber. Por sua direção, aponta sempre como fim a sua própria realização. Independente da imposição externa de fins ou resultados a diferença das artes (texne), saber fazer orientado por regras, saber dos meios contingenciados pela exterioridade do fim."	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p.257	Este é o artigo em análise direta nesta pesquisa.
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A mudança de regimes de informação e as variações tecnológicas. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. <i>Anais ...</i> São Paulo: Enancib, 2008.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também 1	Artefato	
Ver também	Estado da arte	
Notas conceituais	Techné remete a ideia de saber construir um artefato a partir do saber, ou seja, a partir da combinação de conhecimento, prática e experimentação. Por este motivo este é o radical de muitas palavras que remetem est idéia como técnica, tecnologia.	

Ficha de identificação de conceito 44

Artefato		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[Techné tem um fim ou resultado advindo de uma idéia] de um saber fazer orientado por regras. Saber dos meios contingenciados pela exterioridade do fim"	
Definição contextual	"Aristóteles define Filosofia como a busca do mais do saber. Por sua direção, aponta sempre como fim a sua própria realização. Independente da imposição externa de fins ou resultados a diferença das artes (texne), saber fazer orientado por regras, saber dos meios contingenciados pela exterioridade do fim."	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p.258	Este é o artigo em análise direta nesta pesquisa.
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A mudança de regimes de informação e as variações tecnológicas. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. <i>Anais ...</i> São Paulo: Enancib, 2008.	
Fonte terciária	---	
Ver	Techné	
Ver também 1	---	
Ver também	Estado da arte	
Notas conceituais	Techné remete a ideia de saber construir um artefato a partir do saber, ou seja, a partir da combinação de conhecimento, prática e experimentação. Por este motivo este é o radical de muitas palavras que remetem est idéia como técnica, tecnologia. O conceito artefato não está no artigo, porém é identificado e nomeado pela pesquisadora no artigo que encontra-se registrado em fonte secundária.	

Ficha de identificação de conceito 45

Ergon		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O conceito de ergon tem como equivalência a ideia de] obra [ou trabalho e tem como objeto a organização] por relações casuais.”	
Definição contextual	“Por sua forma, o mais do saber resulta de seu caráter teórico, e opõe-se, nesse sentido, ao saber poético ou produtivo, cuja definição formal abrange a obra(ergon) e está procedimentalmente organizado por relações casuais.”	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 258	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também 1	Trabalho	
Ver também 2	Obra	
Notas conceituais	A intenção deste conceito é trazer a ideia de Aristóteles que advém da percepção de como viver melhor do ponto de vista físico ou entre as relações. O Ergon dá origem aos estudos da Ética e da Política.	

Ficha de identificação de conceito 46

Trabalho		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[O conceito de ergon tem como equivalência a ideia de] obra [ou trabalho e tem como objeto a organização] por relações casuais.”	
Definição contextual	“Por sua forma, o mais do saber resulta de seu caráter teórico, e opõe-se, nesse sentido, ao saber poético ou produtivo, cuja definição formal abrange a obra(ergon) e está procedimentalmente organizado por relações casuais.”	
Fonte genética	ARISTÓTELES. <i>Metafísica</i> . Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 258	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Ergon	
Ver também	Obra	
Notas conceituais	A intenção deste conceito é trazer a ideia de Aristóteles que advém da percepção de como viver melhor do ponto de vista físico ou entre as relações. O Ergon dá origem aos estudos da Ética e da Política.	

Ficha de identificação de conceito 47

Obra		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	"[O conceito de ergon tem como equivalência a ideia de] obra [ou trabalho e tem como objeto a organização] por relações casuais."	
Definição contextual	"Por sua forma, o mais do saber resulta de seu caráter teórico, e opõe-se, nesse sentido, ao saber poético ou produtivo, cuja definição formal abrange a obra(ergon) e está procedimentalmente organizado por relações casuais."	
Fonte genética	ARISTÓTELES. Metafísica. Barcelona, Iberia. 1964. Cif. L VI, Cap. IV	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 258	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Ergon	
Ver também 1	Trabalho	
Notas conceituais	A intenção deste conceito é trazer a ideia de Aristóteles que advém da percepção de como viver melhor do ponto de vista físico ou entre as relações. O Ergon dá origem aos estudos da Ética e da Política.	

Ficha de identificação de conceito 48

Taumazein		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A origem do pensamento filosófico é o assombro(“Taumazein”). Na verdade, no assombro, não é o perguntar [promove] a ação do conhecimento: o assombroso é o que atrai olhar, o que demanda nossa admiração. Nós seres humanos, somos capturados pelo assombro quando o admirável “nos submete a sua violência.” [e assim, reconhecemos] a própria ignorância.”	
Definição contextual	“A origem do pensamento filosófico, na mesma linha de reflexão, não seria, na verdade, o perguntar. A origem do pensamento filosófico é o assombro(“Taumazein”). Na verdade, no assombro, não é o perguntar o que inicia a pergunta a ação do conhecimento: o assombroso é o que atrai olhar, o que demanda nossa admiração. Nós seres humanos, somos capturados pelo assombro quando o admirável “nos submete a sua violência.”. Dar-se conta de uma dificuldade admirar-se, é reconhecer a própria ignorância.”	
Fonte genética 1	HEIDEGGER, M. Introduccion a la Metafísica. Bs.As.,Nova, 1964.p.184	Coro de Antígona: “ Muitas coisas são pavorosas, na, porém, mais que o home, ao qual ninguém sobrepassa em pavor... ao predominar sobre o lugar, o perde, pois a audácia do homem o faz considerar sempre o ser como não ser.”
Fonte genética 2	HEIDEGGER, M. Introduccion a la Metafísica. Bs.As.,Nova, 1964.p.64	“Dar-se conta de uma dificuldade e admirar-se, é reconhecer a própria ignorância.”
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 258.	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Assombro	
Notas conceituais	A ideia de Assombro passa pela intenção da busca do conhecimento, o indivíduo se vê “fisgado” pela descoberta e pelo conhecer.	

Ficha de identificação de conceito 49

Assombro		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“A origem do pensamento filosófico é o assombro(“Taumazein”). Na verdade, no assombro, não é o perguntar [promove] a ação do conhecimento: o assombroso é o que atrai olhar, o que demanda nossa admiração. Nós seres humanos, somos capturados pelo assombro quando o admirável “nos submete a sua violência.” [e assim, reconhecemos] a própria ignorância.”	
Definição contextual	“A origem do pensamento filosófico, na mesma linha de reflexão, não seria, na verdade, o perguntar. A origem do pensamento filosófico é o assombro(“Taumazein”). Na verdade, no assombro, não é o perguntar o que inicia a pergunta a ação do conhecimento: o assombroso é o que atrai olhar, o que demanda nossa admiração. Nós seres humanos, somos capturados pelo assombro quando o admirável “nos submete a sua violência.”. Dar-se conta de uma dificuldade admirar-se, é reconhecer a própria ignorância.”	
Fonte genética 1	HEIDEGGER, M. Introduccion a la Metafísica. Bs.As.,Nova, 1964.p.184	Coro de Antígona: “ Muitas coisas são pavorosas, na, porém, mais que o home, ao qual ninguém sobrepasa em pavor... ao predominar sobre o lugar, o perde, pois a audácia do homem o faz considerar sempre o ser como não ser.”
Fonte genética 2	HEIDEGGER, M. Introduccion a la Metafísica. Bs.As.,Nova, 1964.p.64	“Dar-se conta de uma dificuldade e admirar-se, é reconhecer a própria ignorância.”
Fonte genética 3	ARISTÓTELES, Metafísica. Barcelona: Iberia, 1964. Cif.L.VI, Cap.IV	Aristóteles e o “ pensar ontológico” - “O homem e suas interposições. Entre as pluralidades das coisas.”
Fonte genética 4	HEIDEGGER, M. Introduccion a la Metafísica. Bs.As.,Nova, 1964.p.194	“Kant e a “filosofia antropológica.” - O que sou capaz de saber? O que devo fazer? O que posso esperar?”
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 258-260	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Taumazein	
Ver também	---	
Notas conceituais	A ideia de Assombro passa pela intenção da busca do conhecimento, o indivíduo se vê “fisgado” pela descoberta e pelo conhecer.	

Ficha de identificação de conceito 50

Método		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“Uma vez abertos os caminhos e perdido o rumo, é necessário encontrar um novo caminho que nos leve à meta: metá-odó, o método. O “logos”, que tinha garantida sua universalidade e eficiência sob a confiança na visibilidade do real, no interrogar deve buscar sua validade e generalização pelos procedimentos dos sujeitos conhecedores, como um metá-odós-logos: como proceder racional metodologicamente determinado. Se a filosofia e a teoria são estados do assombro, a ciência e o método são as consequências da interrogação.”	
Definição contextual	“Uma vez abertos os caminhos e perdido o rumo, é necessário encontrar um novo caminho que nos leve à meta: metá-odó, o método. O “logos”, que tinha garantida sua universalidade e eficiência sob a confiança na visibilidade do real, no interrogar deve buscar sua validade e generalização pelos procedimentos dos sujeitos conhecedores, como um metá-odós-logos: como proceder racional metodologicamente determinado. Se a filosofia e a teoria são estados do assombro, a ciência e o método são as consequências da interrogação.”	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995. p. 260-261	
Fonte secundária 1	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. <i>Transinformação</i> , Campinas, SP, v.8, n.3, p.44-56, set./dez., 1996.	
Fonte secundária 2	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. <i>Dgz</i> , Rio de Janeiro, DF, v. 1, n. 6, p. Dez. 2000.	
Fonte secundária 3	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. <i>Perspect. Ci. Inf.</i> , Belo Horizonte, MG, v.6, n.1, p. 5-18, jan./jun., 2001.	
Fonte secundária 4	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-graduação na área: anotações para uma reflexão. <i>Transinformação</i> , Campinas, SP, v.15, n.1, p.31-43, 2003b.	
Fonte secundária 5	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novas configurações do conhecimento e validação da informação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. <i>Anais ...</i> Salvador: Enancib, 2007.	
Fonte terciária 1	SALDANHA, Gustavo Silva. Entre o silêncio e o alarido: Wittgenstein na Ciência da Informação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, n.9, 2008, São Paulo. <i>Anais...</i> São Paulo: ENANCIB, 2008. Disponível em: < http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1020/Entre.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 14 dez. 2016.	
Fonte terciária 2	ODDONE, Nanci Elisabeth; MENEZES, Vinícios Souza. Situando a epistemologia social no contexto da ciência Contemporânea. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. <i>Anais ...</i> Rio de Janeiro: Enancib, 2010.	

Fonte terciária 3	SALDANHA, Gustavo Silva. Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação. <i>InCID</i> , Ribeirão Preto, SP, v.2, n.1, p. 47-67, jan./jun. 2011. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42334/46005 >. Acesso em: 14 dez. 2016.	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	Já que o homem encontra-se entre os objetos de assombro. A incerteza do mundo foi gerada pelo próprio homem que interroga a validade da coisa. A credibilidade sobre o que é o real é dada não pelo homem e sim pelo método ou caminho que leva a solução deste problema ou ignorância sobre o que é.	

Ficha de identificação de conceito 51

Estoques de informação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“Estes estoques seriam, assim, independentes da memória e da tradição (e, portanto, não atrelados aos anteriores detentores do poder e do saber, como o clero ou a monarquia ilustrada), e independentes do saber-fazer (diferenciados, enfim, do saber artesanal e do “senso comum” que é a memória cultural dos homens e mulheres sem títulos nem privilégios). [Estes seriam a produção e acumulação de conhecimentos gerados a partir da institucionalização da ciência.]”	
Definição contextual	“Estes estoques seriam, assim, independentes da memória e da tradição (e, portanto, não atrelados aos anteriores detentores do poder e do saber, como o clero ou a monarquia ilustrada), e independentes do saber-fazer (diferenciados, enfim, do saber artesanal e do “senso comum” que é a memória cultural dos homens e mulheres sem títulos nem privilégios).”	
Fonte genética 1	BRADFORD, S.C. <i>Documentation</i> . London, Crosby Lockwood, 1953.	
Fonte genética 2	RANGANATHAN, S.R. <i>Prolegomena to Library Classification</i> . Bombay: Asia Publishing House, 1967, esp. “Part P”, p. 351 e ss.	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995. P. 261.	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. A informação: dos estoques às redes. <i>Ci Inf.</i> , v. 24, n.1, 1995. Disponível em: < http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/8895 >. Acesso em: 15/12/2016.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 52

Inovação		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“O mais do saber receberá os nomes de “inovação”, “frente de pesquisa” (expressões em certa forma equivalentes a uma mais-valia social do trabalho intelectual), e será traduzido, aos poucos, em categorias económico-jurídicas, tais como “patente”, “royalties”, “joint-ventures”.	
Definição contextual	“O mais do saber receberá os nomes de “inovação”, “frente de pesquisa” (expressões em certa forma equivalentes a uma mais-valia social do trabalho intelectual), e será traduzido, aos poucos, em categorias económico-jurídicas, tais como “patente”, “royalties”, “joint-ventures”.	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 261	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	Frente de pesquisa	
Notas conceituais		

Ficha de identificação de conceito 53

Frente de pesquisa		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“O mais do saber receberá os nomes de “inovação”, “frente de pesquisa” (expressões em certa forma equivalentes a uma mais-valia social do trabalho intelectual), e será traduzido, aos poucos, em categorias económico-jurídicas, tais como “patente”, “royalties”, “joint-ventures”.	
Definição contextual	“O mais do saber receberá os nomes de “inovação”, “frente de pesquisa” (expressões em certa forma equivalentes a uma mais-valia social do trabalho intelectual), e será traduzido, aos poucos, em categorias económico-jurídicas, tais como “patente”, “royalties”, “joint-ventures”.	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p. 261	
Fonte secundária	---	
Fonte terciária	---	
Ver	Inovação	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 54

Comunicação científica		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[A comunicação científica é modelo orientado] a definir [e divulgar as] estruturas organizadoras do “emaranhado dos conhecimentos” [construídos pelas ciências em suas fragmentações e especializações.]	
Definição contextual	“As ciências são o grande laboratório da Ciência da Informação, que seria como espaço coletivo e instrumental de construção de seu objeto, a produção e uso das informações pela Ciência: nessa direção, poderia elaborar sua representação especializada, que teria como domínio a informação acerca das informações. Orientada a definir estruturas organizadoras do “emaranhado dos conhecimentos”, que teria na comunicação científica o modelo e o fim de sua realização.	
Fonte genética	---	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995.p.264-265. p. 266	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. <i>Dgz</i> , Rio de Janeiro, DF, v. 1, n. 6, p. Dez. 2000.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 55

Interface		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[Interface é] uma estrutura de transmissão, de traduções e de deformações. Não tem seu começo em redes digitalizadas: define, antes, múltiplos dispositivos de mediação das interações dos homens entre sim e com as coisas), e contribuem a sua padronização e simplificação, a efeitos de sua facilitação.”	
Definição contextual	“Frente ao “emaranhado das informações” (o que para nós é resultante de um “hiato comunicação/informação”), uma das principais tarefas seria hoje definir interfaces <u>de</u> e <u>para</u> a informação. Para Pierre Levi, uma interface é uma estrutura de transmissão, de traduções e de deformações. Não tem seu começo em redes digitalizadas: define, antes, múltiplos dispositivos de mediação das interações dos homens entre sim e com as coisas), e contribuem a sua padronização e simplificação, a efeitos de sua facilitação.”	
Fonte genética	LEVI, P. As tecnologias da inteligência. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.p.18	
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995. P. 266	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.2, p.7-31, jul./dez. 1999.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	---	

Ficha de identificação de conceito 56

Relação social		
Categorias	Conteúdos	Notas
Definição terminológica	“[...]de trás do conceito de interface, o conceito de relação[...] A relação social é a que situa o acontecimento informacional no tempo e no espaço, estabelece o “locus” de sua realização como cultura e como memória, numa função de potência ou de poder.”	
Definição contextual	“Destacamos, detrás do conceito de interface, o conceito de relação. Trata-se, porém, de um agir relacionante que tem como princípio detonante de sua forma e direção, a relação social. A informação, como operador de relação, carrega já em sua “forma” a própria relação social. A relação social é a que situa o acontecimento informacional no tempo e no espaço, estabelece o “locus” de sua realização como cultura e como memória, numa função de potência ou de poder.”	
Fonte genética	KANT. [...]	González de Gómez faz citação indireta a Kant porém não a referência bibliográfica correspondente a citação nas notas do artigo.
Fonte primária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Informação: a partir de que perguntas, em direção a quais respostas? <i>R. Bibliotecon. Brasília</i> , v.19, n.2, p. 257-268, jul./dez. 1995. p. 257 – 268. p. 260	
Fonte secundária	GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. <i>Informare</i> , Rio de Janeiro, RJ, v.5, n.2, p.7-31, jul./dez. 1999.	
Fonte terciária	---	
Ver	---	
Ver também	---	
Notas conceituais	“O limite do conhecimento possível é a possibilidade da experiência do sujeito conhecedor.” Citação indireta feita pela pesquisadora trazida de Kant, na p.260	